

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

MARCUS VINÍCIUS JACOB PAIVA

**OS IMPACTOS DAS BIBLIOTECAS VIRTUAIS SOBRE OS
HÁBITOS DE LEITURA E ESTUDO**

VITÓRIA

2008

MARCUS VINÍCIUS JACOB PAIVA

**OS IMPACTOS DAS BIBLIOTECAS VIRTUAIS SOBRE OS
HÁBITOS DE LEITURA E ESTUDO**

Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Barcharel em Comunicação Social.

Orientador: Prof^o Dr. José Antonio Martinuzzo

VITÓRIA

2008

MARCUS VINÍCIUS JACOB PAIVA

**OS IMPACTOS DAS BIBLIOTECAS VIRTUAIS SOBRE OS HÁBITOS
DE LEITURA E ESTUDO**

Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Barcharel em Comunicação Social.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profº Dr. José Antônio Martinuzzo
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Profº Dr. Fabio Luiz Malini de Lima
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Roberto Teixeira
Jornalista, especialista em Comunicação

À Madá e ao Roró, aos manos, à Carlota, à Turma do Alaor, aos mestres, aos colegas de trabalho e todos que povoaram e povoam minha vida.

Agradecimentos especiais à turma do PDL, sem a qual esse trabalho não seria possível.

“O bem de um livro reside em ser lido. Um livro é feito de signos que falam de outros signos, os quais por sua vez falam das coisas. Sem olhos que o leiam, um livro é portador de signos que não produzem conceitos, e, portanto, é mudo.”

Umberto Eco

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo avaliar como uma Biblioteca Virtual Gratuita pode interferir nos hábitos de leitura e estudo de seus usuários, servindo como referência para medir o potencial dessa ferramenta como democratizadora de conhecimentos. Partindo de um panorama geral sobre a Sociedade da Informação, suas tiranias e potencialidades, que geram fenômenos como as bibliotecas virtuais, mergulhamos na história das primeiras bibliotecas presenciais, passando pelos principais fatos, personagens e idéias que as trouxeram até aqui. O objeto de estudo que norteia todo o nosso trabalho é uma Biblioteca Virtual Gratuita e colaborativa denominada “Projeto Democratização da Leitura”, que desde 2002, entre quedas e retornos, serve como espaço de compartilhamento de livros digitais, protegidos ou não por direitos autorais. Com essa escolha, poderemos avaliar como os usuários reagem quando eles de fato podem aproveitar da liberdade da Internet para adquirir conhecimentos que seriam podados de outras formas. Mapeia o perfil do consumidor de livros digitais, seus hábitos e preferências de leitura e estudo e o papel do livro digital em tais processos. Através de dados quantitativos, faz um levantamento dessas tendências e, por meio de depoimentos dos mesmos usuários identifica impactos em comum, sem deixar de apontar idiosincrasias de relevo.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca virtual, biblioteca digital, democratização, direito autoral, e-book, livro digital, leitura, Internet.

ABSTRACT

The purpose of this work is to evaluate the interference of a Free Virtual Library in users' habits of studying and reading, in order to judge how this digital tool can democratize knowledge. The research starts showing a general panorama about Society of Information, which produces phenomenons such as Virtual Libraries. Then, it exhibits the history of first presencial libraries, presenting the most important facts and personages which have constructed the present ideas about libraries. The object of study in this work is a free and colaborative Virtual Library named "Projeto Democratização da Literatura". Since 2002, users visit this virtual library in order to share e-books, which are not necessarily protected by author's rights law. This work evaluates how users enjoy the knowledge offered by Internet, cataloguing the profile of Internet users who attends this Virtual Library. There are quantitative informations about users' preferences and features, as well as users' testimonials which show qualitative impacts.

KEY WORDS: Virtual Library, Digital Library, democratization, author rights, e-book, virtual book, reading, Internet.

LISTA DE TABELAS

Tabela 4.1 – Distribuição de usuários de Internet no Brasil e no PDL

Tabela 4.2 – Participação dos usuários no PDL por Estado.

Tabela 4.3 – Renda Familiar por classes, IBOPE.

Tabela 4.4 – Faixas de renda dos usuários do PDL

Tabela 4.5 – Fontes principais dos livros lidos, por escolaridade.

Tabela 4.6 – Fontes principais dos livros lidos por faixas de renda

Tabela 4.7 – Posse de livros x Faixa de renda.

LISTA DE GRÁFICOS E FOTOS

Foto 1 - Mundaneum e seu criador, Paul Otlet.

Figura 1 – Imagem dos fóruns da biblioteca.

Gráfico 1 – Lançamento de novas digitalizações, Grupo Digital Source.

Gráfico 2 – Faixa etária dos usuários do PDL

Gráfico 3 – Escolaridade dos usuários do PDL

Gráfico 4 – Participação de estudantes por estabelecimento de ensino.

Gráfico 5 - Principais locais de onde os usuários acessam a Internet.

Gráfico 6 – Sucesso na busca por livros em bibliotecas públicas

Gráfico 7 – Níveis de Sucesso na busca por livros por faixa de renda.

Gráfico 8 – Índices de leitura no PDL.

Gráfico 9 – Fonte principal dos livros lidos.

Gráfico 10 – Posse de livros não didáticos no PDL.

Gráfico 11 – Meio de leitura dos e-books

Gráfico 12 – Facilidade de busca no site.

Gráfico 13 – Principais experiências dos usuários no PDL

Gráfico 14 – Possibilidade de acesso através de outras fontes.

Gráfico 15 – Influência sobre o hábito de leitura.

Gráfico 16 – Probabilidade de não se ler um livro quando não encontrado na Internet.

Gráfico 17 – Recursos mais procurados quando se deseja ler um novo livro.

Gráfico 18 – Usuários que comprariam ou não um livro digital.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. TIRANIAS E LIBERDADES NA ERA DA INFORMAÇÃO	21
1.1. “Cultura da virtualidade real”	25
1.2. Potencialidades de transformação	28
2. DE ALEXANDRIA ÀS BIBLIOTECAS VIRTUAIS	34
2.1. As primeiras Bibliotecas Virtuais e as Bibliotecas Colaborativas	41
2.2 Conceito de Biblioteca Virtual	47
2.3 Vantagens e considerações sobre bibliotecas virtuais	50
2.3.1 Redução dos Custos	50
2.3.2 Ressuscitando livros esquecidos e fora de tiragem	51
2.3.2.1 Case Projeto CoCa	51
2.3.2.2 Case Série Perry Rodhan	52
2.3.3 Reduzindo diferenças – Leitores de tela para cegos	55
2.3.4. Audiobooks	56
2.3.5. Oportunidades para autores desconhecidos	57
2.3.6. Livros ainda sem tradução no país – Case Harry Potter	60
2.3.7. Contra-censura: Case “Roberto Carlos em detalhes”	61
2.4. Mais facilidades do livro digital e outros motivos para apostar nele	63
2.5. Breve panorama no mercado editorial no Brasil	63
3. BIBLIOTECA VIRTUAL GRATUITA – “PROJETO DEMOCRATIZAÇÃO DA LEITURA”	65
3.1. O que é	65

3.2. Estrutura e organização	67
3.3. Formação do acervo	69
4. O RETRATO DAS NOVAS PRÁTICAS.....	71
4.1 Perfil do usuário	71
4.1.1. Idade	71
4.1.2. Distribuição Geográfica	72
4.1.3. Escolaridade	74
4.1.4. Renda	76
4.2. Acesso	77
4.2.1. Local de acesso à Internet	78
4.2.2. Frequência em bibliotecas públicas	79
4.2.3. Frequência de Leitura	82
4.2.4. Posse de livros impressos	86
4.2.5. Meio de leitura dos e-books	87
4.3. Inovação e Originalidade	88
4.3.1. Facilidade de busca.....	88
4.3.2. Experiências de uso	90
4.3.3. Originalidade	93
4.3.4. Influência no hábito de leitura	94
4.3.5. Preferências de Leitura	96
4.3.6. Potencial de mercado do livro digital	98
4.3.7. Impactos e depoimentos pessoais	101
4.3.7.1. Dificuldades financeiras	102

4.3.7.2. Dificuldades geográficas e estruturais	104
4.3.7.3. Dificuldades Editoriais	105
4.3.7.4. Dificuldades Particulares	105
4.3.7.5. Ensino	106
4.3.7.5 Pesquisa e Estudo	107
4.3.7.6. Leitura	108
CONCLUSÃO	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
GLOSSÁRIO	117
ANEXOS	
I – Questionário da pesquisa.....	120
II – Coletânea de alguns depoimentos	127

INTRODUÇÃO

A explosão das tecnologias digitais da informação alterou dramaticamente a forma como as pessoas compreendem e se relacionam com o mundo. As comunidades virtuais são hoje meios poderosos de mobilização social e política, estudo, trabalho, relacionamentos e lazer.

Praticamente qualquer aspecto da vida moderna que possa ser analisado já sofreu em alguma medida os impactos dessas tecnologias. Governo, escolas, instituições sociais e empresas de todos os tipos têm na Internet seu instrumento básico de trabalho para chegar aos mais remotos confins do planeta, ensinar de uma forma mais rica ou aumentar sua produtividade. Isto se deve principalmente ao fato de que grande parte do que fazemos no dia-a-dia tem como ingrediente básico a informação.

A Internet é uma mídia que quebra todos os antigos paradigmas da cultura industrializada. Criada para ser descentralizada e continuar operando com segurança, mesmo sob ataques em sua estrutura física, a Internet se tornou o único meio de comunicação capaz de dar, potencialmente, a mesma oportunidade de voz a uma grande empresa ou a uma única pessoa. Tornou-se também o lugar onde praticamente não existe censura, por falta de meios viáveis para isso, e onde seus usuários podem trocar os bens culturais que durante centenas de anos foram privilégio de quem podia pagar por eles. Historicamente estimulados pela mídia tradicional a consumir os produtos desta indústria cultural, os novos consumidores podem acessar – de graça – não somente os arrasa-quarteirões, mas também todo um universo de bens culturais que nunca foram para as prateleiras, para a televisão e que jamais saíram nos jornais.

Enquanto vemos a popularização do acesso à mídia digital devido à redução dos custos dos equipamentos, a chegada da Internet às escolas de todo o país e o surgimento dos telecentros de acesso público à rede, somos obrigados a reconhecer a falência do governo em prover sua população com as ferramentas tradicionais de inclusão cultural, como as bibliotecas, o tema de estudo deste trabalho de conclusão de curso, na plataforma digital.

Ao brasileiro, faltam bibliotecas públicas de qualidade, cinemas e teatros com preços acessíveis e todo o suporte informacional capaz de formar um cidadão mais crítico, consciente e apto a competir no mercado de trabalho. A média de leitura de um brasileiro é pífia, e a maioria só tem contato com os livros didáticos do período escolar. Sabemos que no país não existe uma cultura de leitura, e se as escolas falham em introduzir seus alunos neste universo e as crianças não tem estímulo na família, em grande parte é pela precariedade das bibliotecas públicas e escolares e pela baixa renda da maioria da população. Segundo estudo da Unesco (FIORE, 1998), o preço do livro e o acesso ao mesmo ocupam respectivamente a terceira e a quarta posição em uma lista de cinco fatores críticos para o estabelecimento do hábito de leitura de uma pessoa ou povo, sendo o primeiro e segundo lugares ter nascido em uma família de leitores e estudado em um sistema escolar preocupado com o hábito da leitura.

Se, como observou Darcy Ribeiro, o livro é a maior invenção da história e a base de todas as outras conquistas da civilização, e considerando que a informação é o bem mais precioso de nossa era, um estudo sobre formas de democratizar o acesso aos mesmos e possíveis alternativas para vencer décadas de atraso em uma sociedade desigual como a brasileira, mostra-se justificável. Partimos da hipótese de que as bibliotecas digitais têm o potencial de provocar mudanças no hábito de leitura e ampliar o acesso a livros.

Muito se tem falado sobre os benefícios e potencialidades das bibliotecas virtuais, tomando-se como premissas os recursos básicos da tecnologia. Potencialmente, é presumível que um recurso que possibilite acesso a uma informação de qualquer parte do mundo fatalmente democratizará o acesso a ela. Podemos, com poucos conhecimentos técnicos sobre o assunto, discorrer sobre as possibilidades de reduzir os custos em relação a uma biblioteca convencional. Qualquer pessoa tem idéia sobre o que os computadores domésticos podem armazenar, como eles podem ajudar na educação, vencer barreiras geográficas, culturais e financeiras. Mas isto realmente está acontecendo? As nossas bibliotecas virtuais têm possibilitado melhorar o nível de leitura de seus usuários? Estariam elas, como acreditamos, estimulando a procura por novos escritores, ajudando na leitura e no

estudo, na medida em que podem oferecer um conteúdo muito mais amplo, em um espaço livre da ditadura da rentabilidade e do lucro?

Este estudo tem como objetivo entender como é essa sociedade em que a informação é o combustível de todas as relações do dia-a-dia, fazer um breve histórico sobre a evolução da produção e distribuição gratuita de livros na Internet e sistematizar as potencialidades desse tipo de conteúdo. Mas, acima de tudo, tem como objetivo traçar um perfil do usuário de bibliotecas virtuais no Brasil, e os impactos reais das mesmas sobre este público e como elas estão ou não contribuindo para seus hábitos de leitura e estudo.

Utilizaremos como objeto de estudo um tipo muito especial de biblioteca virtual, que chamaremos de biblioteca colaborativa. Trata-se de um tipo de biblioteca que possui na liberdade da Internet sua principal arma. A escolha não é por acaso. Ao buscarmos saber dos benefícios que o meio digital pode trazer aos hábitos de leitura e estudo, precisamos analisar um tipo de biblioteca em que realmente seja possível aplicar todas as vantagens do acesso irrestrito e descentralizado, da pluralidade de autores, do espaço ilimitado, da liberdade de escolha. Em nenhuma outra iniciativa isso poderá ser mais bem demonstrado do que na biblioteca colaborativa feita de usuários para usuários. A grande questão não é quantas pessoas poderão ler Dom Casmurro, que, sob domínio público, está disponível na Internet e em qualquer biblioteca física do país. Desejamos saber como a oportunidade de ter J.K. Rowling, Paulo Coelho, Dostoiévsk, Tolkien, Saramago, ou qualquer outro autor a um clique do mouse pode afetar a vida das pessoas.

Para isso, tomamos como objeto de estudo a Biblioteca Virtual “Projeto Democratização da Leitura – PDL” que existe desde 2002 e é hoje um grande depósito de muito do que se produz em livros virtuais em português na Internet. Tendo mais de 50 mil usuários cadastrados, o PDL é espaço de troca. Não hospeda nenhum livro, mas os usuários podem usar o fórum para enviar seus livros digitalizados ou baixar os que já foram para o acervo.

Com a colaboração da equipe de moderadores do site, adicionamos durante os meses de outubro a dezembro de 2007 um questionário que podia ser respondido on-line. A pesquisa tinha como principal objetivo traçar o perfil do público

freqüentador do PDL, suas preferências e hábitos. As perguntas fechadas proveriam dados gerais estatísticos, e os visitantes tinham oportunidade de expressar suas próprias opiniões através de perguntas abertas, como, por exemplo, dar algum depoimento de como o site teria ou não afetados seu trabalho, seus estudos ou seu hábito de leitura.

O questionário foi elaborado tomando como base o questionário da dissertação de Mestrado de Luciana Maria Allan Salgado, um estudo dos usuários e da estrutura da Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro da USP, com adaptações para a nossa realidade e para as questões que desejamos responder. Seu questionário levou em consideração a necessidade de uma abordagem que desloque a análise do sistema para a ótica do usuário, seus problemas pessoais e os resultados alcançados pelo sistema ao pretender mudar aquela realidade individual. É uma abordagem em que o usuário fornece sua própria visão, que leva em consideração toda sua experiência anterior e suas necessidades particulares. Esta é a abordagem *Sense-Making*, proposta por Dervin. Salgado utiliza ainda um segundo modelo, denominado ACTIONS e proposto por Bates. Com esse modelo, Bates defende que é possível analisar “as resistências que podem ser apresentadas por futuros usuários e os pontos fracos de cada tecnologia, oferecendo compreensão do uso da tecnologia para fins educacionais, custos comparativos e análise de cada um deles” (SALGADO, 2002).

Deste modelo, temos sete pontos de referência para elaboração das questões. O Acesso (Access), que consiste em conhecer quem acessa o site e saber o quanto é democrático este acesso; os Custos (Costs), que se relaciona com quanto o usuário precisa gastar por este acesso; Funções de Aprendizagem (Teaching Functions), que responde que tipo de informação o usuário está procurando e que uso fará dela; Interatividade e uso amigável, que diz respeito à facilidade que o usuário tem em encontrar e usar o que procura; Assuntos Organizacionais (Organizational Issues), que questiona como a estrutura do suporte midiático pode se adaptar para melhor atender o usuário; Originalidade (Novelty), que mede o quanto o suporte é realmente original e inovador; e, por fim, Velocidade (Speed), que diz respeito a o quanto é rápido todo o processo.

Para efeitos de estudos, também foi feito um mapeamento do acervo do PDL, a frequência com que o acervo era atualizado, sua estrutura organizacional e solicitamos à equipe dados estatísticos, como quantidade de visitantes por dia, número de *downloads* etc.

Organizamos nossas reflexões e estudos da seguinte maneira: o capítulo 1 traçará um breve panorama sobre a sociedade da informação, que gera fenômenos como as bibliotecas virtuais. Abordaremos como a informação ocupa um papel central em nossa sociedade, na formação política e cultural dos indivíduos, na estruturação dos valores, na construção da democracia e na competitividade de mercado. Veremos como as tecnologias *web* permitem a construção de um novo capitalismo, que fecha antigas portas e abre outras tantas, e o novo papel das pessoas neste contexto. Utilizaremos como referência base os estudos de Castells, em especial seu conceito de Cultura da Virtualidade Real, os conceitos de Sodré sobre a Sociedade Midiatizada, entre outros atores que contribuíram para o tema, como Kellner, Moraes e Ramonet. Para analisar como os produtos culturais e como suas antigas formas de comercialização são afetadas pela democratização das ferramentas de produção, usamos o pensamento de Chris Anderson e seu conceito de Cauda Longa.

No capítulo 2, resgatamos o histórico das bibliotecas presenciais às virtuais, seus principais fatos ao longo do tempo, seus precursores e as idéias visionárias que se materializaram nas possibilidades que temos hoje. Estabelecemos o conceito de biblioteca virtual, seus principais tipos e suas vantagens em relação às bibliotecas presenciais. Para ilustrar essas vantagens, sempre que possível, oferecemos um exemplo prático, extraído de nosso objeto de estudo ou da experiência empírica com a questão. Neste capítulo, contaremos com a contribuição de diversos autores que escreveram sobre o assunto, alguns deles antes mesmo delas se tornarem uma possibilidade real. Tendo como objetivo retomar as potencialidades dessa via antes mesmo de analisar seu real impacto, concluímos o capítulo com um breve panorama sobre o mercado editorial, e o papel de leitores, escritores, editores, editoras e livrarias dentro dele.

O capítulo 3 contém uma descrição sobre a estrutura e funcionamento do nosso objeto de estudo. No quarto e último capítulo, apresentamos a análise dos dados obtidos nesta pesquisa, que servirão para comprovar ou não as hipóteses

levantadas sobre tema. Além dos dados estatísticos, selecionaremos o que de melhor encontramos nos depoimentos espontâneos dos visitantes, dando voz a quem de fato constitui a maior preocupação deste trabalho.

Depois de termos a oportunidade de freqüentar e participar das discussões do PDL, e de nos beneficiarmos de muitos livros e conhecermos muitas pessoas que da mesma forma encontraram no compartilhamento a melhor maneira de ter acesso a uma cultura que lhes era vetada, acreditamos que esta pesquisa possa revelar uma história inspiradora. Inspiradora de futuros trabalhos e discussões sobre o assunto, além de promover iniciativas semelhantes. A este pesquisador, a experiência foi estimulante. Após conhecer a simplicidade do projeto pude desenvolver a biblioteca virtual do Projeto CoCa, que apesar de pequena atende a demanda pela qual foi criada, possibilitando o acesso irrestrito a uma coleção que estaria limitada pelas deficiências na tiragem e na distribuição.

O meio virtual é farto e promissor, tanto para novos negócios quanto para novas formas de combate à desigualdade. Mesmo sabendo que ainda há muito o que evoluir para criar um sistema educacional coerente e uma distribuição do conhecimento mais justa, acreditamos que nunca houve na história uma oportunidade melhor do que esta que está a pleno vapor. Por fim, este trabalho é sobre o pouco que tem sido feito por usuários anônimos, com poucos recursos, scanners domésticos e conexões ainda precárias, para que se imagine o que os grandes gigantes da informática poderiam oferecer caso seja encontrada uma solução viável para substituir o ultrapassado modelo de direito autoral, que sufoca a população, os escritores e restringe a produção de novos conhecimentos.

1. TIRANIAS E LIBERDADES NA ERA DA INFORMAÇÃO

A Era da Informação é o tempo de um mundo interligado pela tecnologia, onde as informações veiculadas pelos grandes grupos de mídia determinam o que é falso ou verdadeiro, o que é bom ou ruim, vilões e bandidos, o que deve ser louvado e idolatrado e o que sequer deve ser exibido ou esquecido. Neste capítulo procuraremos abordar as principais características desta nova sociedade construída pelos meios de comunicação, moldada sobre a égide do consumo, da moda, do instantâneo e do fugaz. Trataremos como o aparato comunicacional pode distorcer a realidade, promover espetáculos midiáticos em detrimento à informação e à crítica. Por outro lado, analisaremos o papel das novas tecnologias no surgimento de alternativas à tirania do mercado de massa, tanto do ponto de vista comunicacional quanto de consumo. Trata-se, portanto, de uma breve radiografia sobre uma sociedade que, apesar de dominada pela ditadura da informação, também assiste ao surgimento de elementos de resistência dentro das mesmas ferramentas de produção.

Como mostra Castells, culturas consistem em processos de comunicação, sendo que estes são baseados na produção e consumo de sinais. Ele diz que vivemos em um ambiente de mídia, no qual quase todos os estímulos simbólicos vêm dos meios de comunicação. Sendo assim, por formar o tecido simbólico de nossas vidas, a mídia tenderia a afetar o nosso comportamento como a experiência real afeta os sonhos. A mídia é um espelho de nossa cultura, ao passo que nossa cultura são todos os sentidos construídos em torno do que pauta a mídia. Castells afirma que a comunicação “decididamente molda a cultura [...], porque nós não vemos [...] a realidade [...] como ‘ela’ é, mas como são nossas linguagens. E nossas linguagens são os meios de comunicação [...]” (CASTELLS, apud POSTMAN, 1985, p.15). Eles são nossas metáforas, que criam o conteúdo de nossas culturas. Assim, o surgimento de um sistema de comunicação de alcance global é capaz de mudar radicalmente a cultura de uma sociedade. Das teletelas de George Orwell aos televisores que transmitem a programação de um reduzido número de mega-corporações, o que é transmitido logo adquire o aval da verdade.

Toda e qualquer forma de comunicação é mediada (Sodré, 2006). Mediação é tão somente uma ponte. É a linguagem, a fala, e todo tipo de símbolo utilizado para racionalizar uma idéia. Já vivemos a era da comunicação oral. Passamos pela era da mediação escrita. Depois da invenção da imprensa, chegamos à era da comunicação de massa, através da TV e do rádio. E por fim tem início uma nova era, a era da comunicação digital. A diferença está no potencial transformador da mediação de cada era. Da influência interpessoal, passamos à comunicação global de massa e desta para a comunicação de nichos.

Baseada na lei do menor esforço, a TV foi capaz de criar “uma nova galáxia de comunicação” e transformar-se no centro cultural de nossa sociedade, porque trouxe uma nova linguagem e capacidade de difusão. Ao contrário do meio tipográfico, propício à reflexão, a explosão das grandes empresas de comunicação, lideradas pela TV, propiciou incorporar sons e imagens, pulverizando a informação e tornando o entretenimento a ideologia de todo o discurso. A difusão da TV nas três décadas após a Segunda Guerra Mundial tornou democrático e inteligível o discurso, ao mesmo tempo em que planificou a mensagem, no denominador comum mais baixo. Foi a época das grandes audiências, em que a TV era um fim em si, ou seja, como afirmou McLuhan, o meio era a mensagem. O aparato audiovisual era mais importante que a mensagem.

A evolução tecnológica comunicacional, começada pelo surgimento do videocassete, câmeras filmadoras e a multiplicação dos programas e canais de TV, teve como conseqüência mais imediata a redução dramática dos índices de audiência, diversificação dos públicos e segmentação para atender a uma platéia dispersa. Sendo assim, a mensagem sobrepujou o meio, ou seja, o conteúdo ganhou mais importância do que o meio em que estava sendo exibido; as características do conteúdo passam a moldar as características do meio. Chris Anderson (2006) mostra que em 1954, 74% das famílias americanas com televisores assistiam “*I Love Lucy*”. Hoje, o programa de maior audiência nos EUA, *CSI*, não atinge 15% e todos os grandes filões de audiência de outrora não são nem sombra do que já foram. No entanto, como mostra Castells (2002), a diversidade relativa de mensagens não implica necessariamente em diversidade de emissores. O resultado da concorrência e concentração desse negócio é que, embora a audiência tenha

sido segmentada e diversificada, a televisão tornou-se mais comercializada e oligopolística do que nunca.

Outra consequência da segmentação e pulverização das audiências, principalmente depois do surgimento da Internet, é a espetacularização. A busca pela audiência a qualquer preço, em uma era em que as atenções estão cada vez mais dispersas e a competição pelo mercado é cada vez maior, leva a mídia a produzir verdadeiros espetáculos midiáticos, marcados pelo exagero. É preciso chocar, comover, mostrar. Segundo Kellner (2006), o espetáculo está em todos os níveis da sociedade, das celebridades às grandes reportagens jornalísticas, passando pelos espetáculos mercadológicos das grandes marcas, que nos convidam a incorporá-las para promover nosso próprio espetáculo pessoal. Para o autor, o espetáculo é o momento em que o capitalismo atingiu a ocupação máxima da vida social.

O espetáculo elege celebridades, estrelas e modelos em que o público possa projetar suas ambições, suas fraquezas. Busca-se a audiência pela comoção, pelo particular, pelo sórdido, pela intriga. A máquina é colocada para trabalhar a serviço da especulação e da não informação, em detrimento de fatos relevantes, mas de pouco retorno financeiro. Dessa forma, as redes competem entre si para revelar, bisbilhotar e chafurdar em qualquer assunto que possa lhes render uns bons pontos de audiência, sob pena de serem passadas para trás.

Para os grandes grupos de mídia, a informação nada mais é que mercadoria. E como toda mercadoria, ela deve ser rentável. Esse julgamento é feito pelo número de pessoas que possam se interessar, pelo ineditismo, pela instantaneidade e pelo impacto emocional capaz de causar. “É verdadeiro o que o conjunto da mídia acredita como tal”, cita Ramonet (1999, p.18) em seu “A Tirania da Comunicação”.

A sociedade do espetáculo é “uma sociedade de consumo organizada em torno da produção e consumo de imagens, mercadorias e eventos culturais”, afirma Kellner (2006). A tecnologia é a mola mestra da credibilidade jornalística, da auto-afirmação pessoal e da competitividade. Ramonet (1999, p.14) cita um slogan usado pela CNN, *Slow news, no news*, para mostrar a tirania da notícia em tempo real, o milagre em escala planetária que transmite uma aparente onisciência da mídia. Se um fato

pode ser visto, transmitido, e se o repórter está no local, e se alguém que o testemunhou pode falar a respeito, isso deve ser verdadeiro.

Para Sodré (2006), o poder da imagem nas sociedades globalizadas, onde a lógica comunicacional é dominada pelas tecnologias, é tão grande que poderia adicionar uma quarta dimensão na classificação aristotélica das formas de vida:

Em sua *Ética a Nicômano*, Aristóteles concebe três formas de existência humana (bios) na Pólis: bios theoretikos (vida contemplativa), bios politikos (vida política) e bios apolaustikos (vida prazerosa). A mídiatização pode ser pensada como um novo bios, uma espécie de quarta esfera existencial, com uma qualificação cultural própria (uma tecnocultura) (p.22).

Aqui, é importante explicar a visão do autor sobre a natureza deste poder informacional, que talvez possa fornecer um olhar mais crítico sobre o poder de transformação social das novas tecnologias. Para Sodré, a democratização (ou qualquer outro ponto de fuga para o *status quo* monopolista) não se obtém com a multiplicidade técnica de canais, uma das potenciais vantagens da era da informação, nem com uma legislação liberal aplicada às telecomunicações, nem mesmo pela concentração de espaços das redes virtuais que faz os “grandes” equivalerem aos “pequenos”. Vale a citação:

É que a tecnocultura — essa constituída por mercado e meios de comunicação, o quarto *bios* — implica uma nova tecnologia perceptiva e mental, portanto, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com as referências concretas e com a verdade, ou seja, uma outra condição antropológica. Do ponto de vista da mídia tradicional — televisão e entretenimento, basicamente — o poder da tecnocultura é homólogo (e a homologia não se dá por acaso, passa pelo vetor do mercado) à hegemonia norte-americana no Ocidente, que reside em sua capacidade de formar a agenda política e noticiosa internacional, de produzir em seus laboratórios e indústrias a maior parte dos objetos da economia midiática e de atrair as consciências para uma forma de vida sempre modernizante por vias do liberalismo democrático e do consumo (p. 23).

Essa “condição antropológica” implica que da mídia não parte apenas influência normativa. Não é só uma questão de detenção e monopólio das ferramentas de comunicação. Da mídia partem influências emocionais e sensoriais. Identidades pessoais, comportamentos e até juízos de natureza supostamente ética passam pelo crivo invisível do gosto midiático. Ela molda nosso sentido de presença no

mundo, nosso espaço humano de realização, e a vida de modo geral. É “tão importante na formação do sentimento de estabilidade psíquica e de fidedignidade a valores e princípios que pode confundir-se com a própria vida”, afirma. A prescrição moral vem implícita, mesmo que seja heterogênea e difusa, e continua pautando ações e condutas.

1.1. “Cultura da virtualidade real”

Se culturas consistem em processos de comunicação e mediação simbólica, como mostra Castells, não há separação entre “realidade” e representação simbólica. “A realidade, como é vivida, sempre foi virtual porque sempre é percebida por intermédio de símbolos formadores da prática com algum sentido que escapa à sua rigorosa definição semântica” (CASTELLS, 2002, p.459). Segundo Levy (2002), o virtual é o que existe enquanto potência, que tende a atualizar-se. Ao contrário do possível, que está todo construído e só lhe falta a materialidade, o virtual pertence ao campo da criação. Pede como resposta o atual e não o real. Ele fornece as tensões para o processo criativo, que é a atualização. O virtual é dinâmico, sujeito a transformações particulares. O autor ilustra o conceito com um exemplo de um programa computacional que precisa resolver determinado problema. A programação em si, com seus códigos e funções pré-definidas, pertenceria ao possível. O virtual seria a solução particular de cada grupo de programadores para o problema. Por sua vez, o uso que cada grupo de usuários faz do programa, com suas vivências e necessidades particulares, também vai pertencer ao campo do virtual, porque será diferente e única para cada um.

O virtual está em constante atualização, pois suscita novas problemáticas, novas soluções, incontrolláveis e mutantes. Levy aborda especificamente a virtualidade do texto, sendo texto qualquer discurso elaborado ou com propósito deliberado, sob qualquer forma de representação simbólica:

Desde suas origens mesopotâmicas, o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico. Essa entidade virtual atualiza-se em múltiplas versões, traduções, edições, exemplares e cópias. Ao interpretar, ao dar sentido ao texto aqui e agora, o leitor leva adiante essa cascata de atualizações. Tal é o trabalho da leitura: a partir de uma linearidade ou de uma latitude inicial, esse ato

de rasgar, de amarrotar, de torcer, de recosturar o texto para abrir um meio vivo no qual possa se desdobrar o sentido. O espaço do sentido não preexiste à leitura (Levy, 2002, p.35).

Quando lemos, criamos novos sentidos, conectamos o texto a todo um universo de vivências, relacionamos idéias dentro do próprio texto. Levy diz que uma tecnologia intelectual quase sempre exterioriza uma função cognitiva, uma atividade mental. “Assim fazendo, reorganiza a economia ou a ecologia intelectual em seu conjunto e modifica em troca a função cognitiva que ela supostamente deveria apenas auxiliar e reforçar”, defende (p.38).

Com essa contribuição de Levy, podemos compreender melhor o que Castells chama de “Cultura da Virtualidade Real”. Sendo uma tecnologia intelectual, a tipografia ajudou a transformar a sociedade, gerando um acúmulo sem precedentes de conhecimentos, construindo a cultura e modificando a forma como o homem se relacionava com o mundo. Nas novas tecnologias intelectuais,

a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais num mundo do faz de conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência (CASTELLS, 2002, p.459).

É certo que vivemos uma era em que o sistema informacional perpassa e transforma todos os aspectos de nossas vidas, mas antes de abordar as diversas possibilidades abertas pela era da informação, é necessário que se tome uma posição crítica quanto ao seu papel transformador. Muitas vezes vista como o ponto de fuga para toda a tirania comunicacional citada anteriormente, não lhe faltam defensores apaixonados, que alardeiam a chegada de uma nova ordem, onde a informação é livre, democrática, as diferenças podem ser ouvidas e a desigualdade minimizada. Castells, por ocasião do V Fórum Social Mundial, alertou que como todo processo de transformação histórica, “a era da informação não determina um curso único na história humana, suas características dependem do poder de quem se beneficia em cada uma das múltiplas opções que se apresentam” (2006, p. 225). Neste artigo, ele mostra o paradoxo de que o momento de eclosão das tecnologias da liberdade seja também o momento que se acentuam as diferenças entre incluídos e não-incluídos.

Como observa Dênis de Moraes em artigo do mesmo livro (Moraes, 2006, p.46), não adianta pôr em relevo a televisão segmentada e o download de filmes pela Internet, ignorando-se que Hollywood detêm 85% do mercado cinematográfico mundial e 77% das programações culturais da América Latina provêm de conglomerados americanos. Cita ainda dados que mostram as disparidades globais no acesso à Internet: enquanto América do Norte e Europa possuíam 64% dos internautas, a América Latina ficava com 6% e a África com míseros 2%. Uma única edição do New York Times possui mais informação que um negro africano adquire em toda sua vida. O autor cita ainda que a massa de conhecimento da humanidade cresce 100% a cada cinco anos, com tendência a dobrar a cada 90 dias dentro de 10 a 15 anos. Sobre a realidade de contradição, o autor escreve que

Os mais indulgentes diriam que, apesar dos pesares, a multiplicação de conteúdos permite uma fusão nada desprezível de avanços tecnológicos e demandas culturais. Sem ignorar a observação, seria o caso de ponderar: a) os usufrutos dependem de acessos e capacidades de discernimento frequentemente desiguais; b) se duas dezenas de conglomerados transnacionais controlam dois terços da produção mundial de informação e entretenimento, a descentralização se inscreve mais na órbita das exigências mercadológicas globais do que propriamente na variedade qualitativa dos conteúdos. Fica claro que a diversificação da produção simbólica guarda estreita proximidade com a comercialização em grandes quantidades lucrativas (p.45).

Neste mundo de incluídos e excluídos do acesso e apropriação da informação (textos, imagens fixas e em movimento, áudios), o capital avança na oferta e na indução de itens de consumo – aos incluídos, diga-se –, missão que encontra espaço farto no mundo digital. Os avanços tecnológicos deflagaram a possibilidade de atender a qualquer desejo de consumir. Colocam fim a uma era de escassez, em que mesmo as grandes potências midiáticas eram limitadas pelo espaço das prateleiras. Para explicar esse novo potencial de mercado, Chris Anderson cunhou o termo “Cauda Longa” (Anderson, 2006). Trata-se de uma teoria de que a partir do momento em que se pode oferecer tudo, em que o espaço é ilimitado, pode-se oferecer uma profusão de produtos que, se colocados nas prateleiras, não seriam economicamente viáveis. Juntos, todos esses produtos que eram cortados pelo espaço físico das prateleiras, das salas de cinema, das TVs ou das rádios passam a fazer frente aos grandes *hits*, aos campeões de audiência e vendas. Trata-se do

capitalismo fragmentado ao nível do indivíduo, e que tem como suporte os mesmos recursos que permitem que usuários compartilhem informações, arquivos, etc.

É claro que, para os incluídos, descortina-se um paraíso de consumo nunca sonhado. Além disso, sendo a Cauda Longa um fenômeno típico de produtos culturais digitalizáveis que tem seu custo de distribuição muito próximo do zero, nos deparamos com a possibilidade de redução dramática do preço de acesso a esses bens, quando os mesmos não são propositalmente distribuídos de graça.

1.2. Potencialidades de transformação

Feitas nossas ressalvas quanto ao acesso e a capacidade de assimilação e usufruto desiguais das novas tecnologias, entramos agora no potencial transformador da Internet, tema central deste trabalho. A crença de que a Internet pode ser um poderoso meio de transformação social e de que seu poder de penetração é maior e mais democrático que qualquer outro, podendo expandir-se com o progressivo barateamento da tecnologia e com políticas públicas de popularização da *web*, nos faz pensar que muito se pode construir usando os recursos da era da abundância. Para Castells (2002, p. 439),

a Internet tem tido um índice de penetração mais veloz que qualquer outro meio de comunicação na história: nos Estados Unidos, o rádio levou 30 anos para chegar a sessenta milhões de pessoas; a TV alcançou esse nível de difusão em 15 anos; a Internet fez em apenas 3 anos [...] O resto do mundo está atrasado em relação à América do Norte e os países desenvolvidos, mas o acesso à Internet e seu uso os estavam alcançando rapidamente nos principais centros metropolitanos de todos os continentes.

No Brasil, esta expansão é notória, o número de internautas cresce a cada dia e segundo pesquisa do Ibope-NetRatings em nenhum outro país se acessa mais a rede por mais tempo, com mais de 23 horas mensais. O mesmo release mostra que já chega a 39 milhões o número de internautas ativos no país, incluindo todos os ambientes de acesso (IBOPE, 2007).

A Internet é uma construção coletiva, pública e livre desde suas origens. Justificando a alcunha de “virtual”, em toda a amplitude do conceito de Levy, ela está em

constante atualização, criando uma linguagem simbólica que impregna nossa cultura. Tem-se revelado como a principal arma para se obter informações alternativas, de fontes diferentes, uma vez que na *web* os espaços são mais democráticos. Muitas notícias importantes só são pautadas pela mídia porque se proliferam antes pela rede. Ela possibilita também uma liberdade de expressão nunca vista, que rivaliza com os grandes veículos de comunicação. No ranking dos sites mais populares, os grandes filões da mídia como a CNN são superados por *blogs* e sites colaborativos (Anderson, 2006). Guardando-se as devidas ressalvas quanto ao acesso a esse meio, é fato indiscutível que a Internet cada vez mais está pautando a mídia. Os grandes produtos da indústria cultural podem ser baixados de graça: filmes, músicas, livros. Documentários proibidos são colocados on-line, softwares colaborativos, como o Mozilla Firefox, alargam terreno, abocanhando a cada dia a glória do Internet Explorer, cujos programadores não conseguem fazer frente a milhares de usuários trabalhando juntos para melhorar um mesmo programa. Sites de notícias colaborativos também crescem. Cada internauta pode virar jornalista, e tem a capacidade de contestar e opinar o texto alheio. Ao invés das limitações do broadcast, a Internet possibilita comunicação infinita a custo praticamente zero. Se uma emissora está limitada pelo espaço de tempo de 24h, na Internet esse limite não existe.

Se a Guerra do Golfo foi totalmente manipulada, na última intervenção americana no Iraque os casos de denúncias, mortes “acidentais”, erros de alvo e abusos contra prisioneiros foram espalhados pela Internet. O esforço de se bater uma foto com uma câmera digital e colocá-la na rede é praticamente nulo. Nessa conclusão, não se deseja, obviamente, atribuir à Internet o papel de redentora de toda a “tirania”. Referimos apenas a um potencial democrático jamais possível em outros meios. Acreditamos que graças a ela os grandes grupos produtores da cultura de massa precisarão rever suas posturas. Acreditamos também que os jornalistas poderão ganhar em liberdade e exercer um jornalismo mais ético, que fale direto à sociedade.

Na Internet, a lógica da Cauda Longa não atinge só os produtos de consumo. Toda sua estrutura de conteúdo segue a mesma tendência, com os grandes portais de notícias, variedades ou mesmo *blogs* famosos capitando uma grande atenção, e uma profusão de pequenos produtores capitando pequenas, mas relevantes

audiências, pois para eles essas são as pessoas que realmente importa atingir. Citando Richard Posner, Anderson destaca que

os *bloguistas* são capazes de especializar-se em determinados tópicos com a profundidade a que podem chegar apenas alguns poucos jornalistas das empresas de mídia, uma vez que, quanto mais os jornalistas se especializam, mais jornalistas as empresas teriam de contratar para conseguir cobrir todas as bases. Um jornal não contratará um jornalista por seu conhecimento sobre velhas máquinas de escrever, mas muita gente na *blogosfera* tem esse conhecimento esotérico e foram eles que derrubaram Dan Rather. O que realmente incomoda os jornalistas tradicionais é que, embora os *blogs* isoladamente não ofereçam garantia de exatidão, a *blogosfera* como um todo dispõe de melhor máquina de correção de erros do que a mídia convencional. A rapidez com que se colige e se seleciona vasta massa de informações deixa a mídia convencional na poeira. Além da existência de milhões de *blogs* e de milhares de *bloguistas* especializados, os leitores, ainda por cima, postam comentários que enriquecem os *blogs*, e as informações contidas nesses comentários, como as existentes nos próprios *blogs*, percorrem a *bloglândia* à velocidade das transmissões eletrônicas.

Com a liberdade e facilidade de publicação, Anderson destaca a importância dos filtros e de sistemas de referência e indicação. Não basta que uma informação exista, ela precisa ser encontrada. A lógica que a *web* opera é a de que quanto mais *links* apontarem para uma página, primeiro ela aparecerá nos mecanismos de busca. Os grandes sites do varejo desenvolveram sofisticados mecanismos de indexação e relacionamento de conteúdos, aprendendo com os hábitos de consumo de seus usuários e passando a indicar conteúdos semelhantes, ao gosto do usuário. Se a primeira regra da Cauda Longa é disponibilizar tudo, a segunda é ajudar a encontrar tudo.

Das lições que o autor retira do fenômeno ele enumera uma lista de “armadilhas mentais”, causadas pela mentalidade da escassez, que vale a pena reproduzir aqui, pois muitos dos itens serão recorrentes ao longo de nosso trabalho. Eis:

- Todos querem ser estrelas.
- Todos estão em busca de dinheiro.
- Se não for sucesso, é fracasso.
- O único sucesso é o sucesso de massa.

- "Direto para o vídeo" = ruim.
- "Autopublicação" = ruim.
- "Independente" = "Não conseguiram fazer negócio".
- Amador = amadorismo.
- Baixas vendas — Baixa qualidade.
- Se fosse bom, seria popular.

Dos quatro primeiros itens, extraímos uma das principais lições dessa nova realidade, que leva o autor a afirmar que estamos saindo da era da informação para a era da reputação. O dinheiro deixa de ser a única moeda de troca, sendo substituído pela busca do reconhecimento entre pares, ganho de reputação, sentimento de comunidade, que podem ser convertidos em outras coisas de valor, como trabalho, estabilidade, audiência, etc. Alguns desses novos produtores viram uma referência tão boa entre seus leitores que atraem até mesmo anunciantes, que vêem ali uma oportunidade de falar diretamente com seu público-alvo. Muitos deles, pela credibilidade e intimidade que mantêm com os leitores, conseguem que a publicidade tenha o mesmo grau de envolvimento que um *post* comum. Ela é transformada em conteúdo. Segundo Anderson,

cada uma dessas perspectivas muda a maneira como os criadores encaram os direitos de propriedade intelectual. No topo da curva, os estúdios cinematográficos, as grandes gravadoras e as editoras defendem com ferocidade seus direitos autorais. No meio, domínio dos selos independentes e das editoras universitárias, situa-se uma área cinzenta. Mais abaixo, na cauda, principalmente na zona não-comercial, um número cada vez maior de criadores de conteúdo está optando de maneira explícita por abrir mão de algumas de suas proteções de propriedade intelectual. Desde 2002, uma organização sem fins lucrativos, denominada Creative Commons, está emitindo licenças de igual nome para permitir o uso flexível de certos trabalhos com direitos autorais, em busca de maior valor [...].

Anderson é um dos defensores de que a gratuidade pode ser um poderoso fator de lucro, se corretamente explorado. Para ele, pelo menos, parece estar dando excelentes resultados. Tanto que seu próximo livro, "*Free*" deve falar exclusivamente sobre este assunto. Em entrevista à *Superinteressante* de novembro de 2007, ele promete que o novo livro estará disponível na Internet de graça – o que

provavelmente só vai contribuir para que ele venda melhor o livro, consiga mais palestras, mais entrevistas, etc. Para Anderson, no futuro “o melhor do mundo será de graça”. O que o autor quer dizer é que os conteúdos serão legalmente gratuitos, e exemplos não faltam. Enquanto este texto estava sendo escrito, o diretor Carlos Gerbase acaba de lançar seu filme “3 Efes” simultaneamente em DVD, TV, Cinema e Internet – de graça e patrocinado pelo portal Terra.

Talvez um dos grandes exemplos de colaboração, a Wikipedia tornou-se uma referência de conteúdo produzido e gerido por internautas, uma legião de especialistas das mais diversas áreas ou simplesmente apaixonados por determinado assunto que escolhem dar sua contribuição pelo simples prazer de compartilhar conhecimentos afins. Um grande exemplo do que seria o virtual, ela se modifica constantemente, criando suas próprias regras para garantir a credibilidade de suas páginas. Além da auto-correção passiva, feita quando um usuário “tropeça” em uma informação errada, existem regras de controle que dão tão certo que a Wikipedia já é muito citada em trabalhos acadêmicos. Para se ter uma idéia de como a comunidade da Internet aprova a enciclopédia livre, basta digitar um assunto, um conceito ou tema qualquer na caixa de busca. Muito provavelmente você encontrará uma página da Wikipedia entre os primeiros itens da lista. Para a grande maioria deles, como o próprio termo “Cauda Longa”, a página wiki é a primeira da lista. Vale uma pequena explicação sobre como os mecanismos de busca ordenam os resultados das pesquisas: entre os vários critérios, um dos principais é que quanto mais páginas na internet apontarem para aquele link, mais bem classificada ela aparecerá.

A “virtualidade real”, agora transformada e potencializada pelas tecnologias digitais, perpassa todos os aspectos sociais, modificando a forma de trabalhar, estudar, relacionar-se com as pessoas e com o mundo, fazer política, protestar, amar. A cultura contemporânea ganha novos mecanismos de produção e consumo, num regime bastante diferente dos já experimentados.

Dentre outras, esse universo espetacular, como cita Kellner (2006), é eivado por contradições, sujeito a inversões e reviravoltas (sintomas que caracterizam o virtual). Este trabalho se detém no estudo de uma dessas novidades desconcertantes da

vida e do mercado tradicionais, e procurará medir o impacto de uma biblioteca virtual gratuita amadora sobre seu público.

Castells (2006) cita Proudhon para afirmar que a propriedade (em certas ocasiões) é um roubo, se ela

exclui desnecessariamente os não proprietários do processo de desenvolvimento e enriquecimento da sociedade e de cada um de seus membros. Um tratamento indevido do direito de propriedade intelectual é um obstáculo decisivo ao progresso material e à qualidade de vida na era da informação (p.230).

Neste trabalho, tentaremos medir o que pode vir a acontecer quando ela deixa de existir. Trata-se de um pequeno recorte de uma situação onde talvez as novas tecnologias e a liberdade estejam contribuindo para democratizar o conhecimento, e que, somadas a outras iniciativas e à popularização da Internet a médio e longo prazo, pode representar uma alternativa não só para a tirania da comunicação capitalística, mas também para a tirania do conhecimento.

2. DE ALEXANDRIA ÀS BIBLIOTECAS VIRTUAIS

A maioria dos resgates históricos tende a ser parcial, omitindo fatos e personagens importantes, por falta de fontes de informação ou pelo próprio olhar do escritor, que coloca ali sua realidade e cultura. Esta constatação coloca-se como alerta em face do fato de que este breve histórico de como chegamos à atual realidade, que será exposto nos próximos capítulos, não pretende fazer um relato exaustivo da evolução do livro ao longo dos séculos, mas apenas pontuar fatos e personagens que nos permitam traçar um paralelo entre a clássica forma de lidar com os livros em suportes físicos (argila, papiros, papéis, etc.) e as contemporâneas bibliotecas virtuais, tema deste trabalho. Não se trata, portanto, de uma cronologia linear de acontecimentos e causas. O fio condutor será a diferença no acesso e difusão da informação, uma vez que essa é a característica mais marcante quando se trata desses meios, sempre sob o ponto de vista desta pesquisa.

O sonho de criar um repositório de todo o conhecimento da humanidade começa com a própria história das bibliotecas presenciais. Apesar de colecionar profecias conhecimentos sagrados e outras informações desde a antiguidade (os sumérios já gravavam tábuas de argila em escrita cuneiforme há mais de 3.000 anos), é em Alexandria, no início do século III a.C. que temos o primeiro relato de uma biblioteca da forma como conhecemos hoje. A Biblioteca de Alexandria, no Egito, abrigava entre 400 mil e um milhão de papiros. Construída por Ptolomeu, tinha a intenção de reunir todo o conhecimento da época. Segundo a tradição, todos os mercadores que passassem por lá deveriam colocar seus papiros à disposição para cópia, mas o acesso era restrito.

A história diverge quanto a origem do incêndio que teria dado fim à biblioteca, por volta de 640 d.C., além dos vários menores ao longo dos séculos. Uma versão atribui o feito aos árabes, na pessoa do califa Omar, que teria dito que “ou os livros contém o que está escrito no Alcorão e são desnecessários, ou contém o oposto e não devemos lê-los”. Outra versão diz que teria sido o incêndio um incidente. A despeito de qual é a verdadeira, há de se ressaltar que a biblioclastia, termo cunhado por Matthew Battles (2003) para designar a destruição proposital de livros,

sempre foi uma prática comum de humilhação e destruição da cultura alheia, na época dos gregos, nas fogueiras da inquisição ou nos campos nazistas.

Destruir um livro ou censurá-lo era tarefa simples. Primeiro porque não havia tantos livros assim a controlar e segundo porque não havia muita gente apta a ler. É de amplo domínio público que a Igreja Católica mantinha uma lista de livros proibidos, o *Index Librorum Proibitorum*, que surgiu em 1559 e só foi morrer de fato em 1966, por incrível que pareça (SANMARTINI, 2007). Em “O nome da Rosa”, podemos ter idéia de como os livros eram tidos como uma ameaça e seu acesso era restrito a uns poucos monges. Na época em que se passa o romance de Humberto Eco, ano de 1327, Gutemberg nem era nascido e, portanto, os livros precisavam ser copiados a mão. Já na época em que o *Index* foi criado, a invenção do tipomóvel estava fazendo mais de 100 anos. O controle começava a ficar mais difícil, o que justificaria a elaboração de tal documento. Sanmartini, sobre essa censura, diz que “o índice, que tinha como objetivo eliminar os livros diabólicos, ao incluí-los simplesmente os tornou fascinantes”. O *index* é de uma época em que censurar um livro era minimamente possível. Veremos como é essa realidade hoje no tópico do case “Roberto Carlos em detalhes”.

De fato, a invenção dos tipos móveis em 1450 pelo alemão Johannes Gutenberg representa um marco na história da Humanidade, e propiciou a primeira revolução da informação. Pelo menos foi ele quem entrou para história, uma vez que, como relata Castells, a China já conhecia o papel 1000 anos antes que o ocidente, e a imprensa teria começado já no séc. VII (1999, p.45). As mudanças provocadas pela tipografia foram tão profundas que um século mais tarde Marshall McLuhan chamaria as possibilidades abertas por essa invenção de “a Galáxia de Gutemberg”. Durante os quase cinco séculos que separam Gutemberg dos dias de hoje, seu invento aperfeiçoou-se, democratizando a informação e catalizando todo um período de invenções e acontecimentos históricos. Victor Hugo, em 1831, teria dito que “a invenção da imprensa é o maior acontecimento da história. É a revolução mãe... é o pensamento humano que larga uma forma e veste outra... é a completa e definitiva mudança de pele dessa serpente diabólica, que, desde Adão, representa a inteligência”. (HUGO, 1831)

Imaginamos o que homens como Hugo diriam se pudessem viver a nova revolução da informação, que tem início no começo do século 20. Frente à explosão de novos textos, diversos pesquisadores procuraram conceber métodos de classificação que atendessem à crescente necessidade de organizar os acervos. Esses catalogadores formaram a base da biblioteconomia moderna. Panizzi, Dewey e Ranganathan desenvolveram esquemas baseados em assuntos. Como comenta Alex Wright, todos eles se preocuparam em fazer o leitor chegar até seu livro individual. Ranganathan sintetizou a base da biblioteconomia quando disse “a cada leitor, seu livro, a cada livro, seu leitor” (RAGANATHAN, 1963).

Mas foi Paul Otlet que se preocupou em ir além (WRIGHT, 2003). Ele queria relacionar assuntos, criar um sistema multifacetado. Junto com Henri La Fontaine ele cria entre 1904 e 1907 o Sistema de Classificação Decimal Universal (CDU), que é largamente utilizado hoje. Mas a grande contribuição de Otlet, que destacamos aqui, é ter imaginado uma máquina capaz de estabelecer conexões entre documentos, formando uma verdadeira “teia” de conhecimento. O sonho teve nome e ocupou mais de 150 salas do Palácio do Cinquentenário (Palais du Cinquantenaire). O Projeto Mundaneum concebido por Otlet e inaugurado em 1910 tinha como objetivo reunir todo o conhecimento da humanidade, em fichas catalográficas de 3” x 5”, todas classificadas utilizando seu CDU. Foi ele que pela primeira vez utilizou o termo “link” para designar as conexões entre os diversos documentos do “Livro Universal”. Segundo Pereira (1995, p. 3),

Em sua obra, Otlet menciona, ainda, avanços na teleleitura (leitura à distância) e na teleinscrição (escrita à distância), destacando a ausência de um complexo de máquinas – um cérebro mecânico e coletivo – associadas para realizar, entre outras, as seguintes operações: classificação e recuperação automática dos documentos; manipulação mecânica de todos os dados registrados para obter novas combinações de fatos, novas idéias.

Abaixo foto de uma seção do Mundaneum, ao fundo, pode ser visto seu idealizador, o Belga Paul Otlet.



Foto 1 – Mundaneum e seu criador, ao fundo.

Poucos anos adiante, encontraremos outro visionário, Vannevar Bush. Bush imaginou uma máquina que fosse capaz de estabelecer correlações entre os diversos documentos armazenados em seu interior, conectados de forma não-linear, como a memória humana, que realiza diversos processos mentais antes de chegar a um resultado final. A essa máquina, ele deu o nome de Memex. O Memex teria memória virtualmente infinita, na qual o usuário armazenaria todos os seus documentos, filmes, etc. Em seu famoso artigo “*As we may think*” ou “Como podemos pensar”, publicado em 1945 e que virou um verdadeiro marco na história das tecnologias da informação, Bush mostra que todo sistema de classificação alfabética ou numérica tende a ser necessariamente artificial, pois difere da maneira com que se organiza a mente humana, que funciona por associação de idéias. O Memex permitiria que o usuário colecionasse seus dados, guardando inclusive os processos mentais utilizados em suas pesquisas. Ele discute sobre a crescente compressão da informação: “quando a Enciclopédia Britânica for comprimida e passar a ter o tamanho de uma caixa de fósforos, imprimi-la custará poucos centavos e enviá-la pelo correio menos ainda”.

Bush antecipa alguns dos maiores fenômenos da *web* nos últimos anos, ao propor que as “trilhas associativas” de cada usuário poderiam ser compartilhadas:

Desse modo, novas enciclopédias aparecerão, cheias de trilhas prontas, produto do trabalho de muitos indivíduos. As trilhas contidas no memex de um experiente advogado, que interligam casos análogos e os associam a legislação e a jurisprudência pertinentes, bem como a acórdãos e julgados, poderão ser compartilhadas com colegas mais jovens fazendo com que a experiência daqueles beneficie a estes, menos experientes. O médico, perplexo diante de um caso inédito, poderá encontrar, nas trilhas de outros colegas, pistas importantes. O historiador... E assim por diante. A herança que os mestres transmitirão aos discípulos não será mais apenas o produto de suas conclusões maduras, mas todo o processo utilizado para chegar a elas, todo o andaime usado na construção do edifício fina (BUSH, 1945).

Para alguns críticos, o Memex seria “a antítese do acesso aos recursos informacionais em rede, sendo uma estação de trabalho autocontida e isolada¹”, uma vez que o Memex era uma estação de trabalho individual. Porém, a essência de seu pensamento constitui um avanço inquestionável na forma de indexar o conhecimento, bem próxima do que veio a se tornar a *web* nos dias de hoje.

Sem a revolução dos computadores, a forma como lidamos com os livros ainda hoje seria a mesma dos tempos de Gutenberg, apenas com evoluções técnicas. Para avançar na história, faz-se necessário discorrer sobre a revolução da tecnologia da informação. Como mostra Castells (1999, p.76), foi durante a Segunda Guerra Mundial e em seu período posterior que testemunhamos os avanços mais significativos em eletrônica. A invenção do transistor em 1947 pôs fim aos computadores gigantescos até então conhecidos, possibilitando transmitir impulsos elétricos binários de maneira mais rápida e barata. Tal invenção deu a seus criadores Bardeen, Brattain e Shockley o prêmio Nobel de Física e inaugurou a 2ª geração de computadores. O processo foi aperfeiçoado nos anos seguintes, principalmente com a adoção do silício como material base dos processadores. Mas foi o surgimento do circuito integrado, inventado por Jack Kilby em 1957, que possibilitou colocar cada vez mais transistores em uma única placa, dando início à 3ª

¹ Registro da crítica feita por Michael Buckland, em LYNCH, Clifford; PRESTON, Cecilia M. Internet access to information resources. ARIST, v.25, p.263 - 1990. p. 264., citado em PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. Bibliotecas Virtuais: realidade, possibilidade ou alvo de sonho. Ciência da Informação. Vol. 24, nº 01, p.4 , 1995.

geração de computadores. O surgimento do microprocessador em 1971 finalmente pôs o mundo de pernas para o ar e deu início à 4ª geração.

Vivemos a 5ª geração, sendo que a 6ª geração seriam os computadores que utilizam supercondutores, totalmente fora da realidade comercial até o presente momento. No entanto, um abismo absurdo de desempenho separa os mais modernos processadores dos primeiros desta geração. Tendo atingido um limite de integração em que o desempenho gerado pelo aumento de transistores no chip era anulado pelo aquecimento gerado pelos mesmos, os fabricantes passaram para um modelo de processamento por núcleos. “Chips que esquentam demais falham e, para contornar a inesperada barreira tecnológica, os fabricantes duplicaram o número de núcleos em um único processador, que passaram a contar agora com a tecnologia dual core”, comenta Felliti (2006) em artigo para o *IDGNow!*.

Obviamente, tal barreira nunca foi tão inesperada assim. Gordon Moore, fundador da Intel, já postulava há mais de 30 anos que a capacidade de processamento dos computadores dobraria a cada 18 meses. Apesar de hoje a lei de Moore não ser tão válida assim, percebeu-se cedo que o silício chegaria a um ponto crítico entre desempenho e aquecimento. Atualmente já existem chips com quatro núcleos, capazes implementar na casa do usuário doméstico aplicações de realidade virtual e interatividade que a *web* nem possui ainda.

Também no período pós-Segunda Guerra Mundial, ou Guerra Fria, temos o início da história das redes de computadores. O caráter descentralizado da Internet hoje surgiu de uma necessidade do governo americano de implementar um sistema que fosse imune a ataques locais. O projeto ficou nas mãos da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA). A ARPANET entrou em funcionamento em setembro de 1969, ligando quatro universidades americanas, com *links* de 56k. A velocidade das linhas evoluía, e a adoção de protocolos únicos de comunicação permitiu que todos os computadores pudessem integrar uma mesma rede. Castells (1999) reconstitui a trajetória dessa vertiginosa evolução das redes de computadores, o que não se faz necessário para os objetivos desse trabalho. Para nós basta estabelecer

como divisor de águas o surgimento do browser, ou navegador, que facilitou a interface entre o usuário e a rede, criado por Tim Berns-Lee, que de fato democratizou o acesso à Internet para o mundo. Até então existiam ferramentas complexas e de pouca eficácia na recuperação das informações.

No artigo “*Bibliotecas virtuais: realidade, possibilidade ou alvo de sonho*”, de 1995, Pereira relata o funcionamento do *Gopher*, um protocolo para acessar bases de dados criado em 1991 e que hoje é completamente obsoleto. Naquela época, as bibliotecas virtuais já não eram uma novidade tão impossível assim, como mostraremos a seguir, mas faltava ainda uma tecnologia que pudesse tornar as informações acessíveis a um grande público. O surgimento da WWW fez multiplicar o número de informações disponíveis e aos poucos os sites de busca foram ganhando em sofisticação. Sites do tipo “diretório” em que o *webmaster* precisava cadastrar suas informações foram dando lugar aos “*crawlers*”, mecanismos que varrem toda a Internet em busca de qualquer página que possa ser indexada. O que era disperso passou a ser encontrado e a tecnologia de indexação continua a evoluir, mas há quem defenda que a *web* de hoje não é nem sombra do que deveria ser.

Criador do termo “hipertexto” em 1963, quando as redes de computadores estavam apenas começando, Theodor Nelson propôs um sistema chamado Xanadu, parecido com o proposto por Bush, contendo todo o saber literário e científico do mundo a que milhares de pessoas poderiam se conectar para ler, escrever, comentar, interagir, estudar, utilizando-se de todos os recursos nela disponíveis, compostos não só de textos, mas de imagens e sons. Entre outras coisas, o Xanadu permitiria que quaisquer usuários criassem *links* permanentes de mão dupla entre quaisquer documentos ou porção de documentos. Segundo Nelson, o hipertexto que temos hoje não é o que ele imaginou, em 1963. Os *links* seriam burros, indo a apenas um lugar. Os usuários navegariam por rotas pré-estabelecidas e a Internet estaria longe de usar as potencialidades que os computadores de hoje oferecem, como alguns jogos já usam. Ele considera que a *web* atualmente nada mais seja que uma evolução do papel, e propõe um novo hipertexto. Ele explica que “em vez de páginas, haverá avenidas de informações nas quais o usuário poderá flutuar entre os conteúdos e ver todas as conexões entre os documentos. Infelizmente, esse

sistema é mais fácil de entender na tela, mas ainda não está totalmente pronto” (NELSON, 2007).

De fato, o Projeto Xanadu nunca esteve próximo de tornar-se realidade. A Revista Wired chegou a afirmar que Xanadu é o “mais longo *vaporware* da história” (WOLF, 1995), uma “tragédia épica” de mais de 30 anos. A definição da Wikipedia não deixa dúvidas sobre o peso da crítica:

Vaporware é um software ou hardware que é anunciado por um desenvolvedor muito antes do seu lançamento, mas que nunca chega a entrar em produção, tenha ou não seu ciclo de desenvolvimento sido postergado. O termo implica fraude, ou, no mínimo, um otimismo sem garantias; isto é, implica que o anunciante sabe que o desenvolvimento do produto está ainda numa fase muito preliminar para respaldar declarações responsáveis sobre sua data de conclusão, características ou mesmo praticabilidade (VAPORWARE, In: Wikipedia).

Em visita ao Brasil, Nelson concedeu entrevista à revista *Época* em março de 2007, na qual fala de suas frustrações e expectativas para uma Internet do futuro. Diz que nada há de inovador nos *blogs*, Orkuts, Wikis ou Second Lives e comenta que

Inovação tem a ver com forma, e as pessoas não conseguem fugir do retângulo nunca. O livro é um retângulo, o papel é um retângulo, a tela do computador é um retângulo. Agora, há iniciativas de papel digital, de criar pranchetas eletrônicas para ler. É provavelmente a idéia mais estúpida que já ouvi. É um retângulo, de novo. Saiam dos retângulos! Por que tudo tem de estar em linha reta, ter um visual quadrado? O papel é uma prisão. A maior prisão da humanidade (NELSON, 2007).

Somos obrigados a concordar. Talvez ainda tenhamos uma *web* que vá muito além da que temos hoje. No entanto, este trabalho ainda é sobre como a tecnologia atual revolucionou o acesso à informação e mudou a forma como lidamos com ela, ainda que estejamos “presos” no retângulo.

2.1. As primeiras Bibliotecas Virtuais e as Bibliotecas Colaborativas

Michael Hart é o responsável pela primeira iniciativa de criar uma biblioteca virtual. Seu Projeto Gutenberg nasceu em 1971, quando ele “acidentalmente” ganhou 100 milhões de dólares em tempo de processamento do super computador Xerox Sigma V: dos quatro membros da equipe que cuidava da operação, um era seu melhor amigo e outro melhor amigo de seu irmão (HART, 2002). Era uma época em que havia mais tempo de computação do que coisas a fazer com ele e os operadores eram encorajados a “fazer o que quisessem” com o tempo livre, para adquirir mais conhecimento e competência.

Michael decidiu que não havia nada que a computação normal pudesse gerar que equiparasse ao valor recebido. Foi então que vislumbrou que o maior benefício que se poderia extrair de um computador não era o processamento em si, mas a capacidade de armazenar, recuperar, buscar o conteúdo de nossas bibliotecas.

Do primeiro livro eletrônico, a Declaração de Independência dos Estados Unidos, seguiram-se muitos outros, acompanhando a evolução dos dispositivos informáticos. Hart (2002) afirma:

[...] quando começamos, os arquivos tinham de ser muito pequenos, uma vez que um livro normal de 300 páginas ocupava um megabyte de espaço, o que ninguém poderia ter (de um modo geral), em 1971. Por isso, ao fazer a Declaração da Independência dos EUA (apenas 5k) pareceu o melhor ponto de partida. A isto seguiu-se a Carta de Direitos — e depois toda a Constituição dos EUA à medida que o espaço começava a ficar maior (pelo menos de acordo com os padrões de 1973). Depois veio a Bíblia, uma vez que os livros individuais da Bíblia não eram muito grandes, depois Shakespeare (uma peça de cada vez), e seguidamente obras gerais nas áreas da literatura ligeira e pesada e obras de referência.

Atualmente, novembro de 2007, o Projeto Gutenberg possui 20.000 livros, e mais de 100.000 através de seus parceiros. Recentemente, por ocasião da *Worldbookfair*, Hart (2007) estimou que deve existir 1 milhão de ebooks na Internet. Outros projetos de digitalização independentes surgiram e só muito recentemente que as gigantes da informática acordaram para isso.

O PDL em estudo, foi fundado em janeiro de 2002, tendo sido um dos sites pioneiros a disponibilizar livros pelo mero prazer do compartilhamento e sem restrições de direitos autorais, como já se fazia com músicas e filmes. Com uma proposta diferente, surgiu alguns anos mais tarde o Coletivo Sabotagem. A essência é a mesma. Distribuir livros. Mas o Sabotagem carrega uma bandeira ideológica de que “Conhecimento não se compra, se toma”, e uma postura que já rendeu reportagens e muita polêmica. O grupo tem foco na disponibilização de obras de cunho ideológico. Quando estourou, chegando a sair na revista Carta Capital (SOUZA, 2005), a Câmara Brasileira do Livro estudava meios de processar os responsáveis, juntamente com as editoras, indignadas. Ao que parece, não deu muito certo, uma vez que basta uma simples pesquisa para localizar o *blog* dos sabotadores. O grupo já mudou de endereço algumas vezes, mas tem até verbete na Wikipedia, tal como o PDL.

Se tanto num caso quando no outro, as editoras falham em reprimir (o fundador do PDL nos conta que o site já recebeu até *e-mail* dos advogados do patrimônio de Tolkien), o PDL parece ter acertado melhor o alvo, sem levantar qualquer bandeira ideológica que não a própria democratização do conhecimento e adotando uma política de retirar o livro, caso a editora se manifeste. Algo parecido com o Google, que digitalizava primeiro e perguntava depois. Relata um dos fundadores do site, em resposta à pesquisa para este estudo:

O site é aberto, e qualquer um pode enviar um livro digitalizado. Não controlamos o que entra. Quando uma editora encontra algum material de sua propriedade no site e entra em contato conosco, simplesmente retiramos o livro. A grande maioria dos materiais chega sem que saibamos quem digitalizou. Retiramos o link para evitar problemas, e porque qualquer arquivo que esteja em nossas páginas provavelmente estará em muitas outras na Internet. Não é um grande mistério eliminar um livro de nossas páginas. É só pedir. Já eliminar da Internet, acho que é impossível.

Na mesma idéia de democratizar o conhecimento, e também muito anterior às iniciativas das grandes empresas, foi a Editora Supervirtual, ou Alexandria Virtual. Sob o comando do jornalista e advogado José Roberto Romeiro Abrahão, o site foi durante alguns anos “a maior biblioteca virtual gratuita da Internet mundial”. Ele

mesmo autor de muitos livros, todos disponíveis na Internet, acha que a tendência é que cada vez mais autores autorizem suas publicações na Internet, e que os *downloads* não causam prejuízos reais aos editores (SOUSA, 2005). Infelizmente, ambos os domínios estão atualmente inativos, por falta de recursos para custear os servidores cada vez mais potentes que o site exigia.

Por volta do ano 2000 também surgiam os sites de editoras virtuais comerciais, que por falta de parcerias com escritores consagrados investiam em livros clássicos e em novos escritores. É o caso da iEditora, que comercializa versões digitais em parceria com a Editora Nobel. Trata-se de um mercado que pode ser promissor. Em 2000, a *Andersen Consulting* (Einstein, 2000) fez uma pesquisa para a *Association of American Publishers* previu que em 2005 o comércio de *e-books* seria responsável por 10% do mercado editorial americano. Não temos números sobre a atual situação dos *e-books* por lá, mas por aqui tem gente gostando da idéia. Como mencionado, só recentemente as grandes empresas acordaram para o potencial das bibliotecas virtuais. Em 2004 o Google anunciou que iria digitalizar todo o acervo da Biblioteca Pública de Nova York, das universidades Harvard, Oxford e Michigan, entre outras, disponibilizando-os gratuitamente na Internet. A “generosidade” rendeu-lhe alguns processos de grandes editoras, lideradas pela *Authors Guild*, e acordou concorrentes como o Yahoo! e a Microsoft.

O Google Books é um projeto que recebe expressivos investimentos do Google. Ingenuidade seria imaginar que não existem interesses econômicos por trás. E as possibilidades de lucros são tão grandes que ao invés de se unir, a Microsoft iniciou seu próprio projeto de digitalização, o Live Book Search. Também o Yahoo!, que integra a *Open Content Alliance*, OCA, com o apoio da Microsoft, HP, Internet Archive, Adobe, entre outros, planeja digitalizar livros. Ao contrário do Google, porém, os membros da OCA dizem que só digitalizarão livros sob domínio público, e aqueles que seus editores autorizarem.

Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, Marco Marinucci, executivo do Google responsável pelo Google Books declarou:

Nos EUA ocorre algo que inexistente em outros países: há uma cláusula na lei de direitos autorais que diz, simplificadamente, que é possível fazer uma cópia digital de uma obra sob proteção autoral desde que ela não prejudique o negócio do dono do copyright. Talvez seja a hora de mudar essa cláusula ou de torná-la mais clara, mas não estamos fazendo nada ilegal. Em vez de se animar, eles ficam na defensiva (MARINUCI, 2006).

A citada lei autoriza o “uso justo” de determinadas obras com direito autoral. O Google considera “uso justo” mostrar pequenas amostras do conteúdo do livro, para que o usuário tenha idéia do que ele trata e tenha a opção de comprar o material. Para os livros sem direito autoral, ele exibe o conteúdo completo. As editoras também podem escolher quais partes dos livros desejam exibir, se desejam. Em nossos testes localizamos uma biografia do escritor de ficção Alan Poe. Boa parte do livro está disponível para leitura, mas os editores optaram por restringir um outro tanto.

Como defende Tim O’Reilly (2005), o ganho potencial para as editoras é claro, uma vez que será possível mostrar livros sobre o assunto de real interesse do usuário, permitindo que ele compre a obra, através de *links* patrocinados. Também é um prato cheio para autores desconhecidos. Um escritor anônimo pode ser igualmente achado como um Dan Brown. Não se sabe ainda se os livros digitalizados pelo Google poderão ser indexados pelo Yahoo!, ou vice-versa. Teoricamente, eles possuem tecnologia para isto, mas é possível que um resolva deliberadamente restringir o outro. Outra questão que o trabalho em concorrência traz é a digitalização duplicada de obras e diferentes qualidades das obras das versões de um projeto e outro (VILARINHO, 2006). Ambas as partes correm atrás de parcerias para ampliar seu acervo. O Google, por exemplo, está buscando parcerias além dos limites americanos. Entre as bibliotecas da lista, já estão a British Library, a biblioteca da Universidade Indiana (*Folha Online*, 2007), que possui obras do século VIII, e a nossa Biblioteca Nacional, sétima maior biblioteca do mundo (FELLITI, 2006).

Este é o cenário em que todos os olhos se voltaram para as possibilidades das bibliotecas virtuais, e o futuro promete. Na última *World Ebook Fair*, evento virtual que reuniu projetos de digitalização de todo o mundo, inclusive o Gutenberg, foram disponibilizados mais de 700 mil livros para *download* livre, durante um mês. No site da feira, por uma pequena taxa anual, o internauta pode acessar a maioria deles. Isso nos faz acreditar que já existem muito mais que 1 milhão de livros circulando por aí, e com a facilidade de um usuário comum possui de colocar um livro na rede, esse número deve aumentar, a despeito das editoras e escritores finalmente se acertarem com o Google.

É difícil prever qual será o futuro das bibliotecas virtuais. É uma história que está sendo escrita muito rápido e as implicações fogem ao que podemos abordar em um único trabalho. São duas corridas distintas. Há essa em que o Google lidera de fazer pelas editoras o que elas deveriam ter feito há bastante tempo, modernizando a forma como encontramos e lidamos com as informações. E a outra, ainda confusa, mas com a grande vantagem da liberdade que só a Internet possibilita: são os sites, *blogs*, fóruns, grupos de discussão que simplesmente escaneiam seus próprios livros, por paixão ou gosto pelo compartilhamento. O que parece certo já foi vaticinado há algum tempo, conforme um trecho de “A Condição Pós-moderna” de 1979, que ainda hoje mostra-se espantosamente atual:

É razoável pensar que a multiplicação de máquinas informacionais afeta e afetará a circulação dos conhecimentos, do mesmo modo que o desenvolvimento dos meios de circulação dos homens (transportes), dos sons e, em seguida, das imagens (media) o fez. [...] Em vez de serem difundidos em virtude de seu valor ‘formativo’ ou de sua importância política (administrativa, diplomática ou militar), pode-se imaginar que os conhecimentos sejam postos em circulação segundo as mesmas redes da moeda (LYOTARD, 2000).

2.2 Conceito de Biblioteca Virtual

Não existe um consenso sobre qual seria o conceito de biblioteca virtual e em que ele se diferenciaria de tantos outros como biblioteca digital, biblioteca eletrônica, biblioteca 2.0, biblioteca do futuro, ciberteca, biblioteca polimídia, etc. Muitos dos textos acadêmicos em português sobre o assunto citam Marchiori, que acredita que biblioteca virtual se define

como um tipo de biblioteca que, para existir, depende da tecnologia da realidade virtual. Neste caso, um *software* próprio acoplado a um computador sofisticado reproduz o ambiente de uma biblioteca em duas ou três dimensões, criando um ambiente de total imersão e interação. É então possível, ao entrar em uma biblioteca virtual, circular entre as salas, selecionar um livro nas estantes, “tocá-lo”, abri-lo e lê-lo. Obviamente, o único “lugar” onde o livro realmente existe é no computador e dentro da cabeça do leitor (MARCHIORI, 1997).

Em seguida, ela cita que Pouter (1994), que acredita que essa definição estaria mais para a chamada biblioteca de realidade virtual, e que o conceito de biblioteca virtual estaria mais ligado à questão do acesso a recursos de informação disponíveis em sistemas de base computadorizada. Salgado (2002) utiliza também a definição de bibliotecas virtuais do Prossiga (Programa de Informação para Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), que é um pouco mais próxima da realidade que estamos abordando em nossos trabalhos. Para o Prossiga,

Biblioteca virtual é um serviço de informação especializada que reúne em único espaço virtual, informações dispersas, capturadas da Rede e de outras ambiências, que são integradas de acordo com normas, padrões, metodologias e tecnologias comuns, organizadas em forma de base de dados e disponibilizadas na Internet².

De um modo geral os esforços se concentram em definir bibliotecas eletrônicas, bibliotecas digitais e bibliotecas virtuais. Para bibliotecas eletrônicas, é comum

² Cf. <http://prossiga.ibict.br/>, acesso em 12 fev. 2008.

associá-las à disponibilização em meio eletrônico de serviços tradicionais como consulta e busca ao acervo; inclusive nos textos completos das obras, além de empréstimo, etc. Para Macedo & Modesto (1999) esses serviços coexistem com os da biblioteca física.

Para Marchiori (1997), na biblioteca digital a informação “existe apenas na forma digital, podendo residir em meios diferentes de armazenagem, como as memórias eletrônicas (discos magnéticos e óticos)” (p. 4). Macedo & Modesto (1999) concordam que biblioteca digital implica inexistência de suportes convencionais impressos, como livros. Pela definição de Marchiori, podemos concluir que a biblioteca digital ainda exigiria em certos casos a presença física do usuário, já que não é possível integrar e disponibilizar em rede remota informações em “diferentes meios de armazenagem”.

Ohira & Prado (2002, p. 64) citando Machado *et al* (1999) expõe essa falta de definição conceitual, destacando que “tanto na literatura nacional quanto na internacional, não existe consenso sobre a definição de biblioteca digital, biblioteca eletrônica e biblioteca virtual”, salientando ainda que muitos autores acreditam que os termos são sinônimos. Vale ainda acrescentar as definições da *American Society for Information Science (ASIS)*, citadas na página do Prossiga, a saber:

Bibliotecas digitais: "Bibliotecas cujos conteúdos estão originariamente em forma eletrônica e são acessados local ou remotamente por meio de redes de comunicação"; Bibliotecas virtuais: "Sistemas nos quais os recursos de informação são distribuídos via rede, independentemente de sua localização física num determinado local" (ASIS, 1998).

Para nós, digitais ou virtuais são aquelas bibliotecas que, além de serem acessadas exclusivamente via Internet, também coloquem nas mãos de seus usuários ferramentas típicas do meio digital que auxiliem e otimizem os clássicos métodos de pesquisar, recuperar e produzir informações. São bibliotecas vivas e dinâmicas, que podem se expandir indefinidamente através de seus próprios usuários. Um olhar sobre nossas atuais bibliotecas virtuais é capaz de mostrar que qualquer definição que limite seu conceito a um depósito de informação remotamente acessível será

fatalmente parcial. Consideramos que ser acessada remotamente não é a característica mais importante ao se definir biblioteca virtual, mas sim o caráter mutante e transformador (mais uma vez o virtual de Levy) da Internet aplicado à biblioteca convencional.

Para fins didáticos, podemos dividir as bibliotecas virtuais existentes hoje na Internet quanto à origem principal de ser acervo ou quanto à natureza de seus produtores, uma vez que as características dos produtores acabam definindo as características de suas bibliotecas virtuais. O primeiro tipo, por ter surgido primeiro, é a biblioteca acadêmica, iniciativa de universidades, grupos de estudo, pesquisadores e interessados nas mais diversas áreas, com a finalidade de compartilhar conteúdo de pesquisa como artigos, monografias, livros temáticos e literatura. Esse tipo de biblioteca geralmente possui apoio de instituições oficiais e ferramentas bem elaboradas de pesquisa e recuperação de dados. Em sua maioria, o acervo é de pouca utilidade para o interessado em literatura eventual, uma vez que possui conteúdo muito especializado. Em seguida, temos as bibliotecas colaborativas, geridas por usuários de diversas partes do mundo. Geralmente possuem conteúdo generalista, focados em literatura, uma vez que o conteúdo tende a seguir o que seus produtores mais apreciam e consomem. Possuem também conteúdo universitário, mas a presença de literatura é muito mais marcante. Este é o tipo com maior capacidade de explorar as ferramentas da Internet, uma vez que são conduzidas com a total liberdade proporcionada pela rede, e o que traduz melhor o conceito de virtual enquanto estrutura em constante transformação e aperfeiçoamento. Normalmente utilizam-se de ferramentas já disponíveis na Internet como fóruns e *blogs*, portanto, a organização e busca de informações costuma não ser tão eficiente como no caso anterior. Por fim, aparecem as bibliotecas com iniciativas empresariais, como é o caso do Google Books. A força baseia-se na capacidade que seus produtores possuem de estabelecer grandes parcerias, digitalizando milhares de livros e integrando-os com seus próprios mecanismos de busca. Apesar de restritos aos livros com direitos autorais vencidos, elas prometem ser uma grande fonte de pesquisa e popularização de livros esquecidos, ainda que possuam finalidades econômicas.

2.3 Vantagens e considerações sobre bibliotecas virtuais

2.3.1 Redução dos Custos

Livros são caros. Principalmente no Brasil, onde as tiragens tornam os preços ainda mais impraticáveis. A produção de livros no país é ínfima e insuficiente, sendo os livros didáticos maioria absoluta. Fiore (1998), em seu artigo “Livro, biblioteca e Leitura no Brasil”, aponta que dos 2,4 livros *per capita* produzidos no Brasil em 1999, apenas 0,7 não eram didáticos. O nível de renda da população é baixíssimo e as ações governamentais são ainda insuficientes para suprir essa carência.

Mas se livros de papel já são tão caros e restritos, livros digitais não estão ainda mais fora de nossa realidade? Não. É crescente e vertiginosa a informatização em nosso país. Computadores completos podem ser comprados a R\$ 700,00 e os projetos de inclusão social como núcleos de cidadania digital e telecentros estão ganhando vigor. Somente na cidade de Vitória/ES, já existem 12 telecentros comunitários. O Governo Federal está levando Internet às escolas públicas de todo o país. Depois que este capítulo já estava escrito, nos deparamos com um importante anúncio sobre novos projetos de inclusão digital, que em 2008 levarão banda larga gratuita para mais de 55 mil escolas em todo o país, em parceria com as empresas de telefonia. Em nossa pesquisa, dos alunos que afirmaram estudar em escola pública, apenas 17% afirmaram que sua escola era “Pública sem acesso à Internet”. Contudo, essa não é a realidade do país e mostra um recorte que será visto mais detalhadamente na análise dos dados. Em 2005, o IBGE pesquisou as pessoas que haviam acessado Internet nos últimos três meses. Os dados mostram que ainda há muito que crescer: apenas 21% dos entrevistados haviam acessado a rede, ainda que em algumas regiões e faixas etárias esse valor fosse superior a 40%. Porém, mesmo sabendo que ainda demorará muito para que cada pessoa possua um computador com Internet em casa, é fácil notar que a realidade de hoje não é sombra do que foi há 10 anos.

No custo de produção e armazenamento de um livro digital, o valor mais significativo é mesmo o capital humano. Os processos de digitalização domésticos ainda dependem de um operador que passe página por página no *scanner*, efetue a

extração do texto através da tecnologia de reconhecimento ótico de caracteres (OCR), corrija e formate o arquivo. Pelo que temos observado e ainda demonstraremos nas páginas seguintes, existe gente disposta a fazer isso de graça e já existem máquinas digitalizadoras que são capazes de escanear dezenas de páginas por hora sem nenhuma interferência humana, já em plena operação nos grandes projetos de digitalização, como o Google Books.

Uma vez digitalizado (no futuro pode ser que muitos livros jamais cheguem a possuir uma versão impressa) seu valor de produção por unidade é dividido pelo número de vezes em que ele é baixado, reduzindo-se a praticamente nada. Na Internet fazer uma cópia ou cem mil é a mesma coisa. Armazenar um livro ou uma biblioteca inteira não tem a menor diferença.

Pequena comparação. No PDL podemos encontrar uma versão digital do livro “Vigiar e Punir” de Michel Foucault. Até agora o arquivo já foi baixado mais de 1.000 vezes gratuitamente. Cabem mais de 3.000 livros semelhantes em um DVD gravável de R\$1,50, enquanto a edição impressa está valendo, em média, R\$ 35,00. A Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) possui oito exemplares deste, que é um dos livros acadêmicos mais procurados em qualquer Universidade. Fica a questão, já levantada por Levacov (1997): se houvesse um sistema de comercialização virtual desse tipo de livro a preços simbólicos de uma cópia xérox, o que mudaria em nossa realidade? Ou como será quando a biblioteca que um colecionador leva toda uma vida para construir puder ser copiada em cinco minutos?

2.3.2 Ressuscitando livros esquecidos e fora de tiragem

2.3.2.1 Case Projeto CoCa

O Projeto Comunicação Capixaba (CoCa) é um projeto de extensão do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Semestralmente, sob a coordenação do Prof. Dr. José Antonio Martinuzzo é produzido um livro sobre um aspecto da história da comunicação do Espírito Santo. Apesar de possuir o apoio do Governo do Estado e da Imprensa Oficial para impressão dos livros, a tiragem reduzida limita o alcance da iniciativa. A distribuição, gratuita, é feita exclusivamente

no dia do coquetel de lançamento e as possibilidades de reimpressão são praticamente nulas. Sendo assim, como alimentar as diversas bibliotecas do interior do Estado, universidades, estudantes e pesquisadores de todo o Brasil? Frequentemente observamos que livros oriundos de iniciativas semelhantes acabam com o passar dos anos sendo esquecidos, com os exemplares existentes perdidos em estantes particulares, sebos ou degradados pelo tempo.

Desenvolvemos a Biblioteca Virtual do CoCa, para demonstrar como iniciativas semelhantes podem se beneficiar da Internet para democratizar sua produção. Programamos um pequeno site e digitalizamos os livros já lançados de forma completamente manual, semelhante a que os voluntários do PDL fazem para produzir seus *e-books*.

Cada página é escaneada separadamente e convertida em imagem. As imagens passam por um programa capaz de reconhecer e extrair texto e figuras, através do Reconhecimento Óptico de Caracteres (OCR). Posteriormente, todo o material, ainda em estado bruto, é reformatado para versão digital e fechado em pdf. Este processo foi usado nas 4 primeiras edições, como uma forma de demonstrar a viabilidade de se efetuar o mesmo em outras situações. Os livros 5 e 6 foram publicados a partir de seus arquivos digitais.

Atualmente o CoCa continua ativo na Ufes e na Internet. Possui domínio próprio e já possibilitou que centenas de pessoas acessassem os livros, anos depois do lançamento da primeira edição. Todos eles possuem licença *Creative Commons*, que libera completamente seu uso não comercial, desde que citados os devidos créditos aos autores. O site do projeto está em www.comunicacaocapixaba.com.br.

2.3.2.2 Case Série Perry Rodhan

Bibliotecas Virtuais são perfeitas para recuperar livros fora de circulação, praticamente esquecidos, por não serem mais editados. Muitas obras se perdem, simplesmente porque deixam de ser economicamente viáveis. Mesmo grandes *best-sellers* de hoje estão sujeitos às inconstâncias do mercado editorial e ao grande

cemitério de obras esquecidas. Um exemplo de uma grande iniciativa de recuperação de livros esquecidos vem sendo executado com sucesso por grupo de usuários dedicados, sem que a academia tome qualquer conhecimento.

Perry Rodhan é uma das séries de ficção científica de maior sucesso no mundo todo, publicada na Alemanha desde 1961. No Brasil, foi lançada em 1975 pela editora Tecnoprint S.A., vinculada à Ediouro. Foram publicados 536 volumes no Brasil (na Alemanha eles são milhares) e a produção foi interrompida em 1991. Passados mais de 16 anos, poucos leitores de hoje sabem o que foi a série. Volumes esparsos podem ser encontrados em sebos e na Internet, mas quem desejasse ler todos eles enfrentaria uma tarefa árdua ou impossível. Até agora.

Um grupo de fãs reuniu-se com a proposta de digitalizar toda a série. Até este momento já foram escaneados mais de 150 livros, ressuscitando uma coleção que provavelmente nunca mais será reeditada, em virtude da citada inviabilidade financeira e problemas de direitos autorais. Desde 2001 a série foi retomada no Brasil pela Editora SSPG, a partir do número 650. Ficamos, portanto, com uma lacuna de mais de 100 livros jamais lançados (comentaremos separadamente sobre ações de tradução de livros inéditos no tópico do Case Harry Potter). Os novos livros lançados pela SSPG também estavam sendo escaneados, mas aparentemente isso terminou depois que a editora ameaçou interromper as publicações. Tentando localizar livros recentemente publicados, só conseguimos o volume 650, com a inscrição “Cortesia SSPG” no título.

Este é apenas um exemplo de usuários comuns que tomaram para si a preservação de um patrimônio cultural, movidos unicamente pela paixão, à margem das grandes discussões sobre o tema, e longe do “limbo legal que impede sua digitalização”. Sobre esta questão, Kevin Kelly, do *New York Times*, comenta:

o maior problema para as grandes editoras é que não têm certeza do que realmente possuem. Se você quiser se divertir escolha um livro fora de linha e tente determinar quem é o dono do seu copyright. Não é fácil. Não existe uma lista dos trabalhos registrados. A Biblioteca do Congresso não tem um catálogo. A editora não tem uma exhaustiva lista, nem mesmo de suas próprias impressões (apesar de afirmarem que

estão fazendo uma). Quanto mais velho e obscuro, menor a chance de uma editora ser capaz de dizer (quer dizer, se a editora ainda existir) se os direitos foram revertidos ao autor, se o autor está vivo ou morto, se o copyright foi vendido à outra companhia, se a editora ainda tem estes direitos ou se planeja revivê-lo ou disponibilizá-lo para digitalização (KELLY, 2006).

Para as grandes editoras é fácil processar o Google por sua proposta de digitalizar todos os livros disponíveis. Mas esta briga está prestes a ter o mesmo desfecho do que ocorreu com as músicas e os vídeos. Como processar as centenas de usuários que utilizam seus scanners domésticos para produzir e compartilhar suas próprias bibliotecas? Enquanto editoras lutam pela manutenção de um sistema ultrapassado e restritivo, os próprios usuários tomam posse das técnicas de produção já bastante democratizadas, para subverter e jogar por terra todo o trabalho das centenas de advogados que lutam para se agarrar à uma realidade do século passado (ANDERSON, 2006). Em seu artigo, Kevin menciona que,

no final, não irá importar, a tecnologia irá resolver esta descontinuidade primeiro. As fábricas de scanners chinesas, que operam por si mesmas, sem considerar as restrições da propriedade intelectual, continuarão criar scanner para a digitalização de livros. Conforme as tecnologias se tornarem mais rápidas, melhores e mais baratas os fãs podem fazer o que fizeram com a música e simplesmente digitalizar suas próprias bibliotecas (KELLY, 2006).

No futuro, através da iniciativa privada e de uma flexibilização das leis de direito autoral, talvez se realizem os sonhos de Otlet e Bush, de preservar e compartilhamento do patrimônio cultural de uma forma muito mais democrática e universal. Não se pretende aqui fazer uma apologia ao desrespeito generalizado a toda e qualquer forma de proteção do trabalho do autor. Acreditamos que a Internet possa ser uma aliada na recuperação de um gosto pela leitura que vem sendo progressivamente perdido, na valorização e descoberta de novos autores e na democratização do conhecimento. No entanto, faz-se necessário uma abordagem mais realista da questão por parte dos legisladores e das grandes editoras, para criar modelos que preservem o trabalho do autor sem representar uma muralha intransponível para o acesso às obras. Para Josgrillberg (2006),

É de se pensar se a situação dos direitos autorais nos dias de hoje não lembra a descrição do aparato disciplinador apresentado pelo filósofo Michel Foucault em “Vigiar e Punir”. Ao que parece, a força disciplinadora do poder, das leis, ficaram artificiais demais para a vitalidade do corpo da sociedade atual. Ou o aparato se adapta à nova realidade ou mata o corpo e, nesse caso, o poder perde a sua razão de ser.

2.3.3 Reduzindo diferenças – leitores de tela para cegos

A lei 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998, que “altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências”, em seu artigo 46, parágrafo I, inciso d, abre uma exceção – a única que permite a cópia integral de uma obra – que permite a reprodução de um material com direitos autorais para uso exclusivo de deficientes visuais:

Art. 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais:

I - a reprodução:

...

d) de obras literárias, artísticas ou científicas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o sistema Braille ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários;

A chave que abre um novo horizonte para deficientes visuais está no trecho “... ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários...”. Quando foi elaborada, provavelmente os legisladores não faziam idéia de como a tecnologia poderia ajudar dramaticamente os deficientes visuais. Em “ou outro procedimento” cabe qualquer coisa, inclusiva a digitalização completa de obras literárias ou bibliotecas inteiras. Sob este trecho se fundamentou grande parte da produção de *e-books* gratuitos da Internet, desde que a digitalização alternativa de livros apenas engatinhava. Muitos livros passam dos *scanners* para os discos rígidos sob esse amparo legal. O fato é que não há como garantir que apenas deficientes acessem o material. Durante algum tempo, os grupos que reuniam amigos e deficientes visuais utilizaram uma senha universal para proteger seus arquivos. Para abri-los, o usuário deveria inserir a palavra passe “dv”, abreviação de “deficiente visual”. Deve-se creditar a eles o “boom” da digitalização alternativa no Brasil. Até meados de 2004, a

grande maioria dos livros que era produzida de fato destinava-se a deficientes visuais, apenas.

Com o passar dos anos, os *e-books* passaram a ser produzidos com mais liberdade, e compartilhados para benefício irrestrito de quem se dispusesse a procurá-los. Comentaremos mais sobre a produção de *e-books* no Brasil no capítulo que fala sobre o PDL. Hoje os deficientes visuais continuam atuando, mas com muitos aliados. A tecnologia evoluiu o suficiente para produzir programas capazes de ler livros inteiros, com vozes cada vez mais próximas da humana. E a revolução que isso representa na vida dessas pessoas só pode ser descrita por quem vivencia esse tipo de experiência. Em depoimento enviado por e-mail, durante esta pesquisa, Virgínia Vendramini, do Rio de Janeiro, diz:

Sou cega e, desde criança, literalmente apaixonada por livros. Tenho 62 anos e por décadas dependi de leitores ou de gravações em fita cassete, raras e, por vezes, mal feitas. Formei-me em Português-Literatura e não foi fácil me manter atualizada enquanto exercia o magistério. Há dez anos comecei a colecionar livros digitais. Hoje tenho 13 mil títulos e posso desenrascar-me sozinha quando recebo a incumbência de escrever um livro. Isto, antes, jamais seria possível. Cada novo título é, até hoje, uma grande alegria. Hoje posso orientar minha leitura, em vez de estar sujeita ao que alguém se lembrava de gravar.

2.3.4. Audiobooks

Também começa a engrenar no país os *audiobooks*, livros narrados em estúdio que já são sucesso nos Estados Unidos há bastante tempo. Naquele país, muitos escritores narram seus próprios livros. Recentemente têm surgido sites especializados em comercializar esse tipo de material no Brasil, utilizando sistema parecido com a iTunes. Cada capítulo pode ser vendido separadamente, e os usuários ganham direito de copiar as faixas para outros computadores determinado número de vezes. Apesar de ser passível de pirataria (em nossos testes, conseguimos programas capazes de quebrar a proteção dos arquivos) este é um sistema que tem mostrado eficiência e lucratividade. Cada capítulo pode ser vendido por R\$ 1,00 ou R\$ 2,00 indefinidamente, com custos praticamente nulos, uma vez

que não precisam de espaço na prateleira e o custo de produção é dividido ao infinito, como as músicas da iTunes

Nesta área, a produção independente ainda engatinha. Converter um livro em arquivo sonoro demanda equipamento e um conhecimento mais especializado e poucas as produções amadoras atingem um patamar de qualidade respeitável. Os mesmos programas que lêem os arquivos podem ser programados para salvar a locução em mp3, mas o resultado ainda fica aquém do que se espera para livros em que o tempo de escuta é longo. Outro empecilho, para alguns, é ainda o tamanho destes arquivos, que demandam uma conexão banda larga para serem baixados com mais agilidade. Além disso, mesmo tendo evoluído os serviços gratuitos de armazenamento de arquivos (um dos grandes fatores da explosão do compartilhamento de arquivos na Internet fora das redes *p2p*), hospedar arquivos grandes para *download* ainda não é tão simples. Vale aqui ressaltar uma importante característica da troca de *e-books* no Brasil: ela é feita via sites como o PDL, fóruns, *blogs*, e grupos de discussão, que usam serviços de hospedagem gratuitos como *4shared*, *esnips* e *rapidshare*. Devido ao reduzido tamanho da maioria dos arquivos, praticamente não se baixa livros via programas de compartilhamento como *e-mule*, *kazaa*, *bittorrent*, etc.

Também estão sendo produzidos muitos *audiobooks* de livros sob domínio público para a Internet, graças à iniciativa de instituições dedicadas aos deficientes visuais. Estas obras começam a aparecer na Internet, através de parcerias privadas com instituições como a Fundação Dorina Nowill para cegos. Muitos outros livros com direito autoral são produzidos já há algum tempo, e podem ser emprestados para cegos, mas não vão para a *web* como forma de resguardar o direito adquirido.

2.3.5. Oportunidades para autores desconhecidos

Como mencionado, o livro é um artigo de luxo. O mercado editorial como conhecemos é difícil, tanto para os autores quanto para leitores. Os autores ficam com uma pequena parcela da venda do livro e muitas vezes precisam se submeter a

certas regras para tornarem seus livros mais comerciais. Os leitores encontram livros caros, e um universo restrito de opções.

Segundo Cris Anderson, em seu livro “A Cauda Longa”, apenas 10% de todos os livros publicados nos Estados Unidos chegam às livrarias médias e, dentre esses, uma minoria venderá para tornar-se economicamente viável. A peneira das prateleiras é tão cruel quanto a peneira editorial. Ainda segundo Anderson, nos EUA os livros vendem em média 500 exemplares, o que significa dizer que 98% dos livros não geram retorno financeiro. Isso nos EUA, que tem um potencial de consumo muito superior ao nosso. Anderson defende que a maioria dos autores não escreve para se tornar um fenômeno editorial, mas divulgar seu trabalho entre seus pares, agregar valor à sua própria pessoa. O autor afirma que

o livro passa a ser não o produto de valor em si, mas a propaganda do produto de valor — os próprios autores. Muitos desses livros não-comerciais seriam mais bem entendidos como veículos de marketing, destinados a melhorar a reputação acadêmica dos autores, divulgar suas atividades de consultoria, render-lhes honorários por palestras ou simplesmente deixar sua marca no mundo. É uma maneira de divulgar sua mensagem (Anderson, 2006)

A idéia não é bem novidade. Há mais de dez anos já se discute efetivamente a dissolução das barreiras autores-editoras, devido à possibilidade de auto-editoração. O custo de publicação tem caído sensivelmente, e já existem empresas que publicam livros sob demanda, com ISBN e a preços reduzidos. Levacov (1997) nos mostra que um crescente número de autores começa a ter uma postura “subversiva”, publicando-se eletronicamente e não se submetendo ao jugo das editoras, uma vez que elas começam a depender mais deles do que o contrário. Valendo-se das possibilidades da Internet, eles podem alcançar não apenas sucesso com seus livros digitais, mas também leitores para comprar seus livros em papel. Alguns autores já começam por iniciativa própria disponibilizar alguns de seus livros na Internet, como é o caso do professor Carlos Eduardo Morimoto, que disponibiliza várias de suas obras em seu site, o Guia do Hardware. Inicialmente, os leitores eram convidados a contribuir com uma quantia simbólica ao baixar o livro. O professor nos conta, em entrevista por e-mail, que o número de pessoas que tomava

essa iniciativa era realmente muito pequeno. Por outro lado, detectamos as mesmas obras, inicialmente disponíveis no site do autor, em diversos outros sites, sendo indicadas como referência para usuários que vão à Internet procurar soluções para seus problemas informáticos. Ele acredita que o sucesso desse tipo de divulgação depende da qualidade do material. Cita que muitas pessoas compram os livros impressos depois de travar contato com os digitais, e que, em contrapartida, outros não compram os livros impressos por possuírem o digital. Vale ressaltar que o professor foi mais longe em sua busca pela independência. Sua editora pertence ao próprio guia.

Morimoto não é o único a se aventurar nesse terreno. O escritor americano Stephen King, considerado o “Rei do Terror” é um dos mais bem sucedidos. Iniciou “*Ridding on the bullet*” (montando na bala) vendendo o primeiro capítulo em seu site por um dólar, sob a promessa que continuaria a escrever caso a resposta fosse boa. Em uma interessante matéria sobre esse tema, Hélio Sáles Jr. nos conta:

Cada capítulo custava um dólar, que deveria ser depositado em sua conta. Porém, ele só continuaria a escrever o livro se pelo menos 75% dos *downloads* fossem pagos. Resultado? Fãs incondicionais pagando até 20 vezes o valor do capítulo para evitar que King parasse de escrever. No final das contas, no quarto capítulo o número de pagantes despencou para 46%. Meses passados, o livro em versão impressa foi lançado completo e entrou para a extensa lista de *best sellers* de Stephen King. O detalhe é que só com o pagamento que os internautas efetuaram pelos capítulos, King embolsou mais de seiscentos mil dólares (Sales Jr., 2001).

Temos iniciativas semelhantes no Brasil. Nosso conhecido João Ubaldo Ribeiro se auto-proclama o responsável pelo primeiro *e-book* lançado no país. Seu “Miséria e Grandeza do Amor de Benedita” foi disponibilizado para *download* por meros R\$ 3,80. Cinco meses depois, o *e-book* virou livro e hoje a versão impressa custa em média R\$ 20,00. Mais fez Mário Prata, também autor consagrado. Escreveu “Os Anjos de Badaró” totalmente *on-line*. Os leitores interagiam na produção do livro, dando sugestões e interferindo ativamente na produção da trama. Até uma *webcam* podia ser acessada enquanto o autor produzia.

Os autores reinventam a velha forma de escrever. Os leitores reinventam a forma de ler. As editoras fatalmente precisarão reinventar a forma de publicar. É certo que King, Ubaldo e Prata, para citar apenas estes, “pouco mais que brincaram com possibilidades. As novas vozes de uma literatura ainda em formação aproveitam – e mostram – possibilidades muito mais interessantes” (Sales Jr., 2001). Quando os leitores de tela tornarem-se tão reais quanto a voz humana, quando os leitores de *e-books* tornarem-se tão acessíveis como os tocadores de mp3, e quando cada livro for parar na Internet – queira sua editora ou não –, que tipo de cidadão poderemos formar, e que tipo de editoras nós teremos? Porque a essa altura, não resta dúvidas de que essas coisas realmente acontecerão em breve. A exemplo do que acontece com a indústria fonográfica, que fracassou fragorosamente tentando conter a troca de arquivos em um meio que isso é impossível, as editoras teimam em manter os velhos patamares de lucratividade. Talvez em um futuro próximo tenhamos modelos de vendas de *e-books* por capítulos, romances com finais alternativos como em filmes de DVD ou novos livros que utilizem os recursos do hipertexto para imergir o leitor na narrativa, decidindo que rumo tomar. Talvez no futuro paguemos pelo serviço de atualização de uma obra ou pela consulta ao autor e não pela obra em si, a exemplo do que ocorre com alguns tipos de *software*. Como já disse Lévy, a virtualização do texto elimina as fronteiras nítidas do mesmo, e exige um leitor muito mais ativo. É possível que no futuro os livros interativos sejam a regra, não a exceção.

2.3.6. Livros ainda sem tradução no país – Case Harry Potter

Não é exagero dizer que a história das bibliotecas virtuais gratuitas no Brasil pode em boa parte ser contada através dos livros de Harry Potter. Um dos fundadores do PDL relata que o primeiro livro do projeto foi uma versão digitalizada do livro “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, quando o PDL propriamente dito ainda nem existia. A cada lançamento, os livros do bruxo chegam à Internet e provocam furor de *downloads*, multiplicando-se em *blogs* e páginas.

Mas alguns dos maiores espetáculos nesta área tem sido oferecidos por grupos de fãs incondicionais, incapazes de esperar pelo lançamento da versão brasileira oficial.

O primeiro fato digno de nota é que a versão digital em inglês costuma sair na Internet antes mesmo do lançamento oficial do livro impresso. De posse deste arquivo, fãs dividem-se no trabalho de tradução, e entregam um livro digital acabado em poucos dias. O livro “Harry Potter e o Enigma do Príncipe”, teve uma tradução tão boa que muitos meses depois de lançado o livro oficial ainda não tinha sido digitalizado por ninguém. O mesmo não deve acontecer com o novo livro, “Harry Potter e as Relíquias da Morte”, que já está nas listas compartilhadas de livros a digitalizar. O trabalho de tradução deste livro, no melhor estilo cooperativo Wikipedia, foi acompanhado capítulo a capítulo por dúzias de leitores ávidos, que devoravam as páginas à medida que eram disponibilizadas, e sugeriam possíveis incoerências. O trabalho final agradou, principalmente entre os fãs mais incondicionais, que possuem certas ressalvas quanto à versão oficial, que é responsabilidade de Lia Wyler. A razão é que algumas das palavras aportuguesadas pela tradutora deturpariam o sentido original em inglês.

Existe ainda um outro tipo de tradução, em que os usuários pegam o *e-book* original, geralmente em espanhol (porque o resultado fica melhor que o inglês), traduzem através de meios mecânicos e lêem o arquivo, corrigindo as incoerências que se apresentem.

2.3.7 Contra-censura: Case “Roberto Carlos em Detalhes”

Houve um tempo que era possível controlar o que era veiculado na mídia, e jornais e revistas, poetas, escritores, músicos e artistas precisavam usar da criatividade para passar sua mensagem. Com a Internet, é praticamente impossível censurar o que quer que seja, e ações neste sentido geralmente resultam num efeito contrário: o material se propaga com muito mais velocidade.

O livro “Roberto Carlos em Detalhes”, do jornalista Paulo Cesar de Araújo, foi censurado pelo cantor e teve todos os seus exemplares recolhidos por força judicial. Nem os moderadores do PDL sabem como o livro foi parar no site. O fato é que foi, e ganhou diversos jornais em todo o Brasil. Jornalistas reconhecidos

disponibilizaram em seus *blogs* o arquivo, e milhares de pessoas resolveram baixar o livro, por simples oposição à censura. O arquivo chegou a ser retirado das páginas do site, que estavam recebendo um fluxo anormal de visitantes, mas voltou após ninguém da parte do cantor ter se manifestado a respeito. A notícia chegou até as páginas de jornais locais.

O exemplo vale para demonstrar o potencial da rede para a manutenção da cidadania e do acesso livre acesso à informação e à cultura. Não discutimos aqui o mérito da atitude do cantor, mas citamos o caso apenas demonstrar como a liberdade da Internet pode afetar a forma como as pessoas podem ter acesso às informações no contexto de nosso tema de estudo.



Figura 3.1 - Trecho extraído de A Tribuna, AT2, de 24/05/2007

2.4. Mais facilidades do livro digital e outros motivos para apostar nele

Como nos conta Anderson (2006), não há espaço nas prateleiras para tantas publicações. Porém, as prateleiras da Internet são generosas, infinitas. No mundo de “livros sem páginas e bibliotecas sem paredes”, os livros são imunes ao tempo e ao espaço. Uma única digitalização é capaz de atravessar o mundo inteiro em segundos e reproduzir-se ao infinito. No passado, foram sonhadas bibliotecas que reunissem em um só lugar todo o conhecimento da humanidade. Hoje isso pode ser feito em cada computador. Isso significa não apenas um potencial de democratização capaz de vencer em poucos anos a desigualdade de acesso que foi construída em séculos. Muitas pessoas acreditam, e a matemática confirma, que atualmente é mais fácil colocar um laptop nas mãos de cada criança do terceiro mundo que prover bibliotecas de qualidade em todos os municípios, batalha que vem sendo perdida ano a ano. No Brasil, foco desse trabalho, detectamos uma possibilidade real de usar a Internet como democratizadora do conhecimento. Na análise dos dados abordaremos quanto dessa realidade acontece em nosso objeto de estudo, e as principais dificuldades.

2.5. Breve panorama no mercado editorial no Brasil

Temos falado sobre a impossibilidade de levar às prateleiras toda a produção literária, meramente sob a ótica do espaço ou da viabilidade econômica editorial. A peneira editorial é cruel, e só leva às livrarias o que possui chances de tornar-se rentável. Mas é preciso ir além e expor alguns dados sobre a realidade do escritor no Brasil, para finalizar nossos argumentos de que colocar um livro na Internet pode ser uma boa idéia.

Borges (2005) comenta a aviltante situação do escritor brasileiro que conseguiu romper todas as barreiras editoriais e finalmente conseguiu publicar seu livro. Em um país de poucos leitores, as tiragens dificilmente ultrapassam 3.000 exemplares. Para este escritor novato, vender 1.000 é um fato digno de nota. Vimos que nos Estados Unidos a média de 500 exemplares por obra ao ano. De cada livro vendido, o autor tem direito a 10% sobre o preço de capa. Às vezes, menos. Imaginemos um mundo perfeito em que esse autor vendeu esses 3.000 livros por, digamos, 50 reais cada

um (quatro dias de trabalho de um salário mínimo). Teremos uma receita de 150 mil, 15 mil para nosso vitorioso escritor, que terá uma renda mensal de 1.250 reais. Sem décimo terceiro, sem férias, sem nada.

Segundo Martins (2007), além dos 10% para o autor, temos o editor que fica com outros 10%, em média, e as livrarias com 40%. A maioria dos livros é fornecida em consignação. Isso significa que a livraria só paga por eles se eles forem vendidos, o que quer dizer que o risco de prejuízo é praticamente nulo e entre um autor novo que pode simplesmente ser devolvido e um *best-seller* que não foi adquirido em consignação, é fácil adivinhar quem vai ter o melhor espaço na prateleira. O autor comenta que “editora pequena é tratada como mendigo. A livraria age como se estivesse fazendo o favor de vender o livro, como se ela não tivesse retorno algum com aquilo”. No entanto, vale ressaltar que somente as grandes redes podem se dar ao luxo de barganhar com as editoras.

Paralelo à infinidade de autores descobrindo na Internet uma grande aliada, do citado Stephen King aos pequenos escritores em busca de seus públicos, temos uma postura ainda de resistência das editoras, que, enquanto seus livros estão indo parar de graça na Internet, querem fazer seus leitores acreditarem que com o livro digital a redução nos custos não será tão significativa. Nesse sentido, Peterson (2000), registra que,

Quando questionadas sobre o que acontecerá com os preços, as editoras despejam água fria sobre a expectativa dos leitores. Os principais gastos com as obras, alegam, não são com papel nem com escritores, e sim com marketing e propaganda. Estes vão continuar altos, com ou sem Internet. Além disso, a transposição dos livros convencionais para o formato digital exige também algum trabalho. Enfim, dizem, pode-se esperar que os livros fiquem mais baratos, mas não muito. "Entre 20% e 25%", arrisca a diretora de produção da Companhia das Letras, Elisa Braga.

Tendo discutido a sociabilidade mobilizada pelas comunicações, seus negócios e tecnologias, com destaque para o reflexo dessas inovações digitais no campo da leitura, dos livros e das bibliotecas, passa-se, a partir de agora, ao foco no objeto de estudo, com vistas a consolidarmos a nossa busca pelas respostas motivadoras desta pesquisa.

3. BIBLIOTECA VIRTUAL GRATUITA – “PROJETO DEMOCRATIZAÇÃO DA LEITURA”

3.1. O que é

Este estudo difere dos demais trabalhos sobre bibliotecas virtuais por ser, pelo menos dentro do que é de nosso conhecimento, o primeiro a focar uma biblioteca virtual totalmente desenvolvida por leigos, sem quaisquer vínculos com correntes acadêmicas, teorias informacionais ou ideológicas. O PDL é um espaço de compartilhamento de livros digitais totalmente gratuito, onde qualquer usuário pode contribuir com seu arquivo, trocar *links* e discutir sobre livros e assuntos em geral. Compartilha-se qualquer livro, muitos deles ainda sob a proteção das leis de direito autoral, que representam um dos maiores entraves para a evolução das bibliotecas virtuais.

Sendo assim, este trabalho representa um olhar sobre um lado tido como marginalizado, proibido e erroneamente ignorado por pesquisadores e formadores de opinião. Trata-se também de uma oportunidade, de mensurar os impactos de uma biblioteca virtual com muito mais abrangência e potencialidade que as iniciativas convencionais. Se a Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro, objeto de estudo de dissertação de mestrado que ajudou a compor parte de nosso questionário de pesquisa, é a maior e mais tradicional referência especializada em construção de uma biblioteca virtual no país, o PDL é sem dúvida uma das mais importantes iniciativas livres de chegar aos mesmos propósitos. A Bibvirt nasceu na USP, uma das mais sólidas e tradicionais instituições de ensino e pesquisa do país e com apoio de renomadas parcerias nacionais e internacionais. O PDL é fruto da paixão gratuita pela leitura, da democratização das ferramentas de produção e distribuição e da popularização da Internet. Em Janeiro de 2008 o projeto completou seis anos, entre muitos contratemplos e saídas do ar.

Em entrevistas com seus fundadores, é fácil perceber que a experiência baseia-se muito mais em uma prática empírica, baseada no acerto-erro e no aprimoramento em função dos problemas imediatos que em uma metodologia de organização estabelecida e uma programação informática focada na facilidade de inserção, busca e apresentação das informações.

Biblioteca do PDL			
 Balção de Doações Esse é o lugar de fazer sua doação. Os livros aqui postados são posteriormente transferidos para a biblioteca. Por favor, leia as regras de postagem antes de enviar seu tópico. Moderadores: Moderadores, Ifernandocastro	141	290	Doação de livro Today, at 11:00 am bernardo rubinstein
 Literatura Nacional Livros de literatura escritos por brasileiros Moderadores: Moderadores, Ifernandocastro Sub-fóruns: Romances, Poesia, Teatro, Contos, Crônicas e Biografias, Ficção, Policial, Terror e Suspense, Infanto-Juvenil e Entretenimento	203	1113	[Contos e Crônicas] TE... Sex Feb 22, 2008 12:56 pm nilzatozi
 Literatura Estrangeira Livros de literatura de autores estrangeiros. Moderadores: Moderadores, Ifernandocastro Sub-fóruns: Romances, Poesia, Teatro, Contos, Crônicas e Biografias, Ficção, Policial, Terror e Suspense, Infanto-Juvenil e Entretenimento	546	4939	[Ficção] SÉRIE Perry R... Today, at 6:07 am Mhephyztho
 Informática Livros e apostilas de informática em geral Moderadores: Moderadores, Ifernandocastro Sub-fóruns: Apostilas, Programação	17	165	[Informática] Cerqueira... Sex Feb 08, 2008 12:02 am jzero
 Religiões e Espiritualidade Aqui você livros de todos os tipos de religiões, crenças e espiritualidade. Magia, misticismo, esoterismo, espiritismo, cristianismo, etc. Moderadores: Moderadores, Ifernandocastro Sub-fóruns: Cristianismo, Espiritismo, Islamismo, Judaísmo, Magia, Ocultismo, Esoterismo, Teorias Religiosas, Outros	212	1421	[Evangélicos] Tenney, ... Today, at 12:27 am Susana
 Revistas, e Histórias em Quadrinhos e RPG Aqui são encontrados todos os tipos de revistas e histórias em quadrinhos e RPG de diversos sistemas Moderadores: Moderadores, Ifernandocastro Sub-fóruns: Revistas, RPG, HQ	52	823	[HQ] Garfield Today, at 12:27 am rosemeri
 Técnicos e Científicos Aqui são incluídos livros usados em estudos técnicos e científicos. Ciências Humanas e Naturais, Exatas, Biológicas, etc. Moderadores: Moderadores, Ifernandocastro Sub-fóruns: Ciências Exatas, Ciências Biológicas e Naturais, Ciências Humanas e Sociais, Didáticos, Cursos, Supletivo	285	1450	[Administração] SEMLER... Today, at 8:16 am llsouza2000
 Audiobooks e arquivos de áudio "Livros Falados" em todos os formatos, além de músicas e arquivos de áudio em geral. Moderadores: Moderadores, Ifernandocastro	21	220	[AudioBook] Hosseini, ... Today, at 5:16 am Susana
 Sexo e Sexualidade Livros e apostilas relacionadas à sexo e sexualidade. Material para maiores de 18 anos. Moderadores: Moderadores, Ifernandocastro Sub-fóruns: Literatura Erótica, Terapias e orientação Sexual	19	137	[Sexo] GALLOTTI, Alicia Dom Feb 24, 2008 9:19 pm Susana
 Auto-Ajuda, Aprimoramento e Comportamento Humano, Terapias Alternativas Todos os tipos de livros de auto-ajuda, comportamento, terapias alternativas, etc. Moderadores: Moderadores, Ifernandocastro	61	426	[Auto-Ajuda] Tolle, Ec... Seg Feb 18, 2008 12:22 pm Novt
 Cursos e Apostilas - Música, artesanato, aprendizado, apostilas em geral Todo tipo de curso e apostila "aprenda a". Moderadores: Moderadores, Ifernandocastro	12	87	[Aprendizado] Agricult... Sex Feb 08, 2008 1:34 pm bee
 Diversos Livros diversos, não classificados nas categorias acima ou ainda não catalogados. Moderadores: Moderadores, Ifernandocastro Sub-fóruns: Artesanato, Culinária, Esporte	30	139	[Música] MOURA, Roberto Ter Feb 19, 2008 10:16 am okidoki
 Outros Idiomas Livros em outros idiomas. Inglês, Espanhol, francês, alemão, italiano, esperanto, etc. Moderadores: Moderadores, Ifernandocastro Sub-fóruns: Espanhol, Inglês	29	124	[Inglês] Rowling, J. K. Qua Feb 20, 2008 3:12 am Susana
 Programas e Arquivos diversos Todos os programas indispensáveis para você ler os e-books e muito mais você encontra aqui. Moderadores: Moderadores, Ifernandocastro	11	142	CURSO DE LINGUASII 23 ... Yesterday, at 3:08 am whit3h4t

Figura 1 – Tela de acesso aos fóruns da biblioteca

3.2. Estrutura e organização

O atual sistema operacional do projeto é baseado em uma aplicação *open source*, gratuita e amplamente difundida na *web* chamada PHPBB, abreviação de Php Bulletin Board. Trata-se de uma estrutura de fóruns de discussão que permite a interação entre usuários, pesquisas de conteúdo, divisão por temas, categorias e subcategorias aplicação de permissões de acesso, inserção de imagens, sons, vídeos, texto e outras funções oferecidas pela linguagem de programação PHP. Utilizando estes recursos, que estão longe de serem os ideais para o que se propõe o projeto, a equipe estruturou uma área de biblioteca destinada a armazenar os livros e outra destinada a debates e discussões.

A área destinada aos livros possui a seguinte estrutura, de fóruns e subfóruns:

Literatura Nacional

- Romances
- Poesia
- Teatro, Contos, Crônicas e Biografias
- Ficção, Policial, Terror e Suspense
- Infanto-Juvenil e Entretenimento

Literatura Estrangeira

- Romances
- Poesia
- Teatro, Contos, Crônicas e Biografias
- Ficção, Policial, Terror e Suspense
- Infanto-Juvenil e Entretenimento

Informática

- Apostilas
- Programação

Religiões e Espiritualidade

- Cristianismo
- Espiritismo

Judaísmo
Magia, Ocultismo, Esoterismo
Teorias Religiosas, Outros

Revistas, e Histórias em Quadrinhos e RPG

Revistas
RPG
HQ

Técnicos e Científicos

Ciências Exatas
Ciências Biológicas e Naturais
Ciências Humanas e Sociais
Didáticos, Cursos, Supletivo

Audiobooks e arquivos de áudio

Sexo e Sexualidade

Literatura Erótica
Terapias e orientação Sexual

Auto-Ajuda, Aprimoramento e Comportamento Humano, Terapias Alternativas

Cursos e Apostilas - Música, artesanato, aprendizado, apostilas em geral

Diversos

Programas e Arquivos diversos

Os tópicos são ordenados alfabeticamente e cada autor possui o seu. Nele são guardados os livros, sempre na primeira mensagem. Os usuários comentam, discutem, agradecem e controlam a qualidade do material postando respostas ao tópico original. Apesar dos usuários cadastrados responderem livremente às mensagens, nessa área somente os moderadores abrem tópicos. Segundo os

responsáveis, essa foi a forma encontrada para garantir que a estrutura se mantenha e evitar problemas como duplicidade, baixa qualidade dos arquivos, quebra de *links*, etc. A colaboração dos usuários é feita através de um fórum chamado “Balcão de Doações”, onde o visitante posta seus arquivos, que são posteriormente integrados ao acervo do site. A equipe nomeia os tópicos segundo a seguinte sintaxe: *[Categoria] SOBRENOME, Nome*.

Sendo “Categoria” o assunto principal na qual o autor se encaixa, e “Sobrenome” e “Nome” seus nomes próprios. O recurso de colocar a categoria entre colchetes mantém juntos os tópicos com um mesmo tema, além de auxiliar na identificação quando o usuário utiliza a busca. A priorização do sobrenome é um recurso emprestado dos conceitos clássicos da arquivologia, presente em bibliotecas físicas e referências bibliográficas. Percebe-se que há a preocupação em manter uma organização funcional, ainda que leiga. Os livros de mesma categoria são exibidos juntos, por ordem do sobrenome do autor.

3.3. Formação do acervo

O acervo é composto principalmente por obras da literatura nacional e internacional. A quantidade e diversidade de títulos rivaliza com muita biblioteca pública, ocorrendo o mesmo no quesito atualização e “aquisição” de novos exemplares. Fazendo um levantamento desde maio de 2006, pudemos mapear pelos menos 1.500 livros adicionados ao acervo, entre digitalizações inéditas e reedições melhoradas de livros já digitalizados, sem contar as atualizações cujos históricos guardados pelo site foram perdidos. Dentre eles, quase dois terços são livros de literatura, em suas diversas categorias. Ao contrário do que esperávamos para uma biblioteca virtual colaborativa, o acervo do site cresce graças às contribuições de poucos usuários. Em sua maioria os livros são escaneados por um grupo de digitalização chamado Digital Source, que reúne atualmente 48 digitalizadores de várias partes do mundo. O grupo tem a finalidade de coordenar os trabalhos que se feitos individualmente poderiam ser duplicados, ter qualidade muito diferente e até mesmo se perder por falta de divulgação. Em 2007 o Digital Source produziu 740 livros, o que resulta em uma média diária de mais de dois livros. O gráfico a seguir foi divulgado no começo de 2008.

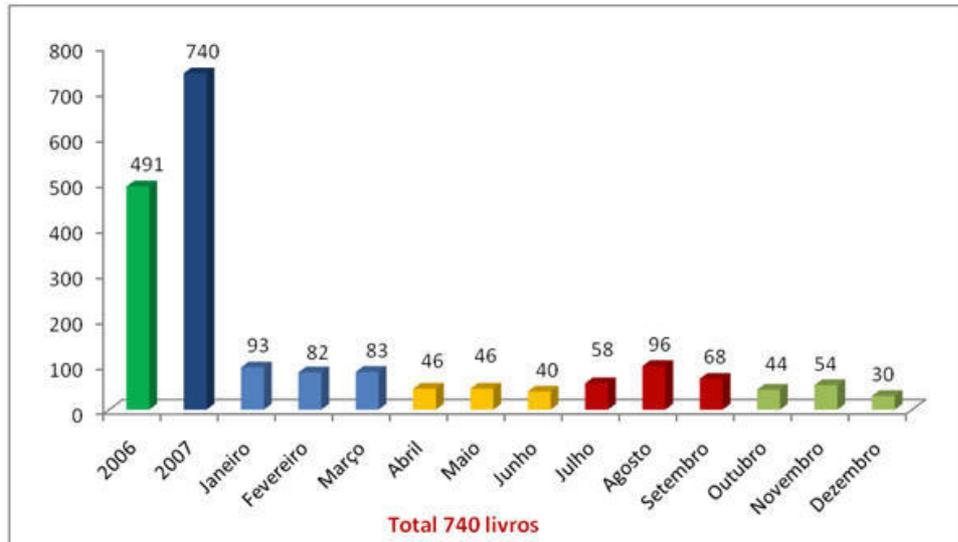


Gráfico 1 – Lançamento de novas digitalizações, Grupo Digital Source.

Outra parte significativa do acervo é produzida pela própria equipe do PDL e por um site parceiro, também uma biblioteca virtual, chamado Toca da Coruja. Os três possuem uma parceria de compartilhamento de lançamentos, que faz com que a produção de cada um seja multiplicada imediatamente em todos os sites. Juntos, eles evitam o retrabalho e se apóiam mutuamente. Atribuimos a baixa participação de outros usuários à dificuldade de se converter um livro para formato digital, que demanda várias horas de trabalho manual, o que não ocorre com arquivos de vídeo e áudio. Também há uma deficiência na estrutura do site, que não permite envio direto de arquivos e requer que o usuário tenha familiaridade com ferramentas de Internet. Existe um fórum denominado “oficina de digitalização” no PDL, destinado a ensinar e tirar dúvidas, mas a adesão é baixa.

4. O RETRATO DAS NOVAS PRÁTICAS

Esse trabalho se propõe a traçar o perfil dos usuários de bibliotecas virtuais gratuitas, bem como medir os impactos desses recursos sobre seus hábitos de leitura e estudo. Com vistas a contribuir para os debates sobre o tema, uma vez que pouco se conhece sobre a efetiva contribuição desses sites para a vida cultural desses usuários, a pesquisa também procura abordar, ainda que a partir de um pequeno recorte, o quão democráticas são atualmente essas novas mídias e quem são seus principais usuários e beneficiados. Traçamos assim uma radiografia que pode ser usada em estudos sobre inclusão e analfabetismo digital, levantando questões que extrapolam o acessar ou não uma biblioteca virtual.

A pesquisa (confira no Anexo I o roteiro do questionário) foi colocada em um tópico fixo no fórum PDL no começo de outubro de 2007, ganhando destaque na capa do site durante o primeiro mês de veiculação, e permanecendo em tópico fixo até o início de janeiro de 2008. Para coleta dos dados foi utilizada a versão para fins educacionais da ferramenta para pesquisas QuestionPro.com. O sistema oferece, entre outras funções, proteção contra formulários duplicados, possibilidade de o usuário retomar questionários interrompidos e elaboração de perguntas baseadas em respostas previamente fornecidas. Foram registrados um total de 2.014 formulários iniciados, dos quais 1.485 foram completamente preenchidos, resultando em uma taxa de finalização de 73,73%. Os dados dos questionários que não foram completamente preenchidos foram excluídos da análise. Os participantes levaram em média 17 minutos para completar a pesquisa.

4.1 Perfil do usuário

4.1.1. Idade

A primeira pergunta de nossa pesquisa revelou uma marcante presença do público jovem. Na faixa de 16 a 25 anos concentram-se 43,24% dos usuários. A fraca presença de usuários abaixo desta faixa indica que o público do PDL é bastante diferente daquele detectado por Salgado (2001) para o público da Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. Ao contrário desta, que tem seu público no nível

fundamental e médio, o PDL possui presença mais marcante entre o público de nível médio e superior. Comparados com os dados do IBGE de 2005, o público da faixa de 16 a 25 anos, 43%, é superior ao da média nacional dos internautas, que é de aproximadamente 35% na faixa de 15 a 24 anos. Isso é um indício de que estaria aí a maior concentração de público leitor no Brasil, como confirma a pesquisa “Retrato da leitura no Brasil” (CBL *et al.* 2001): de um público de leitores acima de 14 anos, 40% possuía até 29 anos.

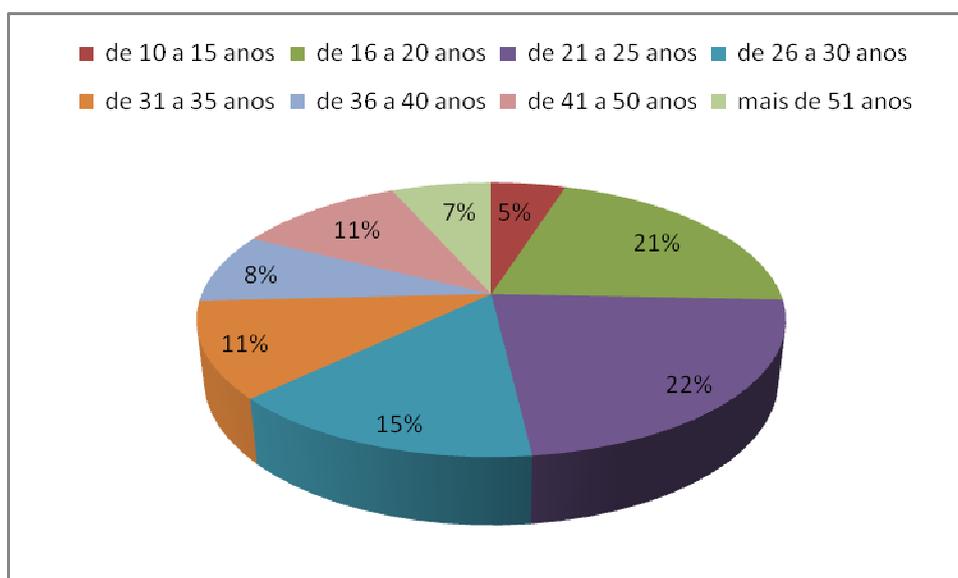


Gráfico 2 – Faixa etária dos usuários do PDL

Concluimos também que a grande maioria dos visitantes do site são brasileiros. Foram 97,12%, com presenças mais relevantes, no exterior, de usuários acessando de Portugal, Japão e Estados Unidos.

4.1.2. Distribuição Geográfica

Para analisar a distribuição geográfica dos usuários no país, compararemos com os dados do IBGE, apresentados por região. Podemos observar uma enorme conformidade dos dados coletados em nossa pesquisa com os dados coletados em 2005 pelo IBGE:

	Brasil	PDL
Norte	4,25%	2,97%
Nordeste	15,30%	16,85%
Sudeste	54,48%	54,28%
Sul	18,15%	17,82%
Centro-oeste	7,82%	8,08%
Total	100%	100%

Tabela 4.1 – Distribuição de usuários de Internet no Brasil e no PDL

Observa-se uma disparidade considerável de acesso entre as regiões. A região Nordeste, que possui 27% da população possui apenas 15,30% dos usuários de Internet, enquanto a região Sudeste, com 44% da população possui 54,48% dos usuários. Entre os Estados com maior participação no índice estão São Paulo, com 29,01%, Rio de Janeiro com 11,67% e Minas Gerais com 11,12%. Os Estados com menor participação foram Amapá e Roraima com 0,14% e Acre com 0,21%. A análise do IBGE vale para nosso caso:

Em termos regionais, constatarem-se dois patamares distintos desse indicador. Os percentuais de pessoas que utilizaram a Internet nas Regiões Norte e Nordeste foram praticamente iguais (12,0% e 11,9%, respectivamente), situando-se em nível muito inferior ao das Regiões Sudeste (26,3%), Sul (25,6%) e Centro-Oeste (23,4%). Nas Unidades da Federação, o Distrito Federal apresentou o maior percentual de pessoas que acessaram a Internet (41,1%), sendo que este resultado ficou bastante distanciado dos dois seguintes, que foram os de São Paulo (29,9%) e Santa Catarina (29,4%). No outro extremo, os menores valores desse indicador foram os de Alagoas (7,6%) e Maranhão (7,7%). Nas regiões metropolitanas, a defasagem entre o máximo e o mínimo desse indicador foi menor. O mais baixo foi o da Região Metropolitana de Belém (19,2%) e o maior, de Curitiba (34,8%) (IBGE, 2005).

Estado	Participação	Estado	Participação
Acre	0,21%	Paraíba	1,10%
Alagoas	1,10%	Paraná	6,35%
Amapá	0,14%	Pernambuco	2,76%
Amazonas	0,69%	Piauí	0,28%
Bahia	5,39%	Rio de Janeiro	11,67%
Ceará	3,52%	Rio Grande do	0,83%
Distrito Federal	3,11%	Rio Grande do Sul	7,39%
Espírito Santo	2,49%	Rondônia	0,41%
Goiás	2,35%	Roraima	0,14%
Maranhão	1,10%	Santa Catarina	4,07%
Mato Grosso	1,38%	São Paulo	29,01%
Mato Grosso do Sul	1,24%	Sergipe	0,76%
Minas Gerais	11,12%	Tocantins	0,28%
Pará	1,10%		

Tabela 4.2 – Participação dos usuários no PDL por Estado.

4.1.3. Escolaridade

Os visitantes foram interrogados quanto ao seu grau de escolaridade, seja ele completo ou não. Pelos dados, observamos a presença marcante de um público altamente instruído, sendo que 63% afirmaram que cursam ou cursaram Ensino Superior e apenas 3% afirmam possuir apenas o Ensino Fundamental. Se considerarmos que segundo o senso do IBGE de 2000 apenas 6,4% das pessoas com mais de 25 anos possuem graduação no Brasil, podemos afirmar que presença de pessoas altamente instruídas no site indicaria que a procura por material de leitura é maior à medida que aumenta o nível de estudo. Isso poderia ser comprovado pela pesquisa “Retrato da leitura no Brasil” de 2001, que mostra que a apreciação da leitura tem como fortes componentes o nível de estudo e a renda (CBL *et al*, 2001). Por outro lado, a alta escolaridade dos visitantes do PDL também pode ser um indicador de que em um primeiro momento os principais beneficiários diretos do conteúdo do portal são em sua maioria pessoas que já tiveram acesso a uma série de privilégios educacionais que ainda hoje são restritos, como a própria

Internet. Para acessar um site de leitura, são necessários conhecimentos informáticos que extrapolam o gostar ou não de ler.

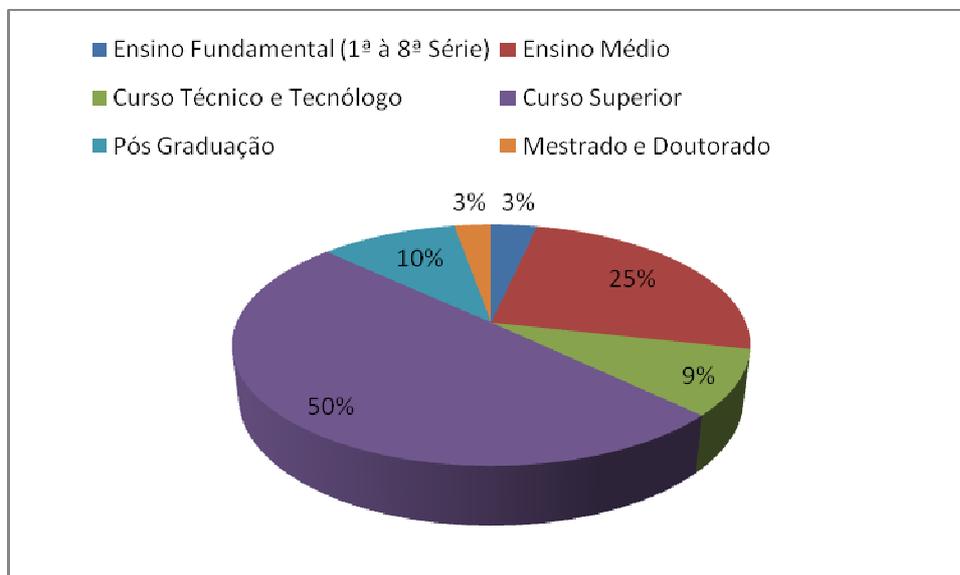


Gráfico 3 – Escolaridade dos usuários do PDL

A pesquisa constatou também que no PDL existe grande número de não estudantes, que provavelmente concluíram seus estudos e estão no mercado de trabalho. Eles representam 44,20% dos usuários. Classificamos o restante pelo tipo de instituição de estudo frequentada, se pública ou privada, e se esta possuía ou não acesso à Internet.

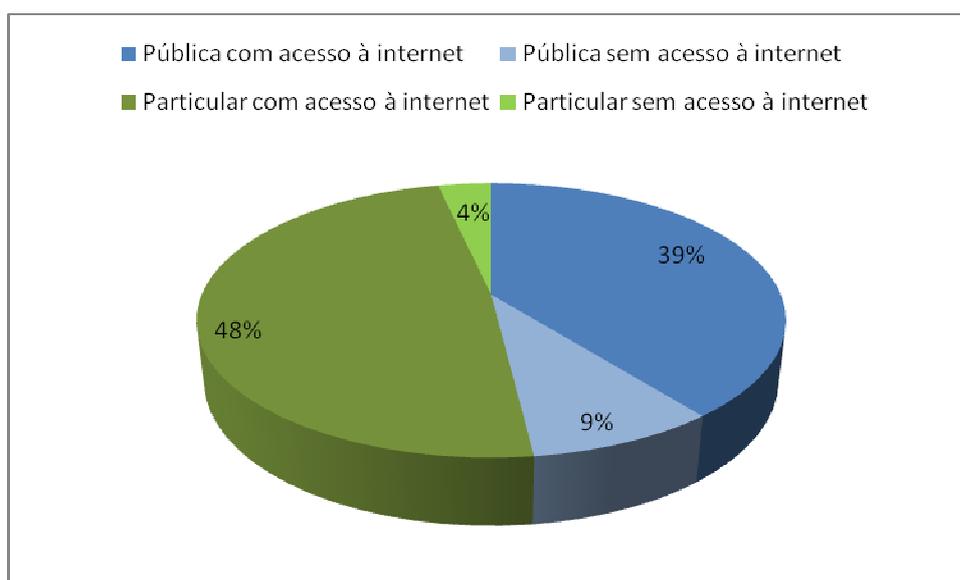


Gráfico 4 – Participação de estudantes por estabelecimento de ensino.

Observamos um equilíbrio entre escolas públicas e privadas, com ligeira predominância de escolas particulares (52%). Proporcionalmente também não é significativa a diferença entre instituições particulares e públicas com e sem Internet. Acreditamos que o resultado obtido não retrata a realidade no país, principalmente em relação às escolas públicas com Internet. Esses dados provavelmente foram influenciados pelas condições da Região Sudeste, transmitindo uma ilusória sensação de inclusão digital e igualdade de condições entre o público e o privado. Seria ingenuidade pensar que mais de 80% das escolas públicas do país estão conectadas, como mostra a pesquisa. Além disso, notando a maciça presença de universitários no site, o número também pode ter sido influenciado pelas universidades federais e outras instituições de ensino públicas ditas de primeira linha, que certamente possuem conexão com a Internet.

4.1.4. Renda

Para avaliar a faixa de renda dos usuários do PDL, utilizaremos os dados do último levantamento socioeconômico do Ibope, que extratificou os níveis de renda brasileiros nas 8 classes definidas pela Associação Nacional de empresas de Pesquisa, elaborados através de indicadores de capacidade de consumo:

Classe Social	Faixa de Renda
A1	9.733,47+
A2	6.563,73
B1	3.479,36
B2	2.012,67
C1	1.194,53
C2	726,26
D	484,97
E	276,70

Tabela 4.3 – Renda Familiar por classes. IBOPE, Levantamento Socioeconômico (2005).

Abaixo temos os dados obtidos através da pesquisa. Os valores são múltiplos de um salário mínimo de R\$ 380,00. Notamos uma forte presença de um público com renda familiar entre 1.141 e 3.800 reais, o que nos leva a enquadrar nosso público principal entre as classes C1 e B1, ou seja, boa parte da classe média brasileira. Notamos também forte presença de usuários entre as classes D e C1, somando 30,45%.

Faixa de Renda	Porcentagem
Até 380 reais.	3,29%
de 381 a 760 reais.	11,27%
de 761 a 1140 reais.	19,18%
de 1.141 a 1.900 reais.	21,40%
de 1.901 a 3.800 reais.	24,08%
de 3.801 a 7.600 reais.	15,56%
de 7.601 a 11.400 reais.	3,69%
de 11.401 a 19.000 reais.	1,14%

Tabela 4.4 – Faixas de renda dos usuários do PDL

É difícil extrair conclusões somente a partir da renda familiar, que está sujeita a muitas variáveis, mas com os dados acima podemos inferir que apesar de nível de estudo elevado, os usuários não possuem necessariamente o nível de renda que lhes garanta suficiente acesso à leitura. Poderíamos concluir, portanto, que o visitante mais comum no PDL não difere muito da média do internauta brasileiro, com a diferença que no PDL encontraremos um internauta que precisa e se interessa mais pela leitura. Através dos dados seguintes poderemos formar uma visão mais abrangente da questão.

4.2. Acesso

Analisar a questão do acesso dos usuários aos recursos de informação tanto digitais quanto convencionais é fundamental para complementar o perfil do público, mas sobretudo é importante para detectar quais as possíveis demandas, dificuldades e necessidades que os visitantes possuem, o nível de contribuição do PDL para esses

usuários, como eles consomem os *e-books* disponíveis, a relação entre o acesso aos meios virtuais e convencionais, entre outras questões.

A maioria das perguntas que deram origem aos dados a seguir abria possibilidade do usuário digitar sua própria opção, caso não se enquadrasse em nenhuma das alternativas fornecidas. Essas respostas abertas foram filtradas, para que a porcentagem realmente representasse aquelas pessoas que não se enquadraram em nenhuma das alternativas, uma vez que encontramos várias respostas abertas muito semelhantes a alguma alternativa já existente, ou casos em que o usuário optou por marcar “outra opção” simplesmente para explicar sua escolha. Nesses casos, somamos essas respostas às alternativas previamente estabelecidas.

4.2.1. Local de acesso à Internet

Pelos dados do gráfico abaixo, podemos notar que a maioria dos usuários do PDL possui acesso residencial, ficando outras opções como escolas e universidades, lan-houses e pontos de acesso público (telecentros, programas de inclusão digital, etc.) com uma parcela realmente pequena do total. Isso possivelmente é uma consequência do tipo de interação que o usuário estabelece com o conteúdo baixado do site, que necessita de um período prolongado de acesso (detalharemos esse ponto nos próximos tópicos), o número elevado de usuários residenciais era esperado por estar dentro do previsto para o perfil de público já traçado. Embora a posse de Internet residencial não seja fundamental para leitura dos livros, a necessidade de ter acesso prolongado a um computador, somado à necessidade de dispositivos portáteis de armazenamento para transporte dos dados até ele (disquetes, CDs, DVDs, *pen-drives*) poderia desestimular e restringir o acesso e a capacidade de democratização da leitura através do site. Isso mostra também que para democratizar a leitura através da Internet não basta apenas ampliar o acesso público à rede. A leitura é algo que se pratica cotidianamente, o que implica que é necessário que o indivíduo tenha acesso a um computador também em sua própria residência. Paralelo à democratização da Internet, deve existir a democratização dos

computadores, que já tem caído drasticamente de preço, mas precisam cair ainda mais.

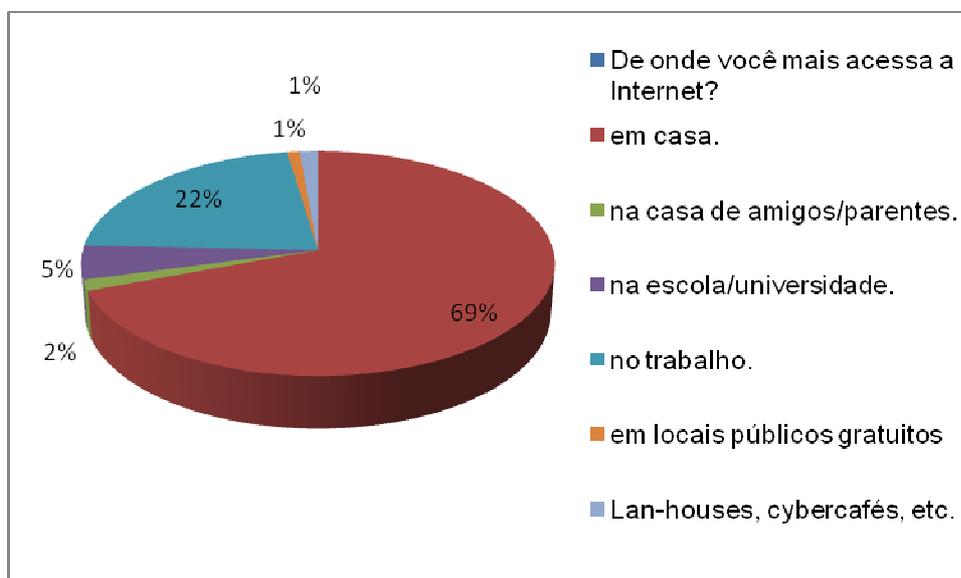


Gráfico 5 - Principais locais de onde os usuários acessam a Internet.

Também é preciso que telecentros e escolas onde exista acesso a Internet trabalhem no sentido de orientar seus usuários em suas pesquisas, estimulando-os utilizar produtivamente a web. Através dos dados qualitativos poderemos reconhecer melhor os desdobramentos do site para além da Internet, uma vez que os dados contemplam apenas os usuários que acessam o site, e não aqueles que se beneficiam dele de forma indireta. É fundamental que se note tanto nestes quanto nos outros dados quantitativos apresentados que os números são um indicativo do público habitual freqüentador do site e não necessariamente todo o público atingido por ele.

4.2.2. Freqüência em bibliotecas públicas

Questionados se freqüentam ou não bibliotecas públicas, observamos um equilíbrio entre as partes. Enquanto 46,51% dos entrevistados afirmaram freqüentar bibliotecas públicas, 53,49% disseram não freqüentar. Uma resposta positiva levava

o usuário a uma pergunta sobre a facilidade de encontrar os livros em sua biblioteca pública. Em caso de resposta negativa, os usuários foram questionados sobre o motivo dessa opção.

Entre os que não freqüentam apenas uma minoria alegou que a cidade em que moram não possuía uma biblioteca pública. Os principais problemas detectados foram:

- Bibliotecas são longe ou de difícil acesso.
- O empréstimo de livros é restrito.
- Falta de tempo – bibliotecas públicas só funcionam em horário comercial, quando a maioria das pessoas está ocupada.
- Acervo deficiente, sucateado, pouco variado, desinteressante entre outros motivos similares.
- Praticidade de pesquisar e encontrar informações na Internet, inclusive livros.
- Acesso a bibliotecas particulares como universidades e empresas.

Apesar dos problemas referidos, uma parcela significativa de nossa amostra freqüenta bibliotecas públicas, o que demonstra mais uma vez um acentuado grau de interesse na leitura e prévio contato com as mesmas durante toda a vida escolar, o que infelizmente não é uma realidade para a maioria da população. É preciso que existam políticas públicas que fomentem a intimidade do leitor com o livro. Se até mesmo os recursos disponíveis e já há muito conhecidos são pouco utilizados pela população, o que dizer das novas tecnologias da Internet que precisam ser aprendidas do zero? Lemos comenta que

o povão pode não entrar na biblioteca pública pois acha que ali existem apenas textos difíceis que fogem à sua compreensão. Sua atitude é de reverência e respeito ao “templo do saber”. A literatura de que gosta não encontraria lugar em instituição que, pela arquitetura, pelo silêncio e pelo tipo de gente que a utiliza, está mais perto de um lugar de culto religioso do que de uma instituição que ofereça algo de concreto para o seu cotidiano (LEMOS, 2005).

O gráfico abaixo mostra a facilidade com que os usuários que freqüentam bibliotecas conseguem encontrar o que procuram.

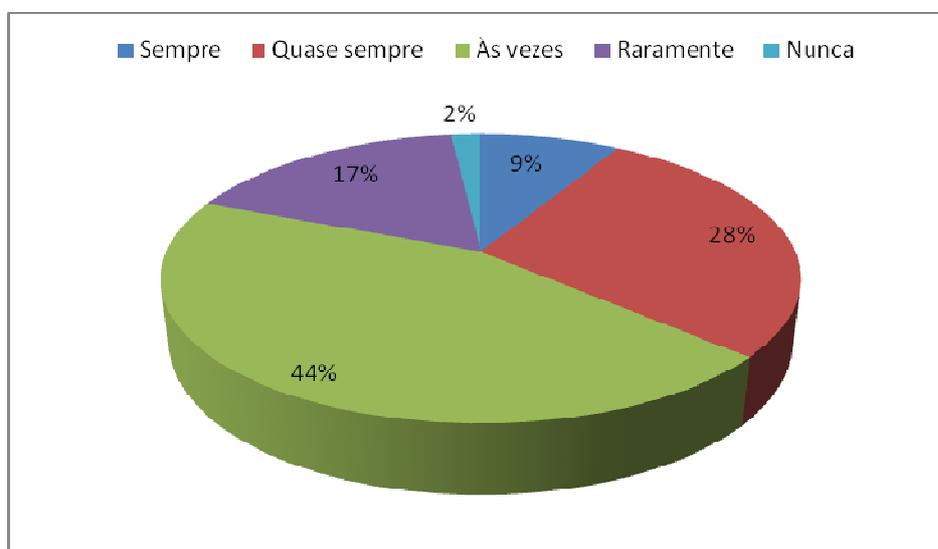


Gráfico 6 – Sucesso na busca por livros em bibliotecas públicas

Observamos uma forte presença da opção “às vezes”, com 44%, seguida de “quase sempre”, com 28%, o que pode indicar uma qualidade de acervo pelo menos razoável para as bibliotecas freqüentadas. Considerando que é impossível para o governo suprir suas bibliotecas com todos os lançamentos do mercado, tanto por questões financeiras quanto por limitações na estrutura física, não seria incorreto afirmar que pelo menos as bibliotecas freqüentadas por esse grupo passam no teste da variedade.

Cruzamos os níveis de satisfação das parcelas mais significativas da amostra com os níveis de renda até R\$ 3.800,00, onde poderíamos ter um resultado que pudesse apontar alguma tendência. O observado é que à medida que cresce o nível de renda as exigências tendem a ser maiores. Enquanto 35,48% da faixa até R\$ 380,00 encontra o que procura “às vezes”, na faixa até R\$ 3.800,00 o número sobe para 49,66%. Por outro lado, enquanto em 34,48% da faixa até R\$ 380,00 encontra o que procura “quase sempre”, na faixa até R\$ 3.800,00 esse número é de 25,64%.

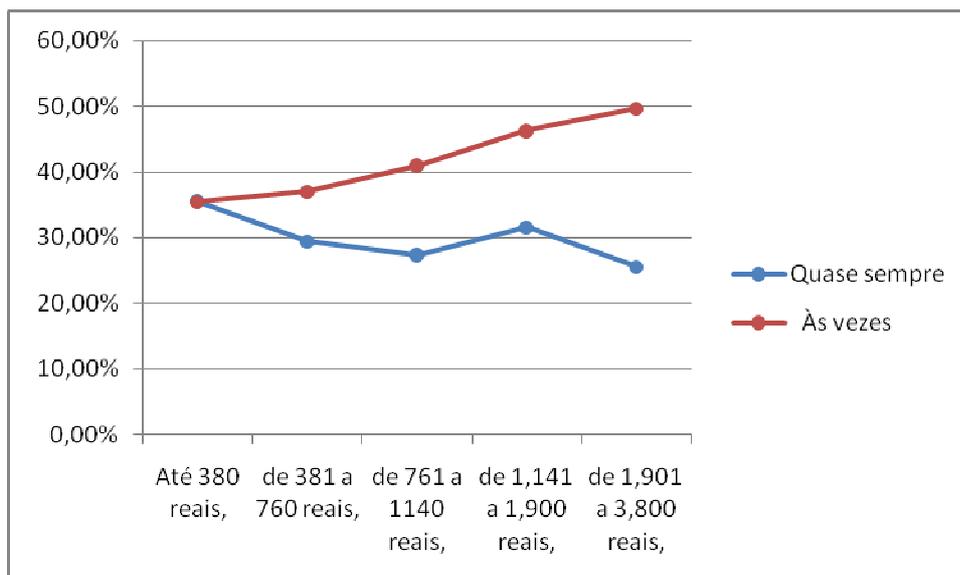


Gráfico 7 – Níveis de Sucesso na busca por livros por faixa de renda

4.2.3. Frequência de Leitura

A pesquisa “Retrato da Leitura no Brasil” mapeou em 2000 que o Brasil tinha uma média de leitura de 1,8 livro *per capita* por ano, um índice baixo, mesmo se comparado com alguns países do mundo semelhantes ao Brasil. Uma nova pesquisa está sendo elaborada e deve ser lançada no primeiro semestre de 2008. Segundo os coordenadores da nova pesquisa, o resultado deve ser melhor. O coordenador geral do Livro e Leitura do Ministério da Cultura, Jeferson Assunção, cita que no Rio Grande do Sul, por exemplo, o índice de leitura já aumentou e alcança 5,5 livros por habitante, com pico de 6,5 livros lidos por pessoa no município gaúcho de Passo Fundo e de seis livros *per capita* em Porto Alegre.

É claro que deve-se considerar que índices *per capita* podem ser ilusórios, e que os grandes leitores podem mascarar uma massa de pessoas que simplesmente não lê. Segundo a pesquisa apenas 14% dos leitores são leitores correntes, ou que liam algum livro dia da entrevista, enquanto 30% tinham lido pelo menos um livro nos últimos três meses, que foram chamados de leitores efetivos. Metade dos livros da leitura corrente foram comprados. A pesquisa estima um público comprador de 20%, e um público que declara que “costuma ler” em 62%, sempre entre alfabetizados com mais de 14 anos.

Perguntamos em nossa pesquisa qual a média de leitura dos visitantes, e qual a principal fonte dos livros lidos. Os resultados não só surpreendem como estão acima de qualquer índice que possa ser projetado em qualquer região do país, comparáveis aos índices dos maiores países leitores da Europa.

Nosso índice de leitura corrente é de 49%, e de leitura efetiva é de 72%. Quase metade dos que responderam ao questionário disseram ler pelo menos dois livros por mês e apenas 1% disse ler menos de um livro por ano.



Gráfico 8 – Índices de leitura no PDL.

Para termos uma visão melhor sobre esses dados, compararemos com a fonte principal dos livros lidos.

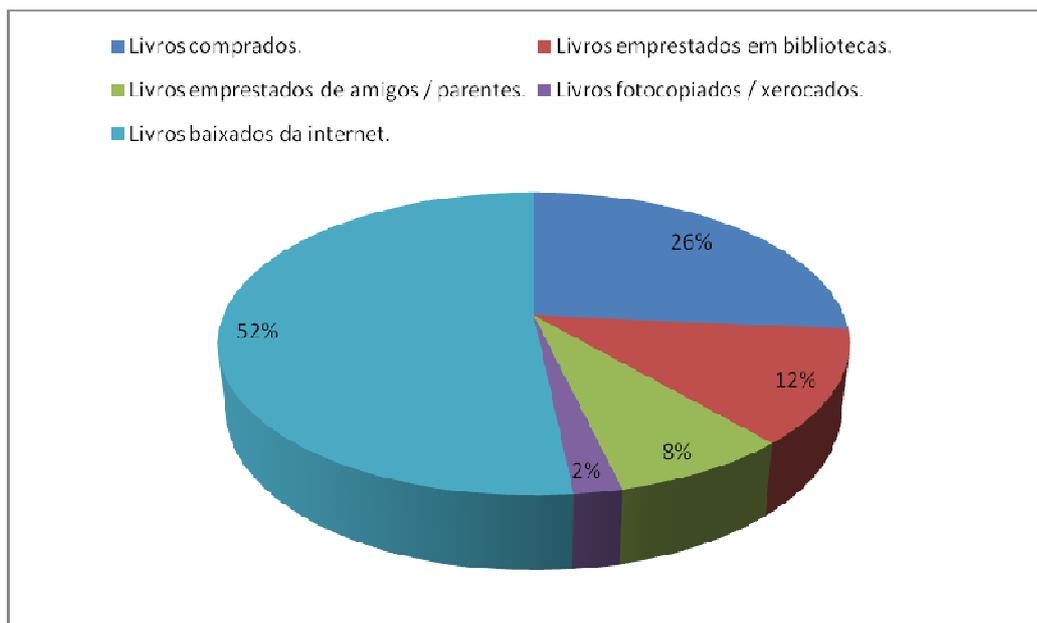


Gráfico 9 – Fonte principal dos livros lidos.

A quantidade de pessoas cuja principal fonte de leitura é a Internet é superior à metade da amostra, seguida por livros comprados, com 26%. Isso indica como efetivamente a Internet contribui para a leitura, podendo ser uma razão para encontrarmos entre esse público um índice de leitura tão alto. De acordo com a pesquisa de 2000, o principal bloqueio para 57% das pessoas que não compram livros é econômico, sendo que 37% alegam os altos custos dos livros e 23% alegam falta de dinheiro. Sendo assim, a possibilidade de ter acesso gratuito via Internet pode sim potencialmente representar uma alternativa viável e menos onerosa, uma vez que são fixos os custos de conexão, enquanto cada livro que se compra é um novo valor a ser pago.

Vamos analisar o impacto do *download* de livros na Internet por escolaridade, através do cruzamento de dados, para determinar quais níveis mais baixam livros e quais mais compram.

	Livros comprados	Livros baixados
Ensino Fundamental	19.61%	50.98%
Ensino Médio	22.67%	57.87%
Curso Técnico e Tecnólogo	15.38%	62.31%
Curso Superior	26.28%	48.79%
Pós Graduação	44.44%	41.18%
Mestrado e Doutorado	46.34%	48.78%

Tabela 4.5 – Fontes principais dos livros lidos, por escolaridade.

Retrato da leitura no Brasil (CBL *et al*, 2001) diz que a escolaridade é fundamental no fator compra de livros. De fato, observamos que quanto maior a escolaridade, maior foi o número de pessoas a responder compra como principal fonte de leitura. Usuário com nível médio e pós médio são os maiores baixadores, apesar de esse índice ser alto em todos os níveis.

Cruzamos também todas as fontes de leitura por faixas de renda por ser possível observar variações interessantes no acesso via fontes alternativas, como empréstimos de amigos e bibliotecas. O resultado segue abaixo:

	Comprados	Bibliotecas	Amigos	Fotocópias	Baixados
Até 380 reais.	14.29%	26.53%	14.29%	6.12%	38.78%
de 381 a 760 reais.	16.07%	14.29%	11.31%	4.17%	54.17%
de 761 a 1140 reais.	16.78%	15.73%	9.09%	2.1%	56.29%
de 1.141 a 1.900	24.06%	15%	7.5%	2.19%	51.25%
de 1.901 a 3.800	28.97%	10.31%	6.69%	1.39%	52.65%
de 3.801 a 7.600	38.36%	4.74%	5.6%	1.29%	50%
de 7.601 a 11.400	54.55%	3.64%	3.64%	0%	38.18%

Tabela 4.6 – Fontes principais dos livros lidos por faixas de renda

- Quanto menor a renda, menos se compra e mais se empresta.
- Na classe média concentram-se os maiores leitores via Internet.

- Grande importância de bibliotecas para classe baixa.
- Livros baixados são maioria para quase todas as faixas de renda.
- Declínio das fotocópias.

4.2.4. Posse de livros impressos

Ainda segundo a pesquisa Retrato da Leitura no Brasil de 2001, a posse do livro é desigual, sendo que 16% possuíam 73% dos livros didáticos ou não-didáticos. A tabela a seguir mostra a situação entre os visitantes do PDL, contemplando apenas a posse de livros não-didáticos.

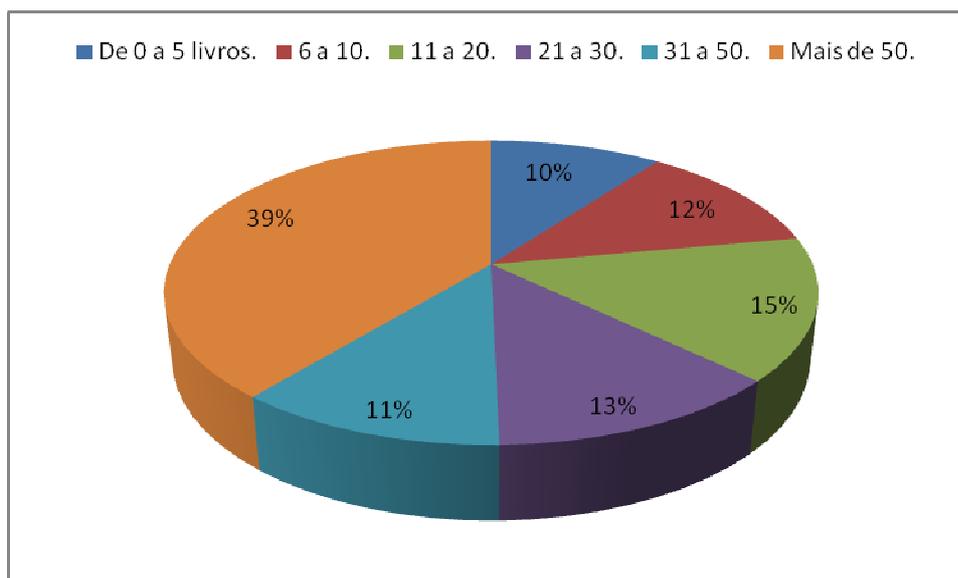


Gráfico 10 – Posse de livros não didáticos no PDL.

Consideramos a posse de livros não-didáticos um indicador mais revelante, uma vez que o livro didático geralmente está presente de forma gratuita onde há estudantes da rede pública e obrigatória onde há estudantes da rede particular, não sendo considerado um investimento em leitura propriamente dito. Notamos que de forma geral, apesar de baixarem muitos livros, os visitantes do PDL também possuem muitos livros. A tabela abaixo é uma comparação entre a menor e a maior posse de

livros, por faixa de renda. O resultado, seguindo a tabela anterior, mostra que quando maior a renda, maior a posse de livros.

	De 0 a 5	Mais de 50.
Até 380 reais.	22.45%	20.41%
de 381 a 760 reais.	20.24%	22.62%
de 761 a 1140 reais.	10.49%	31.47%
de 1.141 a 1.900 reais.	11.56%	31.87%
de 1.901 a 3.800 reais.	7.8%	42.34%
de 3.801 a 7.600 reais.	4.31%	60.34%
de 7.601 a 11.400	0%	63.64%

Tabela 4.7 – Posse de livros x Faixa de renda.

4.2.5. Meio de leitura dos *e-books*

Os dados mostram que a imensa maioria dos usuários não usa nenhum outro recurso para ler seus livros além da própria tela do computador.

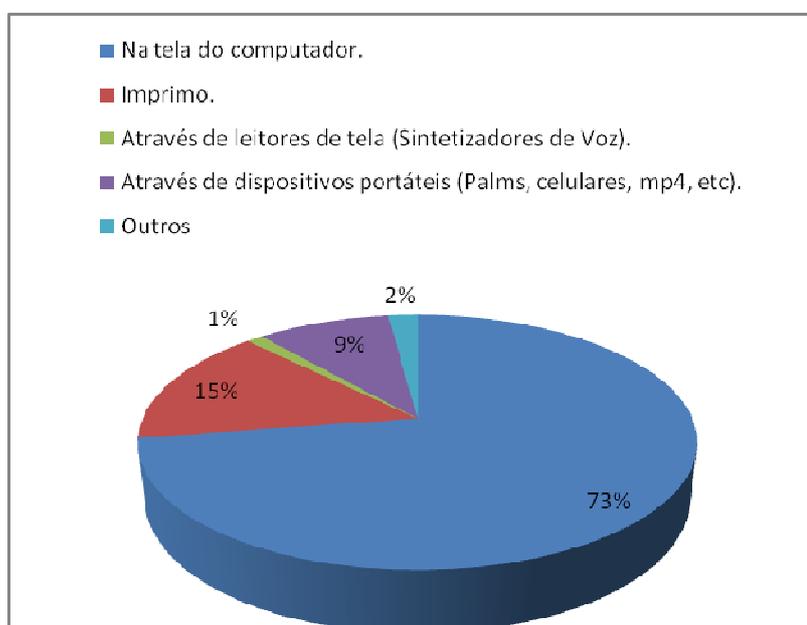


Gráfico 11 – Meio de leitura dos e-books

O resultado mostra que as vias alternativas de leitura do livro digital ainda não estão acessíveis para a maioria. Computadores de mão ainda são caros, além de

desconhecidos e erroneamente considerados sofisticados demais. A baixa presença dos que optam pela impressão seria atribuída aos custos que podem ficar próximos aos da aquisição do livro original. Leitores de tela, que são programas que lêem os textos com voz humana, também são pouquíssimo utilizados, seja por desconhecimento ou por deficiências nos mesmos. Essa opção é a única disponível para cegos, além dos audiobooks, mas não temos dados relativos a esse público específico. A supremacia da tela poderia, portanto, ser explicada por duas vias. A econômica, que representa os custos envolvidos nas outras alternativas; e a da falta de familiaridade e desconhecimento das outras opções possíveis. Quando questionados sobre as dificuldades enfrentadas em ler o material depois que encontraram, 65,80% disseram não sentir nenhuma dificuldade, ficando a dificuldade de ler na tela e/ou deficiência visual com 27%. Entre os usuários que marcaram “outros”, a maioria citou mais de uma das opções já existentes, com a exceção da opção “falta de tempo”, que não estava entre as alternativas padrão.

4.3. Inovação e Originalidade

Os dados a seguir visam a medir o quanto realmente o site é inovador, e o quanto contribui para a aquisição de cultura de seus usuários. Constitui de uma parte quantitativa e uma parte qualitativa. Na primeira, levantamos questões como a facilidade com que os usuários encontrariam o material disponível em outros locais, o quanto o site contribui para seu nível de leitura, para a descoberta de novos autores, etc. A segunda parte trará análises feitas através de depoimentos e experiências de pessoas, obtidas de perguntas abertas. Nos casos em que transcrevemos algum desses relatos, mantivemos a grafia original enviada.

4.3.1. Facilidade de busca

Por se tratar de uma iniciativa leiga, que se utiliza de ferramentas gratuitas e pré-programadas, desejávamos saber o quanto o site é amigável e se a recuperação das informações armazenadas é fácil e acessível ao usuário comum.

A maioria dos usuários encontra o que procura quase sempre (49%) ou sempre (27%). No total, foram 76% de usuários que não encontram dificuldades em navegar e encontrar os arquivos no site. Como mencionado anteriormente, o PDL utiliza um sistema de fórum bastante comum para debates e discussões na Internet, mas não apropriado para a classificação de arquivos, embora a maioria dos sites do gênero utilize o mesmo sistema ou sistemas similares. O fórum possui sistema de busca por palavras contidas nos tópicos, mas não busca no conteúdo dos arquivos. Quem tem familiaridade não encontra grandes dificuldades em chegar até as obras, que além do recurso da busca estão classificadas por categorias e sobrenomes dos autores. Quando o usuário marcava “às vezes”, “raramente” ou “nunca” ele era solicitado a relatar o tipo de dificuldade encontrada. Notamos que muitas das justificativas eram mais referentes à falta dos conteúdos procurados que à dificuldade de encontrá-los. Reclamações como a falta de livros didáticos, conteúdos específicos, autores menos conhecidos ou livros menos conhecidos de autores conhecidos foram recorrentes, apesar de esse não ter sido o foco da pergunta. Daí podemos concluir que para a maioria, além de pesquisar com facilidade, quase sempre o site possui o material pesquisado. Entre as reclamações mais frequentes, em primeiro lugar estava a deficiência do sistema de busca, e em segundo a presença de links quebrados. O problema da busca é que ela encontra quaisquer tópicos que possuam a palavra digitada, sendo preciso restringi-la à categoria do fórum específica, ou digitar a palavra mais incomum do material pesquisado. Em nossos testes, de fato, apareceram diversos tópicos não relacionados ao conteúdo desejado e foi preciso procurar entre os resultados da busca para encontrar o que se desejava. Para quem não possui familiaridade com o sistema isso pode representar um problema, fazendo com que o visitante desista do site antes de encontrar o que deseja.

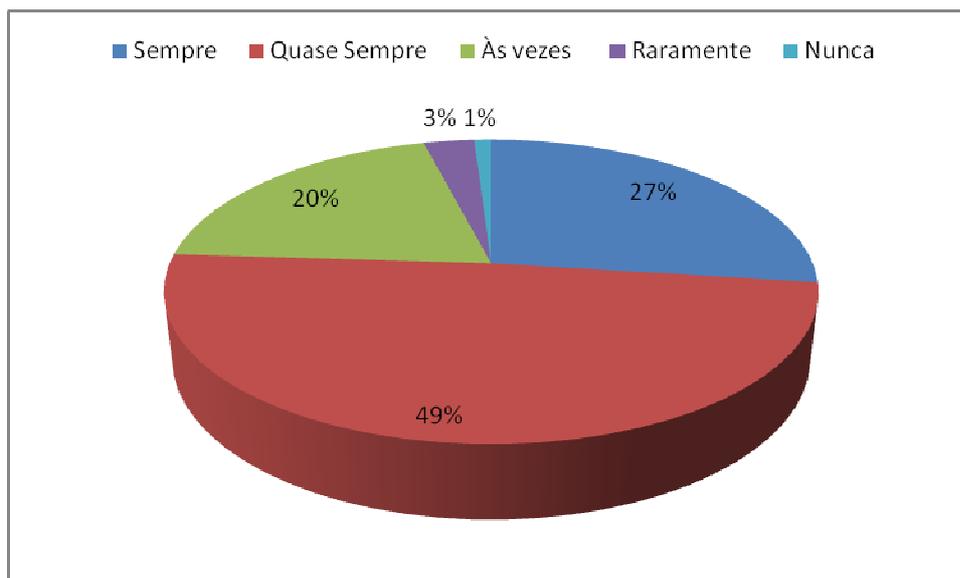


Gráfico 12 – Facilidade de busca no site.

4.3.2. Experiências de uso

De uma lista de experiências previstas que os usuários poderiam vir a ter no site, solicitamos que eles marcassem aquelas que eles já haviam experimentado. Eles podiam marcar quantas quisessem ou ainda adicionar alguma não contemplada. O gráfico a seguir mostra o resultado, ordenado por número de votos.

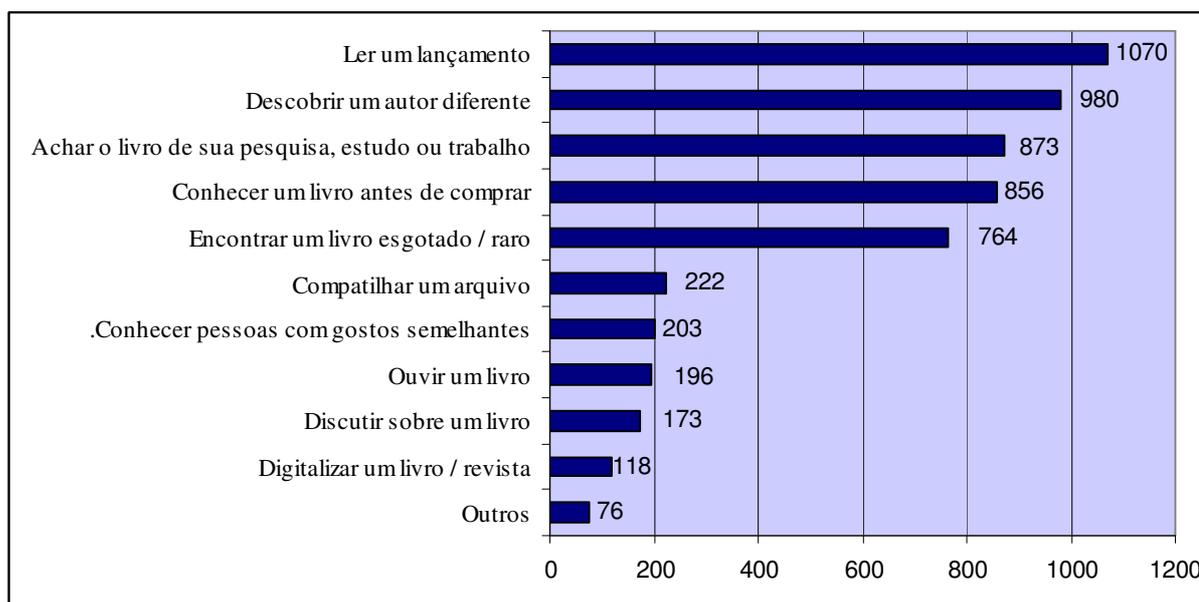


Gráfico 13 – Principais experiências dos usuários no PDL

Consideramos o número máximo possível de 1485 votos em única opção, sendo esse o universo pesquisado. A opção mais escolhida foi “Ler um lançamento”, marcada por 72,05% dos usuários. Isso mostra o quanto realmente o site é original, e que o potencial dado pela liberdade da Internet é amplamente explorado. Não fosse a opção seguinte mostrar que 66% dos usuários utilizaram o site para descobrir um autor diferente, poderíamos supor que o site só se presta para best-sellers, o que não é verdade. Essa questão será especificamente abordada, mas esse dado já é um indicativo do potencial do site em si e da Internet para descoberta de novos tipos de leitura, novos conhecimentos, fugindo da ditadura das prateleiras. Também é grande o número de pessoas que encontram livros para pesquisa, estudo ou trabalho. Apesar de o site possuir um acervo mais focado em literatura, 58,78% já encontraram algum livro que foi utilizado para esses fins. De fato, é possível encontrar livros das principais áreas do conhecimento, muitos adotados por mais de um curso e até obras universais, como alguns volumes da Coleção Primeiros Passos.

A grande quantidade de pessoas que optaram por conhecer o livro digital antes de comprar o livro impresso pode suscitar questionamentos sobre a viabilidade de se trabalhar com lançamentos nas duas versões, e se realmente um livro digital ajuda ou atrapalha a vendagem de um livro impresso. Os 57,64% que marcaram essa alternativa, se não compraram o livro provavelmente consideraram seriamente esse possibilidade. Isso é um indicativo do potencial de sucesso que um projeto como o *Google Books* é capaz de alcançar. Disponibilizando apenas partes de suas obras, os editores poderiam receber uma ajuda significativa em suas vendas, sem que com isso precisassem gastar um centavo. Não temos dados para fazer um estudo aprofundado dessa questão, mas é possível dizer que graças aos livros virtuais muitos livros impressos são vendidos e muitos autores ficam conhecidos.

Em seguida aparece uma das melhores características dos livros virtuais, já citada anteriormente, que é a possibilidade de ressuscitar livros raros e fora de tiragem. No

PDL é possível encontrar livros que dificilmente seriam encontrados em livrarias, mais uma prova dos impactos positivos das bibliotecas virtuais. Esses 51,44% puderam encontrar e se beneficiar de livros que possivelmente não encontrariam em nenhum lugar fora da Internet. O mesmo está ocorrendo em bibliotecas virtuais de todo o mundo, com documentos históricos, pergaminhos e mapas seculares podendo, com investimento e boa vontade, tornarem-se públicos e imortais.

Em seguida, temos as opções menos escolhidas, que demandam envolvimento e tempo maior da parte dos usuários. Encontramos que apenas 13,19% teve oportunidade de ouvir um livro, o que poderia ser explicado, entre outras coisas, por ser essa opção menos acessível para visitantes sem banda larga. Livros falados ou *audiobooks* geralmente possuem arquivos grandes, e podem demorar até várias horas para serem baixados via Internet discada. Pelos números, também notamos que uma minoria utiliza o espaço para discutir os livros baixados, trocar experiências e compartilhar novos arquivos. Apenas 15% já tiveram a oportunidade de compartilhar um arquivo e 13,67% conheceram pessoas com gostos semelhantes. Isso pode ser um indicativo de falta de incentivo dentro do próprio site, ou simplesmente representa um público que assiste mais que participa, tendência dominante em fóruns coletivos. Como o site é completamente aberto, independentemente de registro, muitos dos visitantes preferem não tomar parte dos debates, que exigem uma conta de usuário. Dos 83 usuários *on-line* que o site registra neste momento, 72 são visitantes e apenas 11 são usuários registrados e logados. Apenas 11,64% discutiram sobre um livro e menos de 8% tomaram parte ativa para o aumento do acervo, digitalizando algum livro ou revista. Como mostrado no capítulo sobre o objeto de estudo, os maiores digitalizadores agrupam-se em equipes de digitalização, compartilhando o trabalho e evitando trabalhos repetidos. Se considerarmos que o que vemos de conteúdo na Internet como um todo é obra de apenas 8% dos usuários, podemos projetar um crescimento absurdo para os próximos anos, à medida que as ferramentas de produção tornam-se mais fáceis e acessíveis. Através da opção “outros” coletamos depoimentos interessantes de experiências com o site, que serão comentados juntamente com os relatos ao final do capítulo.

4.3.3. Originalidade

Perguntamos: “O material que você pesquisou e achou no PDL seria acessível para você através de outras fontes? (Comprando, emprestando em bibliotecas, etc.).”

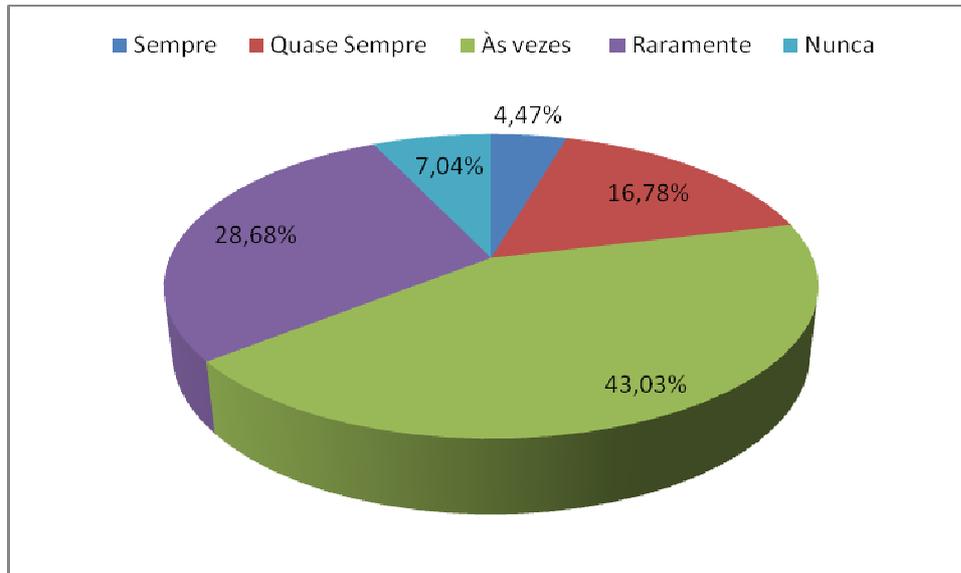


Gráfico 14 – Possibilidade de acesso através de outras fontes

Raramente e nunca somam 35,72%, ou para mais de um terço dos entrevistados o material encontrado no PDL dificilmente seria acessível outra forma. A opção “às vezes” foi marcada pela maioria dos usuários, o que equivale dizer que para 43,03% dos entrevistados o material encontrado no PDL também às vezes pode ser encontrado fora dele. Sempre ou quase sempre somaram 21,24%, que normalmente conseguem encontrar o que procuraram através de outras formas, quando não acham no PDL.

Os números acima permitem traçar um panorama extremamente positivo sobre os impactos do PDL sobre seu público. Vemos que a escolaridade nem sempre dá ao leitor todos os livros que ele pode ler e que a renda dos usuários não é suficiente para suprir suas necessidades literárias.

Ainda sobre originalidade, na pesquisa de Salgado (2002) sobre a Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro, os que responderam sempre ou quase sempre à mesma pergunta foram 49,2%, e os que responderam raramente ou nunca foram apenas 17,1%. Às vezes foi marcada em 33,8% dos casos. Isso indica que, como era esperado, uma biblioteca leiga e livre como o PDL pode ter mais impactos positivos que correspondentes acadêmicos bem conceitualizados e estruturados como a BibVirt.

4.3.4. Influência no hábito de leitura

Perguntamos aos usuários sobre como o site teria ou não alterado seus hábitos de leitura. O resultado mostra índices expressivos de contribuição, com influência positiva para praticamente todos os usuários entrevistados. Mais da metade afirmou que seu hábito de leitura aumentou bastante e pouco menos de um terço disse ter aumentado um pouco. No total, o PDL contribuiu positivamente para 86,76% dos usuários. Levando em conta ainda que 18,71% dos entrevistados tinham conhecido o site há menos de um mês, consideramos o resultado digno de nota e que pode ter contribuído de forma decisiva para os altos índices de leitura mencionados anteriormente.

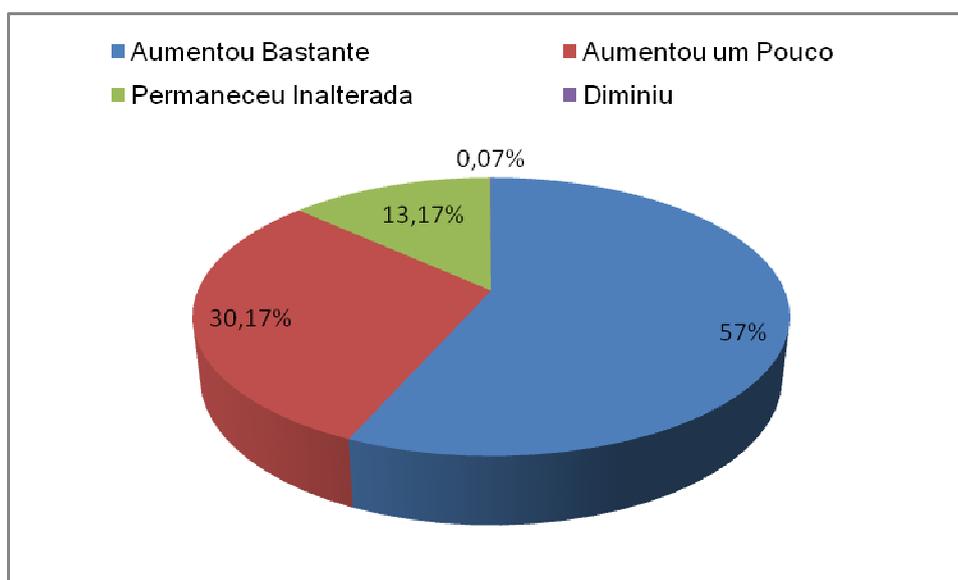


Gráfico 15 – Influência sobre o hábito de leitura

Para avaliar mais profundamente impactos da Internet sobre a leitura de uma forma geral, elaboramos a seguinte pergunta: “Quando não encontra o que procura no acervo do PDL ou na Internet de uma forma geral, qual é a probabilidade de você deixar de ler o material, por falta de acesso ao mesmo?” O gráfico abaixo pode ser considerado uma medida sobre o potencial de contribuição da Internet na leitura, não apenas através do PDL, mas de uma forma mais abrangente.

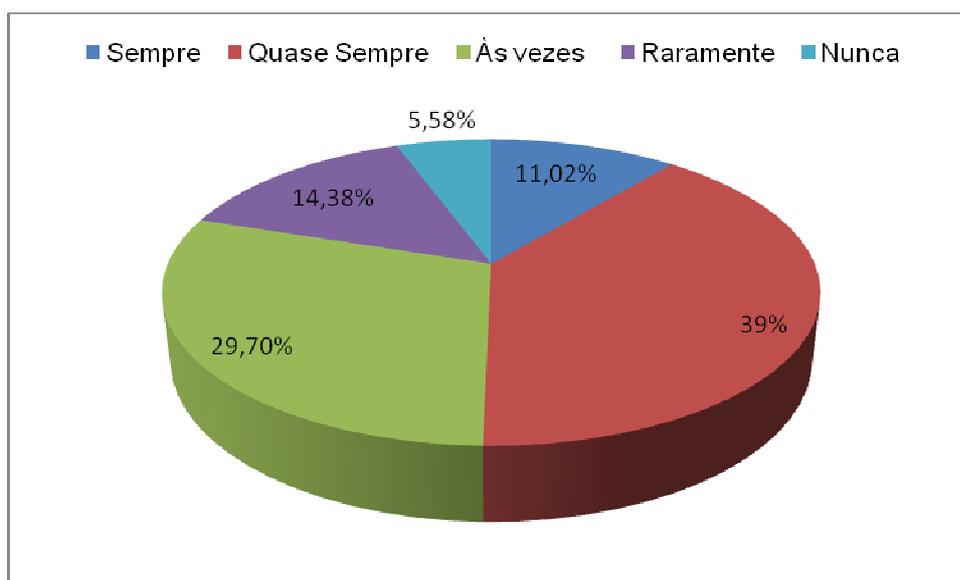


Gráfico 16 – Probabilidade de não se ler um livro quando não encontrado na Internet.

Somando “quase sempre” e “sempre” vamos obter 50,51%. São pessoas que quando não encontram um livro na Internet, dificilmente conseguirão lê-lo de outra forma. “Raramente” e “às vezes” somam aproximadamente 12%. São aquelas pessoas que baixam, mas dependem pouco dos livros na Internet, podendo obtê-los de outras formas. Esses dados podem originar uma série de questões. A primeira e mais evidente é que a Internet tem um papel fundamental na obtenção de leitura para os usuários entrevistados. Outra questão a ser levantada é: será que esses 50,51% que disseram baixar livros na Internet como única alternativa para leitura dos mesmos realmente está contribuindo para diminuir o lucro da edição impressa ou eles simplesmente, na maioria dos casos, já deixariam de comprar o livro original de qualquer maneira? De qualquer forma, é inequívoca a influência da rede sobre os hábitos de leitura, o que serve de estímulo à expansão dos projetos de

universalização da banda larga e dos computadores, e uma razão a mais para pensar em práticas mais humanas de *copyright*.

4.3.5. Preferências de Leitura

Procuramos medir a tendência de leitura dos usuários quando os mesmos têm menos restrições de escolha. O resultado mostra que ao invés de procurar os livros mais famosos, eles preferem pesquisar materiais relacionados aos próprios gostos literários. Dentro de seu próprio gênero preferido, eles podem encontrar autores novos, como foi mostrado anteriormente, mas essa não parece ser a prioridade da maioria. Isso mostra que mesmo com uma biblioteca imensa disponível, leitores tendem a pisar em terras que já conhecem, a menos que recebam indicação, ou seja, direcionados para outro lado.

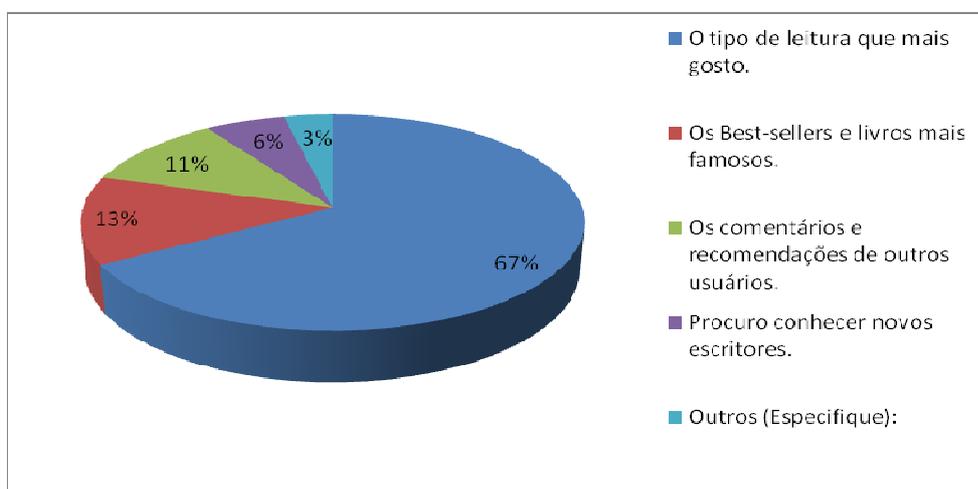


Gráfico 17 – Recursos mais procurados quando se deseja ler um novo livro.

Nos depoimentos espontâneos, notamos muitas pessoas relatando que encontraram livros que há muito procuravam, o que reforça a idéia de uma demanda anterior. Trata-se de uma aplicação prática do modelo de Cauda Longa. Quando listaram os últimos cinco livros lidos através do PDL, a maioria dos usuários citou um lançamento do último ano. O acesso aos tópicos de best-sellers também supera em muito os de livros mais técnicos e específicos. No entanto, todos os arquivos

encontrados no site já foram baixados mais de uma vez e se um link quebra geralmente não demora muito para alguém reclamar. Navegando pelos fóruns constatamos poucos tópicos que não continham pelo menos um comentário. O tópico menos popular do fórum Romances Estrangeiros, por exemplo, possuía 424 acessos desde 12 de agosto de 2007. Pela data de hoje, podemos facilmente contar com uma média superior a 70 acessos por mês. “Dimensões da radiônica – Novas Técnicas de Cura” de David Tansley, livro classificado dentro do fórum terapias alternativas adicionado ao acervo há cerca de 10 dias já possui no momento 289 acessos, tendo sido baixado 112 vezes. Os livros de uma biblioteca digital não atraem só os visitantes e curiosos estiverem navegando por ela. Suas páginas são indexadas por mecanismos de busca e provavelmente serão encontradas por curiosos em um tema específico muito em breve. Se um site como o PDL, que nem possui busca interna nos livros, pode ter público para tudo que se publique, um gigante da computação certamente poderia fazer muito pelo mercado literário mundial.

Na pergunta sobre o que não teriam achado no PDL, a grande maioria reportou livros específicos, científicos, técnicos e especializados em determinada área. De fato, uma vez compreendido como se expande uma biblioteca colaborativa, é fácil entender a natureza dessa deficiência. Digitalizar um livro é demorado e demanda trabalho. Científicos, principalmente. Por isso, geralmente temos os seguintes motivos para um livro estar disponível na Internet:

1. O digitalizador geralmente é um fã, apaixonado pelo assunto ou no mínimo curioso. Para um livro ter condições de ser compartilhado ele precisa de revisão, e ninguém lê e revisa o que não lhe interessa.
2. O digitalizador sente-se bem por compartilhar e saber que muitas pessoas se beneficiarão do livro. Dá prioridade ao que julga de maior audiência.
3. O livro simplesmente é o que está disponível para ele digitalizar no momento. Logo, o nível de sucesso será sempre menor em áreas de público mais

restrito e que conseqüentemente tenham menos pessoas para trabalhar por elas.

4.3.6. Potencial de mercado do livro digital

Tendo enumerado vantagens e desvantagens do livro digital e listado os diversos impactos sobre o público, procuramos medir a possível viabilidade comercial dessa alternativa, e nenhum público melhor que os próprios consumidores do conteúdo, que conhecem como ninguém todas as suas peculiaridades. Porém, a questão ganhou muito mais importância do que esse objetivo inicial, fornecendo-nos uma visão mais completa sobre como e por que se dá a relação do usuário com o livro digital e com o próprio livro impresso. Nós perguntamos “Você compraria um livro digital, caso o custo-benefício fosse superior ao do livro impresso?”.

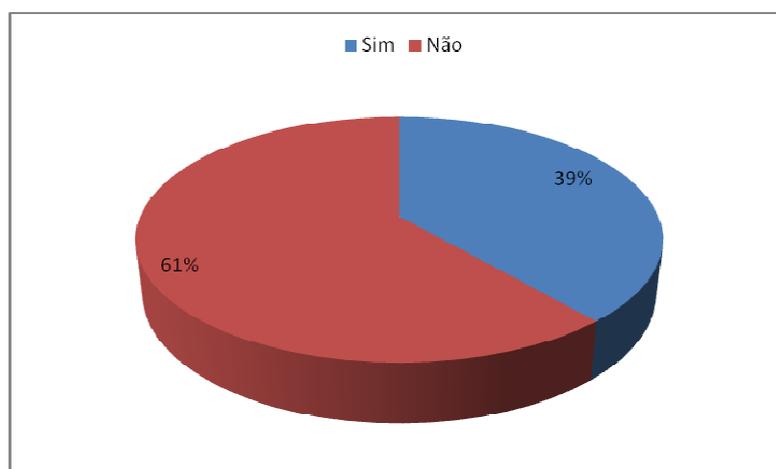


Gráfico 18 – Usuários que comprariam ou não um livro digital.

Os dados mostram que apesar de ocuparem papel fundamental na leitura desses usuários, para eles o livro digital ainda não está pronto para ser comercializado. É possível que o número reflita a opinião de um público que está acostumado a obter esse material gratuitamente e, portanto, se recuse a pagar por ele. Notamos isso por justificativas como “*Se é um material que obtenho de graça, porque pagar?*”. No entanto, avaliando muitas das respostas negativas, podemos observar que as desvantagens que o usuário passa por cima em virtude da gratuidade, como a de

precisar ler no computador, muitas vezes seriam condições determinantes se o usuário fosse pagar pelo *e-book*. Citam como justificativa para preferir o livro impresso a mobilidade, possibilidade de transportar para qualquer lugar, coisa que no livro digital ainda é distante, sendo preciso que os dispositivos portáteis popularizem-se muito além do nível atual. Uma resposta que ilustra a situação: *“É incomodo ler no monitor. Os e-books readers (e outros dispositivos como palms, notebooks etc.) são caros, vide o novo e-book da Sony, considerado o melhor equipamento”*. Outros que optaram pelo não citam a insegurança de poder perder os dados armazenados em forma eletrônica ou queixam-se da imaterialidade de comprar um bem virtual: *“Por ser digital as condições de armazenagem são complicadas, estou constantemente formatando o computador e sujeito a perder o material”*. Dentro do grupo que respondeu não, e mesmo alguns depoimentos do sim, o que mais chamou a atenção é o poder simbólico do livro em nossa sociedade. Citam o prazer de se possuir um livro na estante, o toque do papel, beleza, o cheiro e textura. Sentem-se adquirindo um valor real, o que não ocorre no livro digital: *“Porque eu gosto dos livros em papel, da sensação de tê-los na mão, do cheiro deles, sei ler desde os 4 anos e sou viciado em leitura”*. A maioria justificou não adquirir um livro impresso em razão do preço e que, se tivessem de pagar, comprariam o impresso, e vários disseram que compraram o impresso depois de ler o digital: *“Para mim, o maior benefício de se ter um livro digital é justamente conhecer o material antes de adquirí-lo impresso”*. Uma resposta muito comum também foi a necessidade de imprimi-los depois. Por fim, é importante citar casos em que a pergunta foi mal interpretada, gerando respostas negativas pelo fato do usuário ter reduzido a expressão “custo-benefício” a custo, como se estivesse sendo questionado se compraria um livro digital caso o custo fosse superior.

Na outra ponta, dos optantes pelo sim, temos um conjunto de justificativas que muitas vezes fazem contraponto com o alegado pelo não. Citam como vantagem poder carregar para qualquer lugar quantos livros digitais quiserem, pesquisar mais facilmente, fazer citações sem ter que digitá-las, gastar menos e ler mais, receber o livro comprado imediatamente, o que é muito útil em casos de livros esgotados. Um forte motivo dos optantes pelo sim, sendo inclusive uma das exceções citadas pelos

usuários do não, são os livros não mais disponíveis em versões impressas, esgotados, fora de tiragem, etc. Outros citam ainda que é uma opção ecologicamente correta, uma forma de remunerar o escritor diretamente, que ocupam pouco espaço, podem ter sua venda fracionada por capítulos, não estão sujeitos à ação do tempo, não juntam poeira. Dos principais motivos, selecionamos um depoimento que sintetiza bem a maioria: *“Primeiro porque não consomem papel e tinta, cuja produção, utilização e descarte é responsável por vários problemas ambientais existentes; segundo porque os livros podem ser mais baratos e assim favorecer o acesso de todos à cultura geral; terceiro porque livros com o tempo tendem a estragar; quarto porque além de estragarem, ocupam espaço (e muito), são um saco de carregar em mudanças, viagens, etc, acumulam poeira e outras sujeiras e estragam no manuseio; quinto porque é muito mais prático e fácil poder carregar todos os seus livros num Hd, num pen drive, palm ou algo do tipo e ler ou usar para uma citação ou conferir algo a qualquer hora e lugar; sexto porque o que importa mesmo é o conteúdo do livro e não se ele é bonito”.*

De um modo geral, concluímos que o livro impresso tem vida longa e faz parte do imaginário e da cultura da sociedade, dando ao seu possuidor *status*, conforto, segurança, sensação de apego e uma série de sentimentos que vão além do conteúdo em si. Para que o livro digital adquira o mesmo secular prestígio do livro editorado seria preciso mais do que uma popularização dos dispositivos portáteis – seria preciso uma nova sociedade. Portanto, não há como falar que um dará lugar ao outro. Apesar disso, e os celulares e mp3 players estão aí para provar, os dispositivos eletrônicos popularizam-se, e as vantagens do livro virtual poderão libertar-se das telas e ganhar as ruas. Seu poder democratizador, junto com o da própria Internet, é incontestável. Se as editoras optarem por vender no digital apenas os títulos que perderam a viabilidade econômica no impresso, se venderão todos digitais indistintamente ou mesmo se distribuirão de graça (e muita gente realmente está comprando livros impressos depois de conhecê-los via *e-book*), será uma coisa que só o futuro dirá.

Um interessante conceito que pode ser aplicado nesse caso é o de “Tecnologias de ruptura”, elaborado por Clayton Christensen (2001). Segundo ele, em ambientes de competição costumam surgir dois tipos de inovação tecnológica. A primeira, mais comum, é aquela sustentada: uma tecnologia que resulta em um produto ou serviço melhor que o anterior. A segunda, chamada de ruptura tecnológica, é aquela que muitas vezes traz um produto pior em relação ao modo como o mercado faz sua avaliação, mas também traz um novo conjunto de atributos que permitem ao produto ser usado de uma maneira diferente dos que existiam antes. Montmorency (2000, p.10), explicando a teoria de Christensen, diz que, quando surgem, as tecnologias de ruptura “não são levadas a sério por quem detém a tecnologia estabelecida, pois no princípio elas sempre são tecnicamente inferiores”, mas que embora inferiores ao que o mercado considera viável, elas trazem em si alguma novidade. “Pode ser mais cômoda, mais fácil de transportar ou simplesmente mais barata”. As tecnologias de ruptura vão conquistando um mercado ainda virgem, amparadas por outras tecnologias sustentadas, até atingir o patamar técnico da tecnologia estabelecida e a partir daí não há como as empresas que não se adaptaram reagirem.

Aplicando à nossa realidade, podemos imaginar que, se apoiados pela evolução dos dispositivos portáteis (tecnologias sustentadas), os livros digitais não chegarão a ser tão convenientes quanto os livros impressos, apesar de hoje ainda termos um longo caminho pela frente. Se já vimos esse filme centenas de vezes durante a história, é de se esperar que veremos mais uma vez, agora com os livros. Assim como Chris Anderson, acreditamos no poder da gratuidade e apostamos nela como a alternativa mais viável, principalmente depois do que os dados vêm mostrando, mas é certo que o livro impresso tem vida longa e continuará ocupando a parte mais significativa na transmissão de nossa cultura por muito tempo.

4.3.7. Impactos e depoimentos pessoais

Opiniões e relatos pessoais podem mostrar uma realidade muito melhor que dados quantitativos. Procuramos mensurar os impactos das bibliotecas virtuais sobre os hábitos de leitura e estudo, através da pesquisa do PDL, obtendo diversos dados

que comprovam aumento no nível de leitura, descoberta de novos conteúdos, e indícios de que grande parte dos livros lidos pelos usuários são digitais, livros estes que dificilmente seriam lidos via versão impressa, por motivos diversos. No entanto, poder ouvir a voz dos próprios usuários, suas peculiaridades e diversos usos que fizeram do site pode enriquecer muito a percepção sobre esses impactos. Comentaremos características presentes em diversos relatos e opiniões em comum, seguidos de casos que ilustram cada tipo de impacto. Adicionamos em anexo um apanhado com alguns desses depoimentos, como forma de documentar e oferecer a quem possa utilizar-se desse trabalho um acesso sem mediações às opiniões dos visitantes.

Solicitamos: “Se você já utilizou o PDL com sucesso para fins de pesquisa, trabalho ou leitura, por favor, conte-nos com alguns detalhes sua experiência”. Pelos relatos, podemos facilmente perceber que, de fato, a biblioteca virtual em questão ocupa um papel fundamental nos hábitos de leitura e estudo de seus usuários. Para fins didáticos e de organização, dividiremos esses impactos por categorias, embora na maioria dos casos pesquisados estejam presentes mais de um impacto.

4.3.7.1. Dificuldades financeiras

“Eu gosto muito de ler, e comprar livros na quantidade que eu os leio não seria viável, por isso gosto muito do pdl, pois ele me proporciona a oportunidade de ler mais.”

A questão econômica da citação é um dos impactos mais citados e um dos principais motivos alegados para se deixar de ler um livro. O problema mais comum encontrado é o preço do livro, que além de caro de uma forma geral, cresce com a necessidade de comprar muitos títulos. Como também mostrou a pesquisa Retrato da Leitura no Brasil, o custo do livro, associado à baixa renda são as principais barreiras de acesso ao mesmo. A possibilidade de acesso a custo zero apareceu como um estímulo para muitos usuários começarem a ler, no entanto, é interessante o fato de que nos depoimentos com tom financeiro, predomina como justificativa a impossibilidade de adquirir o livro impresso e não a economia proporcionada pelo

livro digital. Ou seja, o que ocorre mais freqüentemente é o livro digital quebrar uma barreira financeira de usuários que não poderiam mesmo comprar o livro impresso, apesar de quererem. Ficou claro nos dados e depoimentos sobre o potencial de mercado do livro digital que o livro impresso ainda é soberano, mesmo para quem lê mais de 50% de seus livros na forma digital, se pudesse comprar, compraria o impresso. *“Excelente opção em um país em que o preço médio de um livro equivale a 10% do salário mínimo”*, relata um usuário.

Os depoimentos também confirmaram os dados levantados pela pesquisa quantitativa de que, graças aos livros digitais, usuários são levados a comprar livros impressos. Diversos são os relatos com esse teor:

“O PDL me ajudou muito, tinha livros que eu não achava de jeito nenhum e achei no PDL. Teve livros que eu li rapidamente no PDL e depois comprei para ler.”

“Estava escolhendo um livro para dar de presente, quando navegando no PDL encontrei algo que me pareceu promissor, baixei-o e o li. Já o comprei sabendo de antemão que ele iria agradar, e o fato é que a pessoa que o ganhou devorou o livro em poucos dias.”

“Através do portal tive acessos a vários livros e posteriormente os que mais me agradaram, comprei.”

“Obras de Stephen King, já li quase todas graças Ao PDL. Desejo dizer que comprei vários livros dele após a leitura prévia aqui no PDL.”

“Ja li resumos de livros que me interessaram e eu os comprei em livrarias da minha cidade, depois de ter maiores informações pelo PDL.”

“Utilizo o site para ler partes do livro antes de decidir se o comprarei realmente, ler indicações de amigos e best-sellers.”

“...Graças ao e-book pude escrever um roteiro com calma sem ter de devolver o livro imediatamente. Após o término do trabalho, comprei o livro. Assim como faço com todos os que leio aqui.”

“Eu particularmente nunca comprei um livro sem antes ter lido o mesmo.”

“...Já vi alguns tópicos sobre o livro pela Internet interferir nos comprados. Não sei a opinião dos outros, mas qto a mim não influenciou apenas aumentou meu desejo pela leitura. Voltei a comprar livros e muitos que li na Internet eu não viria a comprar então não acho que prejudiquei nenhuma editora.”

4.3.7.2. Dificuldades geográficas e estruturais

Os depoimentos mostram que o PDL está conseguindo levar leitura e conhecimento para lugares em que faltam bibliotecas ou que possuem bibliotecas deficientes:

“Adoro baixar os livros do pdl, pois moro em uma cidade cuja biblioteca deixa muito a desejar e não tenho acesso a muitos livros”. Este foi um comentário comum. Encontramos também casos de brasileiros morando no exterior, cuja fonte principal de leitura de livros em português é o PDL: *“Acesso a livros em minha língua pátria mesmo estando longe. O custo de livros em português ou inglês é altíssimo por aqui”.*

Outro ponto também muito relatado foi que, em muitos lugares, até para comprar alguns livros são bastante difíceis. Faltam livrarias ou faltam livros nas livrarias. Selecionamos mais alguns exemplos:

“Moro em uma cidade do interior, com poucas livrarias e por isso as vezes tenho que esperar muito tempo para que um chegue após encomenda-lo.”

“Na minha cidade é extremamente difícil encomendar livros que não existem mais a pronta entrega.”

“Eu tenho encontrado livros maravilhosos, que de outra forma não teria acesso, pois minha cidade não tem biblioteca...”

“Pelo fato de viver em outro país raramente eu sou capaz de acessar um livro em Português. O PDL derrubou esta barreira internacional e me possibilitou a oportunidade de ler livros na minha língua nativa.”

4.3.7.3. Dificuldades Editoriais

A vantagem de poder encontrar na Internet livros esgotados e fora de tiragem apareceu para muitos usuários como um providencial impacto, em situações que nem mesmo o livro seria encontrado para comprar. A experiência de encontrar livros que não são mais editados, livros que ainda não foram lançados no Brasil e foram traduzidos para nosso idioma ou livros que foram lançados apenas em Portugal é relatada com alegria e entusiasmo:

“Já achei aqui muitos livros que não encontro em livrarias.”

“Já encontrei vários livros que ainda não haviam em português traduzidos pelo PDL.”

“Normalmente utilizo o PDL para encontrar livros que estou procurando faz muito tempo e não encontro. Alguns dos livros que li, são livros raros, outros nem tem tradução em português.”

“Livros que procurei em bibliotecas, livrarias, e outras fontes, e só encontrei no PDL.”

4.3.7.4. Dificuldades Particulares

O livro na Internet pode favorecer diversos impactos em dificuldades pessoais que vão além das financeiras, difíceis de mensurar sem a ajuda de depoimentos desse tipo. Encontramos problemas pessoais comuns, como a falta de tempo, a falta de espaço em casa, a já esperada deficiência visual e outras sequer cogitadas até o momento, como o anonimato e a privacidade que quem opta por um livro digital possui. Eis alguns exemplos:

“Tenho tendinite nos braços e não consigo segurar um livro para ler mas no formato digital consigo ler com facilidade no meu palm.”

“Baixo bastante livros para um amigo meu que é deficiente visual...”

“Aqui posso ler livros de auto-ajuda, sem ter um vendedor me julgando.”

“Já encontrei muitos autores que não tinha lido como o Charles Bukowski, li autores famosos como o Saramago (cujos livros são muito caros), e tb obtive muita ajuda dos livros evangélicos quando eu estava deprimida.”

4.3.7.5. Ensino

Encontramos diversos depoimentos de professores e outros profissionais que utilizam o PDL como forma de melhorar a qualidade de suas aulas, dar a seus alunos alternativas às conhecidas xérox de faculdade e levar conteúdos que seriam inacessíveis em outras formas. Isso mostra que os impactos de uma biblioteca virtual podem ir além dos que têm acesso a ela, sendo uma excelente ferramenta de ensino. Os comentários a seguir falam mais que qualquer dado quantitativo:

“Acho que foi muito boa a experiência, pois estou tendo a oportunidade de ter em mãos livros que talvez tao cedo não teria, para meu interesse como professor de História. Isso vai me ajudar a dar um salto de qualidade minhas aulas.”

“Varias foram as vezes que utilizei os livros, um deles mesmo e o Pequeno príncipe, como eu leio histórias para crianças, um dia baixei o livro e li no computador mesmo para elas, sem ele aquele dia não seria o mesmo.”

“Como sou professora de letras, uso muitos trechos de livros, então é mais fácil ler o livro na tela, encontrar o que quero utilizar, copiar e colar.”

“Uso muito pois sou professora de português para estrangeiros e é uma excelente fonte de apoio.”

“Sou professor de Língua Portuguesa e trabalho em uma escola de interior, com uma biblioteca mínima, quando desejava fazer alguma atividade de leitura sempre esbarrava na falta de livros...” “... baixei os livros que queria e projetando em data show pude fazer atividades coletivas de interpretação do livro.”

“Sendo professor, tento sempre levar novidades para quem aprende comigo, e acessibilidade a novos materiais em diversas áreas me fez fã do portal.”

“ Consegui através de vocês dois ou três livros bons de História - sou professora nessa área - e pretendo 'enriquecer' meus alunos de uma forma mais criativa.”

4.3.7.5 Pesquisa e Estudo

Um dos mais citados impactos, os relatos mostram como é decisiva a influência das bibliotecas digitais para trabalhos escolares e acadêmicos. A dificuldade de obter livros em bibliotecas tradicionais, associada à facilidade de citar, pesquisar e encontrar as referências bibliográficas faz do livro digital um sucesso entre estudantes. Foram freqüentes os casos em que estavam esgotados os livros da biblioteca e o livro digital foi a alternativa para concluir o trabalho, sem se preocupar com a data de devolução do livro. Foram muitos também que afirmaram utilizar para concursos e outros afirmaram que puderam encontrar materiais de estudo para parentes e amigos, tudo isso considerando que o PDL possui mais livros literários que técnicos e científicos. Eis alguns casos:

“Estou trabalhando cultura asiática no meu trabalho de conclusão de curso, e encontrei o pdl. Muito boa a iniciativa, me deu a oportunidade de aprimorar minhas pesquisas. Muito bom para o acúmulo de conhecimentos.”

“Encontrei livros que me ajudaram na minha monografia, tanto da graduação, quanto da pós-graduação.”

“Utilizei alguns livros para minha pesquisa da monografia, que fala sobre comportamento religioso.”

“Estou utilizando para fazer fichamento do livro Vigiar e Punir de Michel Foucault para selecionar textos para a monografia, pois mesmo possuindo o livro em casa, fichá-lo através do computador é bem mais fácil.”

“Utilizo para pesquisa, pois facilita em vários casos a encontrar partes do texto que de outra forma se teria que reler a obra para encontrar.”

“Precisava do livro 'O Continente', de Érico Veríssimo para uma apresentação oral, mas devido ao fato de mais pessoas terem sido designadas para ler o mesmo livro, este não estava disponível na biblioteca.”

Minha irmã precisou de livros para fazer um trabalho na faculdade, que ela não tinha como comprar. No PDL, encontrei os livros que ela precisava e ainda outros que ela iria precisar futuramente.

“Material diversos para concursos de um mesmo assunto, isso faz com que eu assimile melhor a matéria.”

“Sim. Em trabalhos de pesquisa sobre assuntos matemáticos e aeronáuticos encontrei materiais auxiliares de excelente nível.”

“Pretendo escrever uma peça sobre a ditadura no Brasil e o movimento estudantil. Graças ao PDL tive acesso à série de livros do Elio Gaspari, que começarei a ler para entender melhor o tema e escrever o roteiro.”

4.3.7.6. Leitura

De longe um dos impactos mais citados, a influência no hábito de leitura, já evidenciada em dados anteriores, mostrou grande força nos depoimentos. Muitos usuários afirmaram que tiveram oportunidades de ler livros que dificilmente leriam, que redescobriram o prazer pela leitura ou que puderam ler livros há muito tempo desejados. Ressaltam a oportunidade de conhecer autores novos, aprofundar a

“Com o PDL, eu descobri livros e autores que eu nunca tinha imaginado!”

CONCLUSÃO

Muitas vezes, as modernas tecnologias de rede são encaradas com uma admiração reverente, amealhando entusiastas, que vêem em seus benefícios uma forma de combater a ordem dominante, desconstruir antigas estruturas e valorizar as diferenças. Em se tratando de tecnologias de Internet, não são poucos os dispostos a louvar uma era de liberdade sem precedentes, que redefine as formas de interagir com o mundo, trabalhar, estudar e viver em sociedade. Ficamos maravilhados em conversar simultaneamente com pessoas em todo o mundo, conhecer gente com gostos semelhantes, reencontrar aquela antiga amizade do antigo primário, ouvir músicas, ver filmes e ler livros sem pagar por eles, criar um blog sobre nosso assunto predileto, ler notícias em tempo real, comprar qualquer coisa sem sair de casa e exercer on-line quaisquer direitos, sejam eles políticos, culturais, econômicos, sexuais.

No capítulo 1, deixamos claro que fazer uma apologia cega às ferramentas da Internet, ignorando as disparidades existentes no acesso à mesma e as desigualdades que continuam existindo na ponta produtora dos bens culturais, não era o objetivo desse trabalho. Ao elaborar nossa pesquisa sobre bibliotecas virtuais, buscamos descobrir quem são seus principais beneficiários, bem como o real impacto desses conteúdos sobre seus hábitos de leitura e estudo, ainda que os dados mostrassem que o que deveria ser uma ferramenta de inclusão, na verdade, poderia não fazer mais que incluir mais os já incluídos.

Finda a pesquisa, podemos concluir que apesar de possuir como beneficiários diretos um público que já galgou alguns degraus na escala social, uma classe média detentora de elevada escolaridade e possuidora de bens ainda desconhecidos pela maioria da população, as bibliotecas virtuais têm, sim, um grande poder de contribuir com a leitura e o estudo, e podem ter um papel decisivo na luta pela redução das desigualdades culturais na Era da Informação, à medida que se democratize o acesso à Internet através de projetos de incentivo e programas sociais. Diretamente,

uma biblioteca virtual só pode contribuir de forma decisiva para democratizar a leitura se o público possui acesso à *web*, e, nesse aspecto, obtivemos um resultado surpreendente.

O papel das bibliotecas virtuais sobre o hábito de leitura desses usuários é enorme. Mais da metade desses usuários tem na internet a fonte principal dos livros lidos e, para a maioria, quando não encontram o livro na internet a probabilidade de deixar de ler o material é “sempre” ou “quase sempre”. Mais de 85% afirmam ainda que após conhecer o site seus hábitos de leitura aumentaram, sendo que em mais de 56% dos casos eles aumentaram muito. Isso mostra ao mesmo tempo uma situação alarmante e uma grande oportunidade. Se nem mesmo a classe média é capaz de ter acesso aos livros de que precisa, o que dizer das famílias de baixa renda? Por outro lado, se foi possível obter um resultado tão satisfatório entre esses usuários, por que não pensar que, democratizando-se a internet, como democratizou-se a televisão, esse impacto tenderia a se multiplicar ainda mais?

Dentro das hipóteses levantadas anteriormente, podemos avaliar que os resultados ficaram acima do esperado. Os usuários puderam ir além dos best-sellers, conheceram novos autores, aprofundaram-se em seus autores e áreas de interesse e despertaram um prazer pela leitura que, em muitos casos, estava adormecido. Também detectamos que os benefícios secundários das bibliotecas virtuais são relevantes, com um grande número de relatos de pessoas utilizando-se dos materiais para ensinar, compartilhar com quem possui menos acesso, etc.

Finalizamos esse trabalho reafirmando a crença de que as bibliotecas virtuais têm muito a oferecer à democratização do conhecimento, mas para isso é preciso avançar muito em outras vias, democratizando primeiro o acesso aos meios, juntamente com uma política educacional que promova uma aproximação entre tecnologias e pessoas. Muito temos que avançar também nas discussões sobre direito autoral na Era da Internet, uma vez que os resultados obtidos retratam uma situação atípica, que, ao invés de ser incentivada, deve servir de impulso para que surjam leis mais dignas de *copyright*, que remunerem escritores e editoras, mas que não sirvam de barreira à obtenção do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Chris. A Cauda Longa: do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Campus, 2006. Disponível em <www.portaldetonando.com.br>. Acesso em 24/02/2008.

ASIS - American Society for Information Science. Thesaurus, 2nd Edition, 1998.

BATTLES, Matthew. A Conturbada História das Bibliotecas São Paulo: Planeta, 2003.

BUSH, Vannevar. As we may think. Atlantic Monthly, v. 176, n. 1, p. 101-108, July 1945.

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Vol. 1*. São Paulo: Paz e terra, 1999.

_____. *Inovação, Liberdade e Poder na Era da Informação*. In Moraes, Dênis de (org.) Sociedade Mídia-tizada. Rio de Janeiro: Mauad. 2006.

CBL *et al.* Pesquisa – Retrato da leitura no Brasil. São Paulo, 2001

CHRISTENSEN, Clayton M. O Dilema da Inovação. São Paulo: Edna Veiga, Makron Books, 2001.

EINSTEIN, DAVID. The Story Of E-Books. *Forbes.com*, 2000. Disponível em <<http://www.forbes.com/2000/08/31/feat2.html>>. Acesso em 07/12/2007.

FELLITI, Guilherme. Tire suas dúvidas sobre a nova geração de processadores dual core. *IDGNow*, 2006. Disponível em <<http://idgnow.uol.com.br>>. Acesso em 10/11/2007.

_____. Google quer digitalizar acervo da Biblioteca Nacional. *IDGNow!* Abril de 2006. Disponível em <<http://idgnow.uol.com.br>>. Acesso em 10/11/2007.

FIORE, Ottaviano de. Livro, biblioteca e Leitura no Brasil. 1998. Disponível em <<http://www.portaldetonando.com.br>>. Acesso em 10/11/2007.

GOOGLE vai digitalizar 800 mil livros de universidade na Índia. Folha Online, Informática, 2007. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em 18/11/2007.

HART, Michael. História e Filosofia do Project Gutenberg. *Projeto Gutemberg*. Agosto de 2002. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/wiki/>>. Acesso em 18/11/2007.

HUGO, Victor. Nossa Senhora de Paris, 1831.

IBOPE/NetRatings. *Internet brasileira já atinge 39 milhões de pessoas no país*. 05/12/2007. Disponível em <<http://www.ibope.com.br>>. Acesso em 08/12/2007.

JOSGRILBERG, F. Direito autoral, socialização do conhecimento e os direitos humanos. *Sete Pontos*, ano 4, 36, jul de 2006. Disponível em <<http://www.comunicacao.pro.br/setepontos>>

KELLNER, Douglas. Cultura da Mídia e Triunfo do Espetáculo. In: Moraes, Dênis de (org.) *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad. 2006.

KELLY, Kevin. Alexandria: O futuro dos livros na rede. *The New York Times*, 2006. Disponível em < <http://ultimosegundo.ig.com.br/materias/nytimes>>. Acesso em 05/12/2007.

_____. Will The First Trillion Dollar Charity Be Electronic Public Libraries? *World ebook Fair*, 2007. Disponível em: <<http://worldebookfair.com>>. Acesso em 05/12/2007.

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. Para onde vão as bibliotecas públicas. *ExtraLibris*, 2005. Disponível em: <<http://academica.extralibris.info>>. Acesso em: 22/01/2007.

LEVACOV, Marília. Bibliotecas virtuais: (r)evolução? *Ciência da Informação*, v. 26, n. 2, 1997. Disponível em <www.ibict.br/cionline/>. Acesso em 24/02/2008.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Ed. 34, 2002. Disponível em <www.portaldetonando.com.br>. Acesso em 24/02/2008.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

MACEDO, Neusa Dias de; MODESTO, Fernando. Equivalências: do serviço de referência convencional a novos ambientes de redes digitais em bibliotecas. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação: Nova Série*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 38-54, 1999

MARCHIORI, Patricia Zeni. "Ciberteca" ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. *Ci. Inf.* [online]. 1997, vol. 26, no. 2.

MARINUCI, Marco. Executivo explica o projeto literário. *Folha de São Paulo*, 22 de Abril de 2006.

MARTINS, Alessandro. Entenda a lógica estúpida do mercado editorial em 7 tópicos. *alessandromartins.com*, 2007.

MONTMORENCY, Thiago C. Propriedade Intelectual na Internet e tecnologias digitais, 2000.

MORAES, Dênis. A Tirania do fugaz: Mercantilização Cultural e Saturação Midiática. In Moraes, Dênis de (org.) *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad. 2006.

NELSON, Theodor. A web é coisa do passado. *Época*, Março de 2007. Entrevista concedida a Eduardo Vieira. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com>>. Acesso em 01/11/2007.

O'REILLY, Tim. Busca e Resgate. *Revista Extra Libris*, 2005. Tradução Moreno Barros. Disponível em <<http://extralibris.info/artigo/120>> Acesso em 01/11/2007.

OHIRA, Maria Lourdes Blatt; PRADO, Noêmia Schoffen. Bibliotecas virtuais e digitais: análise de artigos de periódicos brasileiros (1995/2000). *Ci. Inf.*, Brasília, v. 31, n. 1, 2002. Disponível em <www.ibict.br/cionline/>. Acesso em 24/02/2008.

PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. Bibliotecas Virtuais: realidade, possibilidade ou alvo de sonho. *Ciência da Informação*. Vol 24, n01 p.3, 1995. Disponível em <www.ibict.br/cionline/>. Acesso em 24/02/2008.

PETERSON, Elen. O Livro sem papel. VEJA - VIDA DIGITAL, nº 3. Agosto de 2000.

POSTMAN, Neil. *Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age of Show Business*, Nova York: Pantheon. 1985.

RAMONET, Ignácio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em <www.portaldetonando.com.br>. Acesso em 24/02/2008.

RANGANATHAN, S. R. *The five laws of library science*. Bombay: Asia Publ. House, 1963.

SALES JR, Hélio. *Escritores e Redes*. 2001. Disponível em <http://gazetaimperial.org/gazeta/html/helio_sales.html>. Acesso em 10/11/2007.

SALGADO, Luciana Maria Allan. *A biblioteca virtual do estudante brasileiro da escola do futuro da Universidade de São Paulo: um estudo da sua estrutura e dos seus usuários*. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2002. Disponível em <www.teses.usp.br>. Acesso em 20/11/2007.

SANMARTINI, Giulio. O Index Librorum Proibitorum sobrevive. *Observatório da Imprensa*, 2006. Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>>. Acesso em 06/11/2007.

SOUSA, Ana Paula. Estante Clandestina. *Carta Capital*, Janeiro de 2005. Disponível em <<https://sabotagem.revolt.org/node/183>>. Acesso em 01/11/2007.

SUPERINTERESSANTE. Superpapo. *O melhor do mundo será de graça, diz Chris Anderson*. Novembro de 2005. Disponível em <<http://www.superinteressante.com.br>>. Acesso em 25/11/2007

WOLF, Gary. The Course of Xanadu. *Wired*, Junho de 1995. Disponível em <<http://www.wired.com>>. Acesso em 05/12/2007.

WRIGHT, Alex. O antepassado esquecido: Paul Otlet. *Revista Extra Libris*, 2003. Disponível em <<http://extralibris.info/artigo/116>>. Acesso em 01/11/2007.

VAPORWARE. In Wikipedia. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Vaporware>>. Acesso em 05/12/2007.

VILARINHO, Fernando. As paredes que as Bibliotecas Digitais vão erguendo. Em *Bibliotecários sem fronteiras 2.0 (Blog)* Disponível em: <<http://bsf.org.br>>. Acesso em 05/12/2007.

GLOSSÁRIO

Termos técnicos e expressões em inglês utilizados neste trabalho, sob a ótica em que foram utilizados.

Baixar – O mesmo que fazer download.

Banda Larga – designa internet rápida, de alta velocidade. Alguns serviços comerciais desse tipo no Brasil: Velox, Speed, NET Já, Ajato, Virtua, etc.

Browser ou navegador – São os programas usados para “navegar” ou ver os conteúdos das páginas da internet. Os mais comuns são: Internet Explorer, Mozilla Firefox, Netscape Navigator, Opera e Safári.

Crawlers – São mecanismos que fazem com que os sites de busca encontrem novas páginas de forma automática. Antes, para ser encontrada o dono da página tinha que cadastrá-la no site de busca.

Download – É o processo pelo qual um arquivo disponível na internet passa ou é copiado para o computador do usuário.

E-book ou livro digital – É a forma como é chamado um livro que existe na forma de arquivo de computador. Nome genérico para qualquer livro digital, tenha ele figuras, interatividade ou qualquer formato de arquivo.

HD – Parte do computador onde são armazenados qualquer tipo de arquivos, inclusive livros, e que também permite o funcionamento de todo o sistema.

Itunes – É um serviço, ainda indisponível para o Brasil, de venda de músicas. Pertence à Apple, empresa norte-americana criadora dos Ipods e outros sucessos. Os usuários compram suas faixas favoritas, em um banco de dados de milhões de arquivos. Além do serviço, é também o nome do programa que toca as músicas.

Links – O sentido mais usado é o que indica a ligação entre uma página e outra. Assim, um link quebrado é aquele cuja página que ele liga não existe mais. Também pode indicar velocidade de conexão com a internet.

MP3 – É um tipo de arquivo de tamanho reduzido mas de boa qualidade, o que o torna ideal para ser trocado na internet. Apesar da maioria das músicas mp3 da internet serem ilegais, a cada dia surgem novos aparelhos que tocam esse tipo de arquivo. São os chamados *mp3 players*.

Open Source – Tipo de conteúdo cujos direitos autorais permitem sua modificação livre. Geralmente se referem a *softwares* ou sistemas de computador colaborativos, que podem ser modificados por quem entende do assunto.

P2P – Em inglês, é a abreviação de “*people to people*”, ou pessoa para pessoa. São programas que permitem o compartilhamento de arquivos entre usuários. Esses arquivos são transferidos de um usuário diretamente para outro, ou seja, não estão de fato na internet, mas em computadores pessoais espalhados por todo o mundo. Exemplos modernos de programas que fazem isso: Kazaa, E-mule, Shareaza, Bit Torrent, etc.

Palm – Em nosso caso, sempre designa genericamente todo tipo de aparelho que possui funções semelhantes à de um computador, mas que pode ser carregado no bolso. Entre outras funções, esses aparelhos podem ler livros digitais. É também o nome da empresa mais famosa a produzir esse tipo de equipamento. Portanto, há “palms” de outras marcas.

PDF – É um tipo de arquivo muito comum para compartilhamento de documentos, devido a vantagens como segurança e universalidade. Sigla de “*portable document format*”.

Pen-drive – É um aparelho que serve para transportar arquivos de um lugar para outro, assim como CDs e DVDs, com a vantagem de poderem ser levados no bolso, além de apagados e regravados infinitas vezes.

Scanner – Equipamento semelhante a uma copiadora, mas que trabalha junto com o computador, transformando documentos em arquivos digitais.

Software – É o mesmo que programa de computador.

Webcam – Câmera portátil que permite a transmissão de vídeos para a internet.

WWW ou Web – Nomes usados como alternativa para “internet”, rede mundial de computadores, etc. Web é o significado do último W de WWW, que significa “teia de alcance mundial”. Tecnicamente é apenas um dos serviços da internet, responsável pela exibição de conteúdos nos browsers.

ANEXO I – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

Prezado Visitante:

Agradecemos seu interesse em participar de nossa pesquisa. Sua contribuição é muito importante para fazermos um balanço do trabalho realizado pelo PDL e outros sites nos últimos anos. Baseados nas respostas de nossos usuários, procuraremos medir "OS IMPACTOS DAS BIBLIOTECAS VIRTUAIS SOBRE OS HÁBITOS DE LEITURA E ESTUDO", bem como melhorar os serviços do próprio PDL e fornecer parâmetros para futuros trabalhos na área. Seu propósito é estritamente acadêmico e livre de quaisquer fins comerciais.

Sua participação é totalmente anônima e voluntária, e os dados serão analisados em conjunto. Não existem respostas certas ou erradas. Responda marcando ou preenchendo as opções que mais se encaixam com seu perfil. Todo o processo será realizado em um ambiente totalmente seguro e suas informações criptografadas e mantidas em sigilo. Para responder todas as perguntas você levará cerca de 15 minutos.

1) Sua Idade:

abaixo de 9 anos de 10 a 15 anos
de 16 a 20 anos de 21 a 25 anos
de 26 a 30 anos de 31 a 35 anos
de 36 a 40 anos de 41 a 50 anos
mais de 51 anos

2. Em que país você mora? *

Brasil

Outro (Especifique) Caso marque essa opção pule para pergunta 5.

3. Em qual estado você mora? *

4. Especifique a Cidade.

5. Nível de Escolaridade (Completo ou não):

Ensino Fundamental (1ª à 8ª Série)

Ensino Médio

Curso Técnico e Tecnólogo

Curso Superior

Pós-Graduação

Mestrado e Doutorado

6. Se você é estudante, sua escola / universidade é:

Pública com acesso à Internet

Pública sem acesso à Internet

Particular com acesso à Internet

Particular sem acesso à Internet

Não sou estudante

7. Qual é a sua renda familiar mensal?

Até 380 reais.

de 381 a 760 reais.

de 761 a 1140 reais.

de 1.141 a 1.900 reais.

de 1.901 a 3.800 reais. de 3.801 a 7.600 reais.

de 7.601 a 11.400 reais. de 11.401 a 19.000 reais.

Mais de 19.000 reais.

8. De onde você mais acessa a Internet?

Lan-houses, cybercafés, etc.

em casa.

na escola/universidade.

na casa de amigos/parentes.

em locais públicos gratuitos (telecentros, biblioteca pública, projetos de inclusão digital, etc.)

no trabalho.

9. Em sua cidade, você frequenta bibliotecas públicas?

Sim. (Pule a pergunta 12)

Não. (Pule para a pergunta 12)

10. Você tem facilidade de encontrar o que procura nelas?

Sempre Quase sempre

Às vezes Raramente

Nunca

11. Por favor, explique brevemente o tipo de dificuldade encontrada ao procurar livros na biblioteca pública que você frequenta.

12. Por favor, selecione o motivo de você não frequentar bibliotecas públicas: *

Não há bibliotecas públicas na cidade.

Há bibliotecas, mas são longe ou de difícil acesso.

Há bibliotecas, mas o empréstimo de livros é restrito.

Outros Motivos (Especifique).

13. Qual sua frequência de leitura?

Leio mais de 2 livros por mês.

Leio pelo menos um livro por mês.

Leio pelo menos 1 livro a cada 3 meses.

Leio pelo menos 1 livro a cada 6 meses.

Leio menos de um livro por ano.

14. Qual a principal fonte dos livros que você lê? *

Livros comprados.
Livros emprestados em bibliotecas.
Livros emprestados de amigos / parentes.
Livros fotocopiados / xerocados.
Livros baixados da Internet.

15. Quantos livros não didáticos você possui em casa? *

De 0 a 5 livros	6 a 10.
11 a 20.	21 a 30.
31 a 50.	Mais de 50.

16. Como você conheceu o PDL?

Site de busca.
Indicação de Amigos.
Link em outro site.
Link em ebook.
Outros (Especifique):

17. Há quanto tempo você utiliza o site? *

Menos de um mês.
Um a três meses.
Três a Seis Meses.
Seis meses a um ano.
Um a 3 anos.
Mais de 3 anos.

18. Você tem facilidade de encontrar o que procura na biblioteca do PDL? *

Sempre*	Quase sempre*
Às vezes	Raramente
Nunca	

* Nesse caso, pule a pergunta 19.

19. Por favor, relate brevemente o tipo de dificuldade que você encontrou:

20. Quando você encontra o que procura, tem alguma dificuldade de ler o material? Marque abaixo as principais:

Limitações e custos no acesso à Internet / computadores.

Dificuldade de ler na tela.

Falta de conhecimentos de informática.

Nenhuma

Deficiência Visual.

Outros (Especifique):

21. Como você lê seus livros digitais?

Imprimo.

Na tela do computador.

Através de leitores de tela (Sintetizadores de Voz).

Através de dispositivos portáteis (Palms, celulares, mp4, etc).

Outros (Especifique):

2. Das opções abaixo, marque as que você já teve oportunidade de experimentar no PDL (marque quantas desejar):

Digitalizar um livro / revista.

Achar o livro de sua pesquisa, estudo ou trabalho.

Discutir sobre um livro.

Ouvir um livro.

Conhecer um livro antes de comprar.

Ler um lançamento.

Compatilhar um arquivo.

Descobrir um autor diferente.

Conhecer pessoas com gostos semelhantes.

Encontrar um livro esgotado / raro.

Outros (Especifique):

23. O material que você pesquisou e achou no PDL, seria acessível para você através de outras fontes? (Comprando, emprestando em bibliotecas, etc.)

Sempre (Você encontraria facilmente em bibliotecas, arranjaria emprestado, etc)

Quase sempre

Às vezes

Raramente

Nunca (Você não conseguiria ler o material de outra fonte)

24. Quando não encontra o que procura no acervo do PDL ou na Internet de uma forma geral, qual é a probabilidade de você deixar de ler o material, por falta de acesso ao mesmo? *

Sempre.

Quase sempre.

Às vezes.

Raramente.

Nunca.

25. No PDL, quando você deseja ler um novo livro, o que procura primeiro?

O tipo de leitura que mais gosto.

Os Best-sellers e livros mais famosos.

Os comentários e recomendações de outros usuários.

Procuro conhecer novos escritores.

Outros (Especifique):

26. Em média, quantos livros digitais você possui armazenados em seus arquivos?

27. Sobre sua frequência de leitura depois de conhecer o PDL, é possível dizer:

Aumentou Bastante.

Aumentou um pouco.

Permaneceu inalterada.

Diminuiu.

28. Digite até 5 livros que você tenha lido através do pdl. (Um por linha).

**29. Que tipo de material você pesquisou no PDL e não encontrou?
(Assuntos, escritores, livros, etc.)**

30. Você compraria um livro digital, caso o custo benefício fosse superior ao do livro impresso?

Sim

Não

31. Por quê?

32. Se você já utilizou o PDL com sucesso para fins de pesquisa, trabalho ou leitura, por favor, conte-nos com alguns detalhes sua experiência :

ANEXO II – COLETÂNEA DE ALGUNS DEPOIMENTOS OBTIDOS ATRAVÉS DA PERGUNTA 32.

1. Após conhecer o PDL tive acesso a livros caros que não poderia comprar e assim pude ter as mesmas condições de pessoas de maiores possibilidades.
2. Sempre gostei muito de ler, mas o custo de livros é alto no Brasil, com o PDL virei uma biblioteca ambulanda, sou muito mais 'feliz' depois que encontrei um jeito de ler muito mais.
3. Sempre que necessito de livros para meu divertimento ou consulta, corro no PDL. Minha filha está aprendendo a ler e já tem um acervo riquíssimo de livros infantis, já lê no computador, tudo isso, graças ao PDL. Sem exageros, o PDL mudou minha vida e minha concepção de leitura. Sou leitor compulsivo, não paro de rondar as livrarias e bibliotecas da minha cidade. Com o PDL, baixo os livros que quiser, leio tudo o que posso e ainda tenho a possibilidade de fazer grandes amigos.
4. Sempre encontro. Sou profissional da área da informação (biblioteconomia) e na sala de aula já debatemos o tema sobre biblioteca virtual, e achamos muito boa a iniciativa de vocês. Parabéns!!!
5. Já utilizei para leitura de livros de literatura brasileira requisitados para a realização de trabalhos escolares como exposições, debates, entre outros .
6. Embora consciente de que isso tudo é ilegal, o custo dos livros no Brasil é proibitivo, principalmente para a literatura 'descartável', como os best-sellers. Como disse G.K. Chesterton, os livros são importantes demais para ficarem sob o controle das editoras.
7. Em 2005 descobri que existiam sites que digitalizavam livros e resolvi então experimentar baixar um, na época estava em busca do Senhor dos Anéis. Depois de Tolkien o prazer de ler, de crescer e aprender através das palavras e da leitura, tornou tudo novo, a cada livro que li uma nova luz, um novo horizonte, e, principalmente um incrível aprendizado passou a conduzir minha vida.

8. Sim, após conhecer o PDL, minha vida em relação á leitura mudou muito, comecei a ler mais e ter muito mais acesso de livros novos e conhecer novos escritores.
9. Em diálogos com amigos e conhecidos, sinto-me informado...além de poder recomendar livros ou até fornece-los. Acabei ajudando uma amiga com um livro de Direito que consegui através do site...o que foi de grande ajuda na prova da OAB.
10. Trabalho com pessoas que tem problemas psicologicos e usei para saber como lidar com elas e até ajudar... Nisso, ajudo até a indicar literatura para pessoas com a mesma dificuldade para saberem com agir nessas situações. Ajudo estudantes e pessoas q trabalham com dependentes quimicos a terem conhecimento e conteúdo, indicando o site e passando os ebooks q tenho. Distribuo os livros para vários alunos de 3º grau q nunca poderiam adquirir alguns livros de faculdade e nem por xérox tinham condições de ter o livro.Envio para pessoas de longe q estão em alguma dificuldade e até para profissioais de psicologia, pacientes, mas principalmente estudantes.
11. Gosto muito de ler.Antes de encontrar o PDL era difícil, porque nem sempre dá para comprar livro,pois acho os livros um pouco caro para quem tem pouca renda. Mas quando compramos o computador e encontramos a maneira de poder baixar os livros gratis, foi como um sonho realizado, eu e meu filho que somos apaixonados pela leitura, é um presente para nós.
12. Fiquei extasiada ao ler 'Quem manda, porque manda e como manda' de João Ubaldo Ribeiro. Passei a ter uma perspectiva diferente sobre o que é politicagem.
13. Encontrei muitos livros na área de filosofia que foram importantes em meus trabalhos para a faculdade, inclusive ,muitas vezes graças ao PDL, foi que consegui fazer esses trabalhos.
14. Li livros que nunca acharia nem nos grandes centros urbanos acho...
15. Graças aos livros do Carlos Morimoto postados pude preparar uma didática mais simples para ensinar algumas pessoas do meu círculo de amizades a iniciar no mundo LINUX.

16. Assim, é muito legal porque eu já aprendi muitas coisas pegando livros do PDL, como na escola tem alguma matéria que eu não entendo e procuro o livro daquela matéria no PDL, e entendo e até suplenho o professor, é muito legal.
17. Consegui nota máxima em um trabalho do curso de Serviço Social da UNOPAR sobre Carl Marx, graças a dois livros do acervo PDL. O Capital e Manifesto do Partido Comunista.
18. Como estou estudando e o dinheiro anda curto, quando descobri o PDL para mim foi uma benção pois gosto muito de ler e não estava conseguindo comprar, ler para mim é sempre uma viagem, é descobrir novos lugares sem sair de casa, é um prazer difícil de descrever.
19. Conheci o site hj, mas já pude ver banners de livros nos quais tenho interesse e certamente lerei. Também pude encontrar indicações de onde comprar livros dos quais preciso. Isso em si, já contribuiu com minha pesquisa para monografia.
20. Foi ótima, pois com o PDL eu pude ter em casa, instantaneamente, algo que de forma cansada deveria procurar.
21. O PDL foi uma agradável surpresa para mim, e o seu propósito é de grande nobreza e valor para aqueles que são ávidos pelo saber, porém castrados de alguma maneira pelo difícil acesso à leitura, seja ela técnica ou não. Se os senhores me permitem eu vos pergunto: quantas pessoas deixaram de lado algum sonho ou objetivo de vida pelo simples fato de não terem acesso à educação? E educação, em qualquer parte do mundo, é sinônimo de 'LIVROS'!
22. Adquiri um Palm a pouco tempo depois de ter visto uma colega de trabalho utilizando um para leitura, infelizmente hoje os livros estão ficando caros e outras despesas do dia a dia aumentaram, então decidi partir para os ebooks, e estou feliz pela minha decisão. Inclusive dou meus parabéns a vocês pelo belo trabalho que fazem, esta é uma boa maneira de aumentar a qualidade de vida das pessoas, tenho inclusive feito propaganda do site para meus alunos nas escolas.
23. Depois de conhecer o PDL meu contato com livros atuais aumentou muito, e agora tenho várias opções de livros para ler

24. Gosto muito do autor Eoi Colfer e fiquei extasiado quando vi que o novo livro dele está digitalizado, PÂNICO NO NAVIO, leio literatura infanto juvenil para contar ao meu sobrinho. E quando algum amigo me solicita um livro e sei que tem no portal eu indico.
25. Sim, já consegui encontrar vários livros de comunicação que me ajudaram a preparar alguns trabalhos.
26. Eu acho a proposta bastante interessante, principalmente para descobrir se aquele best-seller do qual todos estão falando realmente compensa o preço que é pedido por ele numa livraria. Realmente, é uma ótima opção para saber o que você vai comprar sem depender apenas de análises parciais ou da descrição da contracapa.
27. Minha leitura melhorou bastante, eu quase não lia livros, agora peguei gosto pela leitura achando vários livros interessantes e de fácil acesso neste site.
28. Estou conseguindo despertar o prazer da leitura mais rapidamente em meu filho de 10 anos. Aprendi usar o programa para passar livros para mp3 e ganhar mais tempo para estudar.
29. Encontrar Livros desejosos para minha leitura e que demoraria para ler ou talvez sequer lesse.
30. Com o PDL tive acesso a um conteúdo de informática que me proporcionou uma atualização sobre o que há de novo no mercado e pude adquirir novas técnicas e conhecimento sobre manutenção.
31. Foi o melhor site que encontrei, por meio do PDL tive acesso a livros que por motivos financeiros eram inalcançáveis para mim. O mais importante, sou professor e indiquei o PDL aos meus alunos, foi incrível o aumento expressivo no hábito de leitura deles, houve até dois alunos que pela primeira vez leram um livro por puro prazer.
32. Neste ano dos livros que a escola solicitou para minha filha necessitei comprar apenas um.
33. Muito boa, estou lendo livros que jamais leria, se fosse comprá-los na livraria.

34. Sim, e realizei um trabalho sobre a influência dos livros que retratam fantasias, como Harry Potter, para análise de símbolos e influência na cultura infanto-juvenil que estes exercem.

35. Fiquei muito feliz qd meu marido começou a disponibilizar alguns livros por email. Desde então comecei a fazer as pesquisas mais habitualmente. Como estudo e trabalho, me ajuda muito qd preciso. Enriqueceu muito meu conhecimento.

36. Gosto muito desta iniciativa, pois a compra de livros é muito onerosa e não compro metade do que desejaria. Com vcs posso ter acesso e minha leitura aumentou muito.

37. Quando vi os livros disponíveis nem acreditei! Eram livros, que eu tinha muita vontade de ler, mas não tinha como comprá-los, e quando vi ali, ao meu alcance e totalmente gratuito, não pensei 2 vezes, baixei-os e comecei a lê-los. Assim que acabava um já começava outro, e minha aptidão por leitura melhorou muito a partir de então.

38. Posso dizer que os livros PDL são os meus melhores professores, não tenho acesso aos livros impressos, mas mesmo assim, os livros digitais estão ai, e cada vez mais ampliam e enriquecem minha cultura.

39. Queria muito ler o código da Vinci, por sua popularidade, mas naum tinha idéias q como mudaria minha vida profissional, já q decid fazer o curso superior de museologia após lê-lo.

40. Eu queria ler muito o livro do exorcista, porque eu tinha medo de ver o filme. E quando procurei ele no PDL eu fiquei muito contente em achá-lo aqui.

41. Apesar de não usar o site para fins acadêmicos, sempre que quero ler um livro específico, antes de comprá-lo, procuro no site e, encontrando-o, leio em formato digital.

42. É uma sensação boa ter o que ler, mesmo não podendo comprar. Imagino que deve ser ótimo para a garotada, que pode ler livros indicados para provas mesmo que não tenham acesso a eles em bibliotecas. Lamento que boa parte desses alunos não tenham computador em casa, tomara que isso mude.

43. Adquiri mais o gostinho de ler livros, porque tenho mais acesso a eles.
44. Sem o PDL meu mundo seria mais triste e pobre. Eu leio pelo menos 2 livros por semana do projeto, sendo que é muito fácil mesmo para meus mínimos conhecimentos de informática. Só tenho a agradecer a vocês do PDL.
45. Já encontrei no PDL muitos livros que foram importantes para trabalhos da faculdade, e diversos livros não didáticos que não existem na biblioteca de minha cidade.
46. Para trabalho escolar nunca utilizei o PDL. para leitura eu conheci muitos autores como Andre Vianco que é um ótimo autor e ainda por cima brasileiro!
47. O fato de utilizar livros digitais não fez com que eu deixasse de comprar o mesmo livros em versão impressa. Gosto de ler o mesmo livro várias vezes e quando encontro algum e-book interessante, normalmente acabo comprando a versão impressa.
48. Quando abro a página me vejo em uma loja de doces para a oportunidade de livros.
49. Como tenho a saúde bastante prejudicada uma das coisas que mais gosto de fazer e ler e o pdl tem uma grande quantidade de livros bons.
50. Muito prazerosa! Descobri muitas obras de autores que gosto e que não encontro nas bibliotecas de minha cidade em grande profusão. Conheci vários autores e tive acesso a um nível riquíssimo de conhecimento e aprendizagem, além do contentamento em ler obras maravilhosas.
51. HAVIA MUITOS LIVROS MAIS ANTIGOS DO STEPHEN KING QUE GOSTARIA DE LER E QUE JÁ ESTAVAM FORA DE CATÁLOGO E ATRAVÉS DO PDL CONSEGUI TER TODOS OS QUE DESEJAVA LER.
52. Estou adorando o Site. Comprei um scanner com OCR para digitalizar meus textos e apostilas da pós-graduação e já aprendi muita coisa útil só passeando pelo site para conhecer!

53. Bem, trabalho na área jurídica, e apesar de ser limitado o material jurídico disponível no PDL, consegui fazer algumas pesquisas com alguns livros disponíveis lá como o Manual de Petições.
54. Encontrei um livro de Calculo que me ajudou a passar na cadeira. O livro possuía uma didática muito melhor que a da biblioteca da faculdade.
55. Adoro o PDL pois dá a mim e a meu filho a oportunidade de ler, sem ele seria difícil conseguir ler tantos livros bons que existem no site.
56. Foram várias experiências, a última foi ter encontrado livros para pesquisa num assunto bem inusitado... Magia Sexual (Alister Crowley) e infinitas outras como todos os livros do André Vianco (que eu amo) e sagas muito caras como do Stephen King...
57. Por exemplo, tenho vontade de fazer faculdade de publicidade. Mas, não conhecia nenhum livro sobre o assunto. Pesquisando no PDL, descobri o livro 'Raciocínio criativo em publicidade' que me mostrou como é criar uma propaganda. Senti mais vontade ainda de seguir essa carreira! :)
58. Os Reinos Esquecidos foi um livro que eu estava tendo enormes dificuldades de encontrar para comprar... consegui eles no PDL, li todos, e gostei muito.
59. Lendo o livro descobri que a história me interessava e quando deu para comprá-lo, fiz. E dei outra lida geral.
60. Sempre quis ler Parque dos Dinossauros, mas sempre foi um livro bastante raro e nunca o consegui achar em livrarias, e pela internet só o achei usado. Um belo dia nesse ano, quando entrei no PDL. Vi como destaque na Página Principal o referido livro. Fui à Lua e voltei de tanta felicidade.
61. Livros que eu gostaria de ler, como O Perfume, que foi difícil de encontrar em outros lugares. Além de condições financeiras, não tenho lugar adequado para guardar os livros.
62. Tive oportunidade de ler livros muito bons que provavelmente não conseguiria ler de outra forma.

63. Considero a leitura um dos meus maiores prazeres, no entanto, muitas vezes a falta de tempo de ir a uma biblioteca acabava me limitando um pouco. Com o uso do PDL os livros são acessíveis e posso salvá-los e ler em casa, no trabalho, nas viagens... Outra coisa importante é o prazer de conhecer autores novos, podendo adentrar milhões de mundos diferentes através de suas histórias.

64. Realmente é uma experiência muito interessante, você encontrar um livro que queria ler a muito tempo; dá uma sensação de prazer, de objetivo alcançado e saber que aquilo irá aumentar seus conhecimentos sem perder muito tempo em procurá-lo por aí. Muito prático desta forma, só não le quem não quer ou gosta.

65. Porque eu demoro cerca de um mês para ler cada livro e necessitava renovar sempre até terminar. Era uma chatice e às vezes nem conseguia terminar de ler pois já havia reservas.

66. Depois que passei a conhecer o PDL a minha frequência de leituras aumentou muito. Lembro-me que fiquei deslumbrada com a quantidade de obras literárias disponíveis, obras dos mais diversos autores e temas. Livros que antes eram inacessíveis para mim estavam agora disponíveis e gratuitamente...

67. Eu estava muito triste pq. estava desempregada e com dificuldades financeiras. Senti uma felicidade muito grande qdo. achei o site e pude ler muitos livros que tinha vontade e não podia comprar. Foi uma sensação de ser igual a todos e conseguir ter cultura igualmente àqueles que possuem uma situação melhor.

68. Sim, o livro Pais Brilhantes, Professores Fascinantes, que tive que fichar, mas não tinha condições de comprar, e todos que tinham estavam utilizando, já que eram todos colegas de classe na faculdade, então com o PDL pude baixar e foi até mais fácil fazer o fichamento, pois não tive que digitar o texto, apenas copiar e colar.

69. Como eu leio através do meu smartphone tenho meus livros à mão onde quer que eu vá, o PDL mudou a minha vida elevando e muito o meu nível cultural.

70. A experiência mais interessante que tive foi com o livro Harry Potter e as relíquias da morte. Pude ler o livro em português meses antes da versão oficial chegar as bancas.

71. Livros que precisei para trabalhos importantes no mestrado, que não estavam disponíveis na biblioteca pública, encontrei com facilidade e foram essenciais, principalmente porque estava sem dinheiro para comprá-los.

72. Precisava mostrar certas influência de certos autores nos acontecimentos - e não encontrei em sebos, livrarias e nem em bibliotecas os livros - fui nos sites dos autores e mesmo sendo livros de 50 anos atrás, sem disponibilidade na editora, não se tem acesso. Aqui eu encontrei e muitos jovens vieram aqui por curiosidade no assunto.

73. Precisava do livro 'O Continente', de Érico Veríssimo para uma apresentação oral, mas devido ao fato de mais pessoas terem sido designadas para ler o mesmo livro, este não estava disponível na biblioteca. Também não tinha o intuito de compá-lo, pois não queria ter só uma parte de uma trilogia, então optei por buscá-lo na internet.

74. Gosto imenso porque posso encontrar com facilidade livros cristãos que muitas das vezes procuro nas livrarias e não encontro, isso porque vivo num país de expressão espanhola.

75. Encontrei livros que na livraria são muito caros para o meu vencimento. E encontrei livros que nem sempre compraria na livraria porque não conhecia o autor....

76. Estou cursando minha segunda graduação, e praticamente todos os livros recomendados para a 1ª fase do curso encontrei no PDL, inclusive alguns que já não existem mais para venda.

77. Encontrei dois livros certa vez que eu estava querendo muito, um pra minha faculdade, já que estava já na semana de prova e ele tinha esgotado na biblioteca da faculdade, e outro que minha mãe tinha me falado a um tempo atrás, e que é MUITO difícil de encontrar.

78. Não tenho sempre dinheiro pra comprar os livros quando quero ler. Geralmente, baixo, leio e na primeira oportunidade adquiero o livro real.

79. Os livros que consegui no PDL foram para satisfazer o meu hábito de leitura, exceto o primeiro - Java como programar da Deitel, faço ciência da computação e ele me ajudou muuuuito!!! Embora não tenha encontrado muitos livros na área de informática passei a frequentar bastante o site e graças ao PDL pude ler diversos livros que se dependesse de compra, talvez não lesse nunca!

80. Como é do conhecimento dos senhores, livro é caro e infelizmente não disponho de tantos recursos pra comprar todos os livros que gostaria de ler. Descobrir esse site foi mais que enriquecimento do intelecto. Foi a redescoberta do prazer de ler sem me preocupar com o cartão estourado no final do mês.

81. Graças ao PDL encontrei livros que procurei por anos, sem contar que é muito melhor ter acesso gratuito aos livros, mesmo que a leitura fique restrita à tela do computador.

82. Encontrei muitos livros que tem me ajudado na confecção de minha monografia. Alguns desses livros eram desconhecidos de meu orientador, enriquecendo muito minha bibliografia.

83. Eu fui leitor em minha juventude da série Perry Rhodan, qual minha surpresa por ver essa série digitalizada. Baixei rapidamente todos os volumes, pois guardo boas lembranças, ao som de 'naves espaciais' e aventuras.

84. Em fins de leitura fiquei muito satisfeita com os livros de Jostein Gaarder, pois esses me fizeram crescer muito intelectualmente e concomitantemente passei a ver o mundo com outros olhos. 'O diário da princesa' também foi uma experiência marcante, pois meus sonhos e minha imaginação aumentaram de uma forma impressionante. Em síntese, todos os livros que li pelo PDL contribuíram em demasia para minha vida, até mesmo em termos de melhoramento semântico e sintático... O PDL é hoje um dos sites que mais frequento e me tornou uma legítima 'devoradora de livros'. Espero que esse trabalho continue e cresça ainda mais, pois certamente mudou e continuará mudando a vida de milhares e até milhões de pessoas. Quem sabe, dessa maneira, a educação em nosso país melhore, e o índice da práxis da leitura e interpretação de textos suba em níveis assustadores... Eu, como leitora, internauta e pessoa, agradeço infinitamente por esse trabalho tão bonito. Beijos!